



GNOSIS BRASIL

CIÊNCIA E CULTURA DO HOMEM EM BUSCA DO SER

www.gnosisbrasil.com

A Revolução da Dialética

Samael Aun Weor

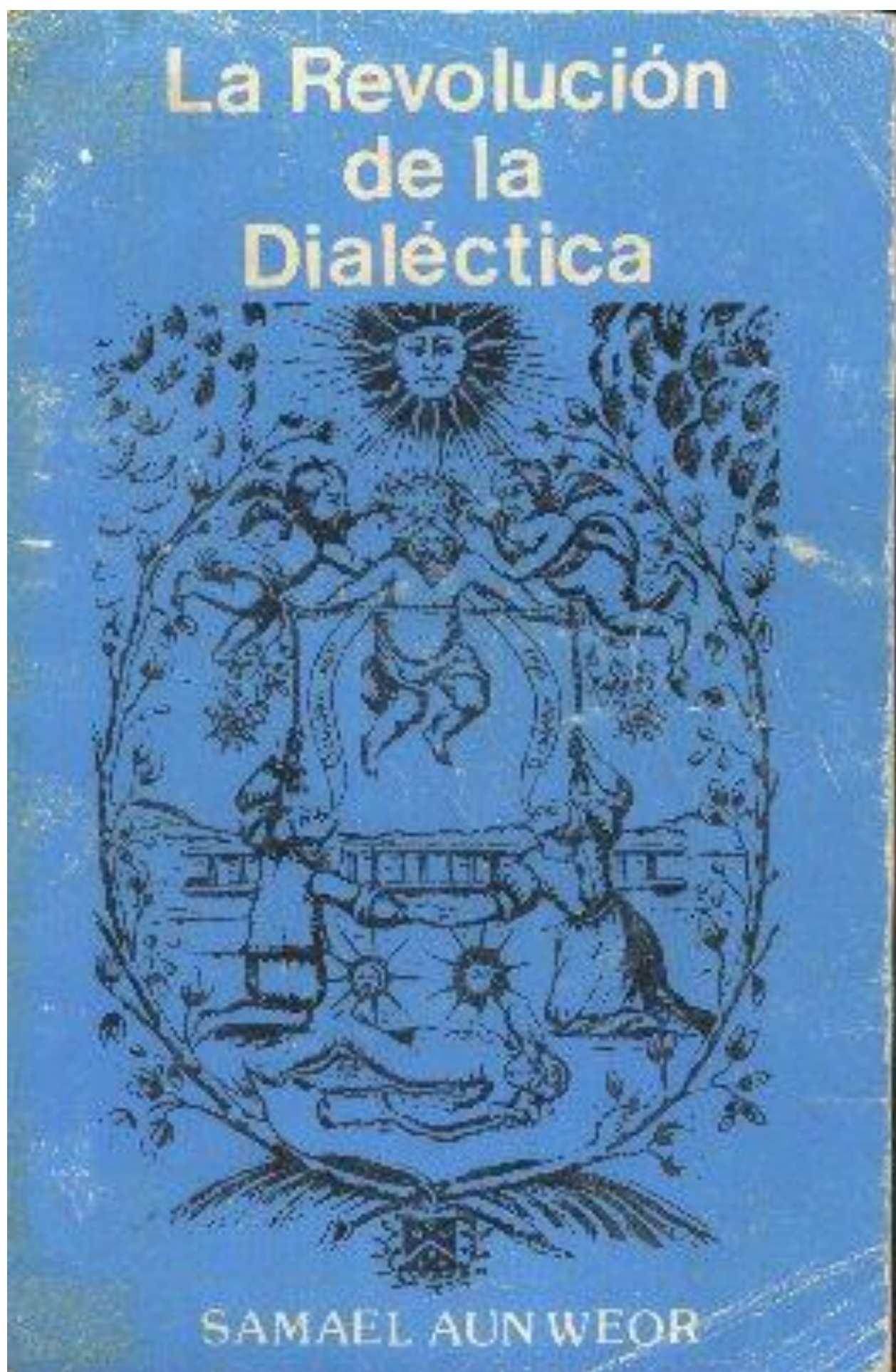
Instituto Gnosis Brasil

Website: www.gnosisbrasil.com

Facebook: www.facebook.com/gnosisbrasil

Sedes Gnósticas no Brasil: www.gnosisbrasil.com/loais

Biblioteca Gnóstica (livros, áudios, vídeos, imagens): www.gnosisbrasil.com/biblioteca



SUMÁRIO

PRÓLOGO	3
REFLEXÃO	3
A REVOLUÇÃO DA DIALÉTICA	4
O ENSINAMENTO	4
CAPÍTULO 1	6
DIDÁTICA DA DISSOLUÇÃO DO EU	6
A LUTA DOS OPOSTOS	7
O K-H.....	9
A RESISTÊNCIA	10
A PRÁTICA.....	10
O REQUISITO.....	11
O DERROTISMO.....	11
A PSICOAstrologia	12
A RETÓRICA DO EGO	13
O CENTRO PERMANENTE DE CONSCIÊNCIA	14
A SOBRE-INDIVIDUALIDADE.....	15
O BEM-ESTAR INTEGRAL	15
A AUTO-REFLEXÃO.....	16
A PSICANÁLISE	18
A DINÂMICA MENTAL.....	19
A AÇÃO LACÔNICA DO SER.....	20
O AMOR PRÓPRIO.....	21
A-HIMSA – A NÃO-VIOLENCIA	23
CONDUTA GREGÁRIA.....	24
A DEFORMAÇÃO DA PALAVRA	25
SABER ESCUTAR.....	25
A EXATIDÃO DO TERMO.....	26
O ROBÔ PSICOLÓGICO	27
A CÓLERA.....	27
A PERSONALIDADE.....	28
CATEXE.....	28
A MORTE MÍSTICA	29
DISSOLVENDO A CATEXE SOLTA	30
A NEGLIGÊNCIA.....	31
AS TRANSAÇÕES	31
O TRAÇO PSICOLÓGICO CARACTERÍSTICO PARTICULAR	31
METODOLOGIA DO TRABALHO	34
OS SOFISMAS DE DISTRAÇÃO	35
A FALÁCIA DO EGO.....	36
O ESFORÇO.....	38
A ESCRAVIDÃO PSICOLÓGICA	40
A PERSONALIDADE KALKIANA	42
CONTUMÁCIA.....	46
OS ESTADOS DO EGO.....	48
BLUE TIME – A TERAPÊUTICA DO REPOUSO.....	49
OS CADÁVERES DO EGO.....	50
PSICOGÊNESE	51
A TRANSFORMAÇÃO DAS IMPRESSÕES	52
O ESTÔMAGO MENTAL	60
SISTEMA PARA TRANSFORMAR AS IMPRESSÕES DO DIA	62
CAPÍTULO 2	63

IMAGEM, VALORES E IDENTIDADE	63
A AUTOCRÍTICA.....	64
A AUTO-IMAGEM.....	64
A AUTO-ADORAÇÃO.....	64
O AUTOJULGAMENTO.....	65
A AUTO-IDÉIA	66
CAPÍTULO 3	67
MO-CHAO.....	67
MENTE DISPERSA E MENTE INTEGRAL	67
A REVOLUÇÃO DA MEDITAÇÃO.....	68
A ASSOCIAÇÃO MECÂNICA	70
O DOMÍNIO DA MENTE.....	71
PROBISTMO.....	77
CAPÍTULO 4	79
O INTELECTO.....	79
A INTELIGÊNCIA.....	79
INTELECÇÃO ILUMINADA.....	79
O TEMPO	80
CAPÍTULO 5	81
A COMPREENSÃO	81
IMAGINAÇÃO	81
INSPIRAÇÃO.....	82
INTUIÇÃO	83
OS PROBLEMAS HUMANOS.....	83
CAPÍTULO 6	86
UMA APOSTA COM O DIABO	86
A SUPERDINÂMICA SEXUAL	86
O MERCÚRIO.....	87
CAPÍTULO 7	89
EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL	89
A IMPRENSA.....	89
A TELEVISÃO.....	90
A MÚSICA ULTRAMODERNA.....	90
SOLIOONENSIUS	90
OS PRINCÍPIOS RELIGIOSOS.....	92
A QUARTA UNIDADE DO RACIOCÍNIO	94
A ARTE	95
A CIÊNCIA MATERIALISTA	97
CAPÍTULO 8	103
A EX-PERSONALIDADE E A TEORIA DOS QUANTAS	103
A SUPERDISCIPLINA	104
A AUTO-REFLEXÃO EVIDENTE.....	104
O MISTÉRIO.....	104
O AVATARA	105
CAPÍTULO 9	106
O INDIVÍDUO E A SOCIEDADE.....	106
A CONSCIÊNCIA	107
A ILUMINAÇÃO	107

PRÓLOGO

Nós, os Mestres da Irmandade Branca, membros autoconscientes da Muralha Guardiã, convidamos a todos os irmãos do orbe à ação e à meditação profunda desta obra.

Nós, com os poderes que nos conferiu o Pai de todas as paternidades e a hierarquia supraconsciente do mundo invisível dos Paramarthasatyas, convidamos a todos os movimentos de regeneração que existem no mundo atual, neste instante, e neste contexto histórico, à reflexão serena desta obra e à ação por meio de sua prática.

O Mestre desta obra está em processo de autoperfeição com todas as provas que isto implica nos mundos internos frente à hierarquia.

Esta obra tem como embasamento as antigas Escolas de Mistérios e o trabalho Íntimo do Mestre mediante sua experiência que verteu em todas as suas obras, mas principalmente em suas Mensagens de Natal, O Matrimônio Perfeito, Psicologia Revolucionária, A Grande Rebelião, O Mistério do Áureo Florescer, As Três Montanhas (nesta sua obra psicológica), A Revolução da Dialética e em A Pistis Sophia Desvelada.

Refleti profunda e serenamente nesta obra em liberdade de toda ideia preconcebida ou preconceito. Tratai de vivê-la segundo vossa ação do Ser, vossa iluminação particular, vossa intuição íntima e segundo vosso traço psicológico característico particular. Observai as dinâmicas mudanças de vosso próprio Ser ao irem desaparecendo os defeitos e egos particulares por meio da força divina de vossa Mãe Celeste, fundamento de toda perfeição.

Sem ação, sem a prática de todos estes parâmetros psicológicos, de nada servirá ler este livro. Para se poder saber, primeiro há que se fazer.

Tomai vossa espada em uma mão e a balança na outra e equilibrai o estudo e a prática de cada parâmetro. A espada é a vossa própria medula espinhal e a balança é a energia sexual do Terceiro Logos. O fiel da balança é a vontade soberana que leva à ação.

Ação, meditação, reflexão, paciência, prudência, humildade e sabedoria são as virtudes que poremos em vossas consciências do Ser para que possais chegar à Autorrealização íntima para o bem de todas as nações e para o bem da Criação, pela vontade do Pai de toda a paternidade, o Pai Eterno, o Amor Absoluto de todos os amores, o Criador, a Divina Fonte cristalina e pura de tudo o que existe e é nos mundos visíveis e invisíveis.

Agora, bebei em suas águas puras e cristalinas para que leveis à prática seus preceitos e vosso Real Ser se aproxime dos templos de Mistérios do mundo invisível. Assim seja.

Os Mestres do Templo da Fraternidade Branca.

REFLEXÃO

Nossa posição é absolutamente independente. A Revolução da Dialética não tem outras armas do que as da inteligência nem outros sistemas do que os da sabedoria.

A nova cultura será sintética e suas bases serão A Revolução da Dialética.

Esta obra é eminentemente prática, essencialmente ética e profundamente dialética, filosófica e científica.

Se riem do livro, se nos criticam, se nos insultam, que importa à ciência e que importa a nós, posto que quem ri do que desconhece está a caminho de ser um idiota.

Aqui vai este tratado ao campo de batalha como um leão terrível para desmascarar os traidores e desconcertar os tiranos diante do veredicto solene da consciência pública.

A REVOLUÇÃO DA DIALÉTICA

O monoteísmo conduz sempre ao antropomorfismo – idolatria – dando origem, por reação, ao ateísmo materialista; por isto preferimos o politeísmo.

Não nos assusta falar sobre os princípios inteligentes dos fenômenos mecânicos da natureza, ainda que nos qualifiquem de pagãos.

Somos partidários de um politeísmo moderno fundamentado na psicotrônica.

As doutrinas monoteístas conduzem, em última síntese, à idolatria. É preferível falar dos princípios inteligentes que jamais conduzem ao materialismo.

O abuso do politeísmo conduz, por seu turno, e por reação, ao monoteísmo.

O monoteísmo moderno surgiu do abuso do politeísmo.

Na Era de Aquário, nesta nova etapa da revolução da dialética, o politeísmo deve ser esboçado psicologicamente de uma forma transcendental; ademais, deve ser divulgado inteligentemente.

Há que se fazer uma divulgação muito sábia com um politeísmo monista, vital e integral. O politeísmo monista é a síntese do politeísmo e do monoteísmo... A variedade é unidade.

Na revolução da dialética, os termos bem e mal não são empregados, assim como os de evolução e involução, Deus ou religião.

Nestes tempos caducos e degenerados são necessárias a Revolução da Dialética, a Autodialética e uma Nova Educação.

Na era da revolução da dialética, a arte de raciocinar deve ser dirigida diretamente pelo Ser para que seja metódica e justa. Uma arte de raciocinar objetiva produzirá uma mudança pedagógica integral.

Todas as ações da nossa vida devem ser o resultado de uma equação e de uma fórmula exatas para que possam surgir as possibilidades da mente e as funções do entendimento.

A revolução da dialética tem a chave certa para criar urna mente emancipada, para formar mentes livres de condicionamentos e livres do conceito de opção; unitotais.

A revolução da dialética não se constitui de normas ditatoriais da mente.

A revolução da dialética não procura atropelar a liberdade intelectual.

A revolução da dialética quer ensinar como se deve pensar.

A revolução da dialética não quer enjaular ou encarcerar o pensamento.

A revolução da dialética quer a integração de todos os valores do ser humano.

O ENSINAMENTO

Só a vida intensamente vivida dá uma sabedoria perdurável, já que a mente, que é quem nos faz cometer os erros, impede-nos de chegar ao Anfiteatro da Ciência Cósmica. Os erros da mente são esses eus ou defeitos psicológicos que o animal intelectual falsamente chamado homem carrega em seu interior.

Os defeitos psicológicos encontram-se nos 49 níveis do subconsciente.

Não conseguimos reconhecer ou encontrar os eus ou egos dos 49 níveis subconscientes porque cada um deles toma partes de nossos diferentes corpos. Para tanto, precisamos apelar para uma força superior à mente para que os desintegre com seu fogo serpentino, sendo esta a nossa Divina Mãe Kundalini.

Somente a Mãe Kundalini dos mistérios hindus conhece os 49 níveis do subconsciente.

Os defeitos psicológicos estudados não fazem parte do nosso Ser. Depois de se ter estudado o defeito psicológico através da meditação, se suplica durante a superdinâmica sexual a RAM-IO, a Mãe Kundalini, para que o desintegre com a força sexual.

Por meio do intelecto e da reflexão, não podemos chegar a ver um defeito na mente. Ali ficamos todos estancados, posto que desconhecemos os outros corpos da mente onde o Ego tem a sua guarida.

A mente, o intelecto, a razão e todas essas formas subjetivas com que o ser humano trabalha jamais poderão leva-lo aos profundos níveis do subconsciente, onde o Ego desenvolve continuamente suas películas que adormecem a nossa consciência. Somente a Kundalini, com seu fogo sexual, pode chegar a esses 49 níveis para desintegrar definitivamente isso que nos causa dor, isso que nos mantém na miséria, isso que as pessoas lamentavelmente amam, isso que a psicologia materialista quis endeusar, isso que se chama Ego e que a Revolução da Dialética quer destruir para sempre a fim de que se possa atingir a revolução integral.

CAPÍTULO 1

“SENTIR DOR OU SENTIR-SE FERIDO QUANDO SE É CALUNIADO, ACUSADO OU QUANDO LEVANTEM FALSOS TESTEMUNHOS, É SINAL DE QUE AINDA SE TEM VIVO O EU DO ORGULHO.”
S. A. W.

DIDÁTICA DA DISSOLUÇÃO DO EU

A melhor didática para a dissolução do eu está na vida prática intensamente vivida.

A convivência é um espelho maravilhoso onde se pode contemplar o eu de corpo inteiro.

No relacionamento com nossos semelhantes, os defeitos escondidos no fundo do subconsciente afloram espontaneamente, saltam para fora. O subconsciente nos atraiçoa e, se estamos em estado de alerta percepção, os vemos tais quais são em si mesmos.

A maior alegria de um gnóstico é celebrar o descobrimento de um de seus defeitos.

Defeito descoberto, defeito morto. Quando descobrimos algum defeito, precisamos vê-lo em cena, como quem está vendo um filme, porém sem julgar nem condenar.

Não é suficiente compreender intelectualmente o defeito descoberto. Faz-se necessário submergir em profunda meditação interior para apanhar o defeito em outros níveis da mente.

A mente tem muitos níveis e profundidades. Enquanto não tivermos compreendido um defeito em todos os níveis mentais, nada teremos feito e ele continuará existindo como um demônio tentador no fundo do nosso próprio subconsciente.

Quando um defeito é compreendido integralmente em todos os níveis da mente, este se desintegra... ao se desintegrar e se reduzir à poeira cósmica o eu que o caracteriza.

Assim é como vamos morrendo de instante em instante. Assim é como vamos estabelecendo dentro de nós um centro de consciência permanente, um centro de gravidade permanente.

Dentro de todo ser humano que não se ache no último estágio de degeneração, existe o budata, o princípio búdico interior, o material psíquico ou matéria-prima para se fabricar isso que se chama alma.

O Eu Pluralizado gasta torpemente esse material psíquico em absurdas explosões atômicas de inveja, ódio, cobiça, ciúmes, fornicações, apegos, vaidades etc.

Conforme o Eu Pluralizado vai morrendo de instante em instante, o material psíquico vai se acumulando dentro de nós e se convertendo num centro permanente de consciência.

Assim é como vamos nos individualizando pouco a pouco. Desegoistizando-nos, individualizamo-nos. Esclareça-se, porém, que a individualidade não é tudo. Com o acontecimento de Belém, devemos passar para a sobreindividualidade.

O trabalho de dissolução do eu é algo muito sério. Precisamos estudar profundamente a nós mesmos em todos os níveis da mente. O eu é um livro de muitos volumes.

Precisamos estudar nossa dialética: emoções, ações, pensamentos, de instante em instante, sem justificar nem condenar. Precisamos compreender integralmente a todos e a cada um de nossos defeitos em todas as profundidades da mente.

O Eu Pluralizado é o subconsciente. Quando o dissolvemos, o subconsciente converte-se em consciente.

Precisamos converter o subconsciente em consciente e isto só é possível com a aniquilação do eu.

Quando o consciente passa a ocupar o posto do subconsciente, adquirimos isso que se chama consciência contínua.

Quem goza de consciência contínua vive consciente a todo instante, não só no mundo físico como também nos mundos superiores.

A humanidade atual é subconsciente em uns 97%. Por isso, dorme profundamente, não apenas no mundo físico, mas também nos mundos suprasensíveis durante o sono do corpo físico e depois da morte.

A morte do eu é necessária. Necessitamos morrer de instante em instante, aqui e agora, não somente no mundo físico, mas em todos os planos da mente cósmica.

Devemos ser impiedosos com nós mesmos e fazer a dissecação do eu com o tremendo bisturi da autocrítica.

A LUTA DOS OPOSTOS

Um grande Mestre dizia: Buscai a iluminação que todo o resto vos será dado por acréscimo.

O pior inimigo da iluminação é o eu. É necessário que se saiba que o eu é um nó no fluir da existência, uma fatal obstrução no fluxo da vida livre em seu movimento.

Perguntou-se a um Mestre: Qual é o caminho?

Que magnífica montanha! – respondeu, referindo-se à montanha onde mantinha seu retiro.

Não vos perguntei a respeito da montanha e sim a respeito do caminho.

Enquanto não possais ir além da montanha, não podereis encontrar o caminho, replicou o Mestre.

Outro monge fez a mesma pergunta a esse mesmo Mestre:

Lá está, bem na frente de seus olhos, respondeu o Mestre.

Por que não posso vê-lo?

Porque tens ideias egoístas.

Poderei vê-lo, Senhor?

Enquanto tiveres uma visão dualista e digas: eu não posso e assim por diante, teus olhos estarão obscurecidos pela visão relativa.

Quando não há nem eu nem tu, se pode vê-lo?

Quando não há eu nem tu, quem quer vê-lo?

O fundamento do eu é o dualismo da mente. O eu se sustenta com o batalhar dos opostos.

Todo raciocínio fundamenta-se no batalhar dos opostos. Se dissermos: fulano de tal é alto, queremos dizer que não é baixo. Se dissermos: estou entrando, queremos dizer que não estamos saindo. Se dissermos: estou alegre, afirmamos com isto que não estamos tristes etc.

Os problemas da vida nada mais são do que formas mentais com dois polos: um positivo e outro negativo. Os problemas são criados e sustentados pela mente. Quando deixamos de pensar em um problema, este termina inevitavelmente.

Alegria e tristeza, prazer e dor, bem e mal, triunfo e derrota etc., constituem o batalhar dos opostos no qual o eu se fundamenta.

Vivemos miseravelmente toda a vida passando de um oposto a outro: triunfo-derrota, gosto-desgosto, prazer-dor, fracasso-êxito, isto-aquilo etc.

Precisamos nos libertar da tirania dos opostos e isto só é possível aprendendo-se a viver de instante em instante, sem abstrações de espécie alguma, sem sonhos e sem fantasias.

Haveis observado como as pedras do caminho estão pálidas e puras depois de um torrencial aguaceiro? Só conseguimos soltar um “oh” de admiração. Precisamos compreender esse “oh” das coisas sem deformar essa divina exclamação com o batalhar dos opostos.

Joshu perguntou ao Mestre Nansen:

Que é o TAO?

A vida comum, respondeu Nansen.

Como se faz para se viver de acordo com ela?

Se tratares de viver de acordo com ela, fugirá de ti. Não trates de cantar esta canção, deixa que ela mesma se cante. Por acaso, o humilde soluço não vem por si mesmo?

Recordem esta frase: Vive-se a Gnosis nos fatos; ela murcha nas abstrações e é difícil de ser achada mesmo nos pensamentos mais nobres.

Perguntaram ao Mestre Bokujo:

Teremos de nos vestir e comer todos os dias? Como poderíamos escapar de tudo isto?

O Mestre respondeu:

Comemos, nos vestimos...

Não compreendo, comentou o discípulo.

Então, veste e come, concluiu o Mestre.

Esta é precisamente a ação livre dos opostos. Comemos? Nos vestimos? Por que fazer disso um problema? Por que pensar em outras coisas enquanto se está comendo ou se vestindo?

Se estiveres comendo, come. Se estiveres vestindo, veste-te. Se estiveres andando pela rua, anda, anda, anda, mas não pense em outra coisa. Faça unicamente o que estás fazendo, não fujas do que estiveres fazendo, não fujas dos fatos nem os enchas de tantos significados, símbolos, sermões ou advertências. Viva-os sem alegorias. Viva-os com a mente receptiva de instante em instante.

Compreende que estou te falando do sendeiro da ação livre do doloroso batalhar dos opostos.

Ação sem distrações, sem escapatórias, sem fantasias e sem abstrações de espécie alguma.

Mudai vosso caráter, amadíssimos, mudai-o através da ação inteligente, livre do batalhar dos opostos.

Quando se fecham as portas às fantasias, o órgão da intuição desperta.

A ação livre do batalhar dos opostos é ação intuitiva, é ação plena. Onde há plenitude, o eu está ausente.

A ação intuitiva conduz-nos pela mão até o despertar da consciência.

Trabalhemos e descansemos felizes, abandonando-nos ao curso da vida. Esvaziemos a água turva e podre do pensamento habitual e no vazio fluirá a Gnose e, com ela, a alegria de viver.

Esta ação inteligente, livre do batalhar dos opostos, eleva-nos a um ponto no qual algo deve se romper. Quando tudo caminha bem, rompe-se o teto rígido do pensar e a luz e o poder do Íntimo entram em abundância, pois a mente deixou de sonhar.

Então, no mundo físico e fora dele, durante o sono do corpo material, vivemos totalmente conscientes e iluminados gozando da alegria da vida dos mundos superiores.

Esta contínua tensão da mente, esta disciplina, leva-nos ao despertar da consciência. Se estamos comendo e pensando em negócios, é claro que estamos sonhando. Se estamos dirigindo um automóvel e estamos pensando na noiva, é lógico que não estamos despertos, estamos sonhando. Se estamos trabalhando e estamos nos lembrando do compadre ou da comadre, do amigo ou do irmão etc., é claro que estamos sonhando.

As pessoas que vivem sonhando no mundo físico vivem sonhando também nos mundos internos durante as horas em que o corpo físico está dormindo.

Precisamos deixar de sonhar nos mundos internos. Quando deixamos de sonhar no mundo físico, despertamos aqui e agora e este despertar aparece nos mundos internos.

Buscai primeiro a iluminação que todo o resto vos será dado por acréscimo.

Quem está iluminado vê o caminho. Quem não está iluminado não pode ver o caminho e facilmente pode extraviar-se da senda e cair no abismo.

São terríveis os esforços e a vigilância que se necessita de segundo em segundo, de instante em instante, para não se cair em devaneios. Basta um minuto de descuido e já a mente está sonhando: lembrou-se de algo, pensou em algo distinto ao trabalho ou ao fato que se está vivendo no momento etc.

Quando aprendemos a ficar despertos de instante em instante no mundo físico, durante as horas de sono do corpo físico e também depois da morte, vivemos despertos e autoconscientes de instante a instante nos mundos internos.

É doloroso saber que a consciência de todos os seres humanos dorme e sonha profundamente, não somente durante as horas de repouso do corpo físico, mas também durante esse estado ironicamente chamado de vigília.

A ação livre do dualismo mental produz o despertar da consciência.

O K-H

Tenho de declarar perante o veredicto solene da opinião pública que a meta fundamental de todo estudante gnóstico é chegar a se converter em um K-H, em um Kosmos-Homem.

Todos os seres humanos vivem num cosmos. A palavra cosmos significa ordem e isto é algo que não devemos esquecer jamais.

O cosmos-homem é um ser que tem uma ordem perfeita em seus cinco centros, em sua mente e em sua essência.

Para se chegar a ser um homem cósmico é preciso aprender como se manifestam as três forças primárias do universo: positiva, negativa e neutra.

Mas, no caminho que nos conduz ao cosmos-homem, que é totalmente positivo, vemos que a toda força positiva se opõe sempre uma negativa.

Através da auto-observação, devemos perceber o mecanismo da força opositora.

Quando nos propomos a realizar uma ação especial, seja a aniquilação do Ego, o domínio do sexo, um trabalho especial ou executar um programa definido, precisamos observar e calcular a força da resistência, porque, por natureza, o mundo e sua mecânica tendem a provocar uma resistência e tal resistência é o duplo.

Quanto mais gigantesca for a empresa, maior será a resistência. Aprendem-se a calcular a resistência, poderemos desenvolver a empresa com êxito. Eis onde está a capacidade do gênio, do iluminado.

A RESISTÊNCIA

A resistência é a força opositora. A resistência é a arma secreta do Ego.

A resistência é a força psíquica do Ego oposta à conquista da consciência presa em todos os nossos defeitos psicológicos. Com a resistência, o Ego espera escapar pela tangente, postulando desculpas para calar ou tapar o erro.

Por causa da resistência, os sonhos tornam-se difíceis de interpretação e o conhecimento que se quer ter sobre si mesmo torna-se nebuloso.

A resistência atua como um mecanismo de defesa que trata de omitir erros psicológicos desagradáveis para que não se tenha consciência deles e se continue na escravidão psicológica.

Porém, na realidade e de verdade, tenho de declarar que existem mecanismos para se vencer a resistência e que são:

Reconhecê-la;

Defini-la;

Compreendê-la;

Trabalhar sobre ela;

Vencê-la e desintegrá-la por meio da superdinâmica sexual.

Mas o Ego lutará durante a análise da resistência para que não sejam descobertas suas falácias, o que põe em perigo o domínio que ele tem sobre a nossa mente.

Nos momentos de luta com o Ego, há que se apelar a um poder superior à mente: o fogo da serpente Kundalini dos hindus.

A PRÁTICA

Com a prática, a experimentação ou a vivência de qualquer uma das obras que entreguei à humanidade, o praticante conseguiria, é óbvio, a emancipação psicológica.

Existem pessoas que falam maravilhas sobre a reencarnação, a Atlântida, a alquimia, o Ego, o desdobramento astral etc. Diante do mundo exterior, são entendidos nessas matérias, porém isso é somente estar

intelectualmente informado. No fundo, tais pessoas não sabem nada e na hora da morte ficam com todo esse conhecimento armazenado na memória, mas que não lhes serve para nada no além porque seguem com a consciência adormecida.

Se alguém está unicamente engarrafado em teorias, se não realizou nada prático, se não se fez consciente do que se ensinou nos livros, se deixa o conhecimento na memória, pode-se dizer que perdeu miseravelmente o seu tempo.

A memória é o Princípio Formativo do centro intelectual. Quando uma pessoa aspira a algo mais, quando olha através das limitações do subconsciente e vê aquilo que tem depositado na memória, quando analisa ou medita sobre o último acontecimento ou ensinamento de um livro esotérico, então esses valores passam para a Fase Emocional do mesmo centro intelectual. Quando alguém quer conhecer o profundo significado desses conhecimentos e se entrega de cheio à meditação, tais conhecimentos passarão ao centro emocional propriamente dito, porém precisam ser sentidos no fundo da alma.

Quando esses conhecimentos foram puramente vivenciados, tais valores cognoscíveis da Essência ficam, por fim, depositados na consciência e não se perdem jamais. A Essência vem a ficar enriquecida com eles.

Agora compreenderemos qual é a forma de tornar conscientes os conhecimentos gnósticos que foram entregues nos livros que escrevi anteriormente e neste também.

A meditação é formidável para nos tornarmos conscientes dos conhecimentos gnósticos. Porém, não cometamos o erro de deixar os conhecimentos exclusivamente em teorias ou na memória porque se assim procedermos jamais conseguiremos o domínio da mente.

O REQUISITO

A crua realidade dos fatos nos veio demonstrar que são muitos os que não compreenderam a transcendência do trabalho esotérico-gnóstico e que uma grande maioria não são bons donos de casa.

Quando não se é bom dono de casa, é claro que não se está preparado para entrar na Senda do Fio da Navalha. Para se trabalhar na Revolução da Dialética, precisa-se ter chegado ao nível do bom dono de casa.

Um tipo fanático, lunático, caprichoso etc., não serve para a revolução integral. Um sujeito que não cumpre com os deveres do seu lar não pode conseguir uma grande mudança. Uma pessoa que é mau pai, má esposa ou mau esposo, jamais poderá chegar à transformação radical.

A pedra angular da psicologia revolucionária está no requisito de se possuir um perfeito equilíbrio no lar, seja sendo um bom esposo, um bom pai, bom irmão, bom filho... Perfeito cumprimento dos deveres que existem para com a humanidade doente. Converter-se numa pessoa decente.

Quem não cumpre com estes requisitos jamais poderá avançar praticamente nestes estudos revolucionários.

O DERROTISMO

O animal intelectual falsamente chamado homem tem a ideia fixa de que a aniquilação total do Ego, o domínio absoluto do sexo e a Autorrealização íntima do Ser, são algo fantástico e impossível e não se dá conta de que esse modo de pensar tão subjetivo é fruto de elementos psicológicos derrotistas que dirigem a mente e o corpo daqueles que não despertaram a consciência.

As pessoas desta época caduca e degenerada carregam em seu interior um agregado psíquico que é um grande estorvo no caminho da aniquilação do Ego: o eu do derrotismo.

Os pensamentos derrotistas incapacitam as pessoas de elevar sua vida mecânica a estados superiores. A maioria das pessoas considera-se vencida já antes de iniciar a luta ou o trabalho esotérico-gnóstico.

Temos de nos auto-observar e autoanalisar para descobrir dentro de nós mesmos, aqui e agora, essas facetas que constituem isso que se chama derrotismo.

Sintetizando, diremos que existem três atitudes derrotistas comuns:

1. Sentir-se incapacitado por falta de educação intelectual.
2. Não sentir-se capaz de começar a transformação radical.
3. Andar com a canção psicológica: “Nunca tenho a oportunidade de mudar ou triunfar”.

PRIMEIRA ATITUDE

Quanto a sentir-se incapacitado por uma falta de educação, temos de nos lembrar que todos os grandes sábios como Hermes Trismegisto, Paracelso, Platão, Sócrates, Jesus Cristo, Homero etc. nunca foram à universidade. Na realidade e de verdade, cada pessoa tem seu próprio Mestre, sendo este seu próprio Ser. Ele é isso que está além da mente e do falso racionalismo. Não se confunda educação com sabedoria e conhecimentos.

O conhecimento específico dos mistérios da vida, do cosmos e da natureza, é uma força extraordinária que nos permite conseguir a revolução integral.

SEGUNDA ATITUDE

Os robôs programados pelo anticristo – a ciência materialista – sentem-se em desvantagem porque não se sentem capazes. Isto deve ser analisado. O animal intelectual, por influência de uma falsa educação acadêmica, que adultera os valores do Ser, fabricou em sua mente sensual dois terríveis eus que devem ser eliminados: a ideia fixa e a preguiça. Ideia fixa: Vou perder! Preguiça: para praticar as técnicas gnósticas a fim de adquirir os conhecimentos necessários à emancipação de toda a mecanicidade e sair de uma vez por todas dessa tendência derrotista.

TERCEIRA ATITUDE

O pensar do homem-máquina é: Nunca me proporcionam as oportunidades...

As cenas da existência podem ser modificadas. É a pessoa mesmo quem cria suas próprias circunstâncias. Tudo é resultado da lei de ação e consequência, porém com a possibilidade de que uma lei superior transcenda uma lei inferior.

É urgente, é improrrogável, a eliminação do eu do derrotismo. Não é a quantidade de teorias o que conta e sim a quantidade de superesforços que se faz no trabalho da revolução da consciência. O homem autêntico fabrica no momento que quiser as ocasiões propícias para o seu adiantamento espiritual ou psicológico.

A PSICOAstrologia

Está escrito com carvões em brasa no livro da vida que todo aquele que consegue a eliminação total do Ego pode chegar a trocar de signo e livrar-se de suas influências à vontade.

Em nome da verdade, tenho de declarar que Esse que está dentro de mim trocou de signo à vontade. O signo da minha ex-personalidade era de Peixes, porém agora sou de Aquário, um signo terrivelmente revolucionário.

Não podemos negar que as influências dos signos existem e nos dirigem até que se faça uma revolução psicológica dentro de nós mesmos. Porém, todo estudante que aspira à iluminação deve começar sua caminhada rebelando-se contra o que estabelecem os horóscopos.

Isso de que um signo não é compatível com outro signo é totalmente absurdo; os que não são compatíveis entre si são os egos, os eus, esses elementos indesejáveis que carregamos dentro de nós.

A astrologia destes tempos do fim não serve para nada porque é puro comércio. A verdadeira astrologia dos sábios caldeus foi esquecida.

As pessoas-máquinas não querem mudar e dizem: Este é o meu signo! Esta é a minha influência zodiacal etc... Jamais me cansarei de enfatizar que o importante é mudar emocional e mentalmente.

Precisamos mudar mentalmente para que penetrem e se manifestem em nós as autênticas forças zodiacais que emanam do Ser, desde a Via-Láctea, as quais nos darão um Centro de Gravidade Permanente.

A luz não deve ser buscada nos horóscopos, a luz surge quando eliminamos de nós mesmos o traço psicológico característico particular e quando criamos um odre novo – a mente – para verter nele os ensinamentos da psicoastrologia que ensinei em minha obra Curso Zodiacal (Zodíaco Humano).

O Ser e a Mãe Divina são os únicos que podem nos emancipar dando-nos uma educação integral; nada de horóscopos de jornais ou de revistinhas baratas.

Temos de sacudir a poeira dos séculos e eliminar todos esses rançosos costumes e crenças. Temos de sair desse fanatismo astrológico de que esta é a minha influência zodiacal e não tem remédio! Essa forma de pensar tão subjetiva é um sofisma de distração do Ego.

A RETÓRICA DO EGO

Analisando detidamente o bípede tricerebrado chamado homem, chegamos à conclusão lógica que ele ainda não tem um centro de consciência permanente, um centro de gravidade permanente.

Não podemos afirmar que os bípedes humanos estejam individualizados. Estamos seguros de que só estão instintivizados, isto é, que são impelidos somente pelos eus que dirigem o centro instintivo ao seu capricho.

O querido Ego não tem individualidade alguma. É uma soma de fatores de discórdia, uma soma de pequenas catexes soltas – energias psíquicas egóicas.

Cada pequeno eu dos que constituem a legião denominada Ego tem realmente seu próprio critério pessoal, seus próprios projetos, suas próprias ideias e sua própria retórica.

A retórica do Ego é a arte de falar bem e com elegância de uma maneira tão sutil que não nos damos conta do momento em que caímos no erro. A retórica do Ego é tão subliminar que, por essa razão nossa consciência está adormecida sem que nos demos conta disso.

Vemos o Ego com sua retórica levando os povos a uma corrida armamentista: O volume de comércio pesado – aviões, navios de guerra e carros blindados – entre os países do Terceiro Mundo duplicou entre 1973 e 1976, já que se elevaram ao dobro suas importações. O curioso é que em uma época em que se fala de controle de armas e de paz, países em vias de um suposto desenvolvimento, com a ajuda dos supostamente industrializados, aumentem sua capacidade de destruição. É este – cabe perguntar – o caminho adequado para o desarmamento e a paz mundial? Muito ao contrário, esta é a retórica do Ego!

Os bípedes humanos seguem fascinados com os inventos e com todas as aparentes maravilhas do anticristo – a ciência materialista. Na Etiópia, desde 1973 até hoje, morreram mais de 200 mil pessoas de fome. Isto é civilização? Esta é a retórica do Ego...

O bípede humano só quer viver em seu mundinho que já não serve para nada. A psicologia materialista, a psicologia experimental, não serve para nada. A prova é que não pôde solucionar os problemas mentais que afetam o povo dos Estados Unidos. Prova disso é que continuam e se multiplicam pelas grandes cidades da União Americana as famosas quadrilhas. Vejamos: Na cidade de Nova York existem os trash, grupo cujos membros têm uns 30 anos de idade. Usam roupas sujas e botas de pele. Reúnem-se nos tetos das casas e se orgulham de ser considerados bons bilharistas.

Os ciclistas desconhecidos também são mais ou menos da mesma idade. Vestem-se usualmente como os hell's angels e usam jaquetas de couro com grandes zíperes. Suas bicicletas são velhas Schwinn que foram adaptadas com forquilha alongadas para que se pareçam a motocicletas.

A violência é uma parte aceita nas vidas de cada um dos milhares de integrantes. Existem quadrilhas nesse país que lamentavelmente os bípedes humanos de outros países querem imitar. Isto é libertação psicológica? Falso! Esta é a retórica do Ego que a todos mantém enganados. Somente vivendo os ensinamentos que entrego em todo este autêntico tratado de psicologia revolucionária poderão, os bípedes humanos, libertar-se da retórica do Ego. Porém, há que ser levado à prática.

O CENTRO PERMANENTE DE CONSCIÊNCIA

Os bípedes tricerbrados não têm individualidade alguma; não têm um centro permanente de consciência (CPC). Cada um de seus pensamentos, sentimentos e ações depende da calamidade do eu que em determinado momento controle os centros capitais da máquina humana.

Aqueles que durante muitos anos de sacrifício e dor vêm lutando pelo Movimento Gnóstico puderam ver na prática coisas terríveis. Quantos juraram com lágrimas nos olhos trabalhar pela Gnosis até o final dos seus dias? Prometeram à Grande Causa fidelidade eterna e pronunciaram tremendos discursos. E aí? Em que ficaram suas lágrimas de sangue? Em que ficaram seus terríveis juramentos? Tudo foi inútil. Quem jurou foi o eu passageiro de um instante, porém quando outro eu substituiu ao que jurara fidelidade, o sujeito afastou-se da Gnosis ou traiu a Grande Causa. Passou para outras escolhinhas atraindo as Instituições Gnósticas.

Realmente, o ser humano não pode ter continuidade de propósitos porque não tem o CPC. Não é um indivíduo. Apenas tem um eu que é uma soma de muitos eus menores.

Muitos são os que esperam a bem-aventurança eterna com a morte do corpo físico, porém a morte do corpo não resolve o problema do eu.

Depois da morte, a catexe solta – o Ego – continua envolta em seu corpo molecular. O bípede humano termina, mas continua a catexe solta, a energia do Ego, em seu corpo molecular. Depois, mais tarde, o Ego perpetua-se em seus descendentes. Retorna para satisfazer seus desejos e continuar as mesmas tragédias.

Chegou a hora de se compreender a necessidade de se produzir, dentro de cada um, uma revolução integral e definitiva a fim de se estabelecer o CPC, o centro permanente de consciência. Só assim nos individualizamos, só assim deixamos de ser legião, só assim nos convertemos em indivíduos conscientes.

O homem atual é semelhante a um barco cheio de passageiros, onde cada passageiro tem seus próprios planos e projetos. O homem atual não tem uma única mente, tem muitas mentes. Cada eu tem sua própria mente.

Felizmente, dentro do bípede humano existe algo mais, existe a Essência. Refletindo seriamente sobre tal princípio, podemos concluir que ele é o material psíquico mais elevado que temos e com o qual podemos formar a nossa alma.

Despertando a Essência, criamos a alma. Despertar a Essência é despertar a consciência. Despertar a consciência equivale a criar dentro de nós um CPC. Só quem desperta a consciência converte-se em indivíduo. Porém, o indivíduo não é o fim, mais tarde teremos que chegar à sobreindividualidade.

A SOBRE-INDIVIDUALIDADE

Precisamos nos “desegoistizar” para nos individualizar e depois nos sobreindividualizar. Precisamos dissolver o eu para ter o CPC que estudamos no capítulo anterior.

O Eu Pluralizado gasta torpemente o material psíquico em explosões atômicas de ira, cobiça, luxúria, inveja, orgulho, preguiça, gula, etc.

Morto o eu, o material psíquico acumula-se dentro de nós convertendo-se no CPC.

Hoje em dia, o ser humano, melhor diríamos, o bípede que a si mesmo se autoqualifica de humano, é realmente uma máquina controlada pela legião do eu.

Observemos a tragédia dos enamorados. Quantos juramentos! Quantas lágrimas! Quantas boas intenções! E em que fica? De tudo não resta senão a triste lembrança. Casam-se, passa o tempo, o homem enamora-se de outra mulher ou a esposa enamora-se de outro homem e o castelo de cartas vai ao chão. Por quê? Porque o ser humano ainda não tem seu CPC.

O pequeno eu que hoje jura amor eterno é substituído por outro pequeno eu que nada tem que ver com dito juramento. Isto é tudo. Precisamos nos converter em indivíduos e isto só é possível criando-se um CPC.

Precisamos criar um CPC e isto só é possível se dissolvendo o Eu Pluralizado.

Todas as íntimas contradições do ser humano seriam suficientes para tornar louco qualquer um que as pudesse ver num espelho. A fonte de tais contradições é a pluralidade do eu.

Quem quiser dissolver o eu terá de começar conhecendo suas íntimas contradições. Infelizmente, as pessoas encantam-se em enganarem a si mesmas para não ver suas próprias contradições.

Quem quiser dissolver o eu terá de começar deixando de ser mentiroso. Todas as pessoas são mentirosas elas mesmas. Todo mundo mente a si próprio.

Caso queiramos conhecer a pluralidade do eu e nossas perenes contradições, devemos não nos autoenganar. As pessoas se autoenganam para não verem suas contradições internas.

Todo aquele que descobre suas íntimas contradições sente vergonha de si mesmo e com justa razão. Compreende que não é ninguém, que é um infeliz, um miserável gusano da terra.

Descobrir nossas próprias contradições íntimas já é um êxito porque nosso juízo interior liberta-se espontaneamente, permitindo que vejamos com clareza o caminho da individualidade e da sobreindividualidade.

O BEM-ESTAR INTEGRAL

Precisamos de bem-estar integral. Todos nós sofremos, temos amarguras na vida e queremos mudar.

Em todo caso, penso que o bem-estar integral é o resultado do autorrespeito. Isto deve parecer bastante estranho a um economista, a um teósofo, etc.

Que teria a ver o autorrespeito com a questão econômica? Com os problemas relacionados com o trabalho ou com a força do trabalho, com o capital, etc.?

Quero comentar o seguinte: O nível de Ser atrai a nossa própria vida... Vivíamos numa casa muito bonita na cidade do México. Atrás dessa casa havia um terreno amplo que estava vazio. Um dia qualquer, um grupo de paraquedistas, como os chamamos, invadiu o terreno. Logo edificaram suas choças de papelão e se estabeleceram por ali. Inquestionavelmente, converteram-se em algo sujo dentro daquele bairro. Não quero subestimá-los, mas se realmente suas choças de papelão estivessem asseadas, nada objetaria. Infelizmente, havia entre aquelas pessoas um desleixo espantoso.

Observei cuidadosamente do terraço da casa a vida daquelas pessoas. Insultavam-se, feriam a si mesmas, não respeitavam seus semelhantes, etc. Sua vida, em síntese, era horripilante com misérias e abominações.

Se antes não se via por ali as patrulhas policiais, agora elas andavam sempre visitando o bairro. Se antes o bairro era pacífico, agora convertera-se num inferno. Assim, pude evidenciar que o nível de Ser atrai nossa própria vida. Isso é óbvio.

Suponhamos que um desses moradores resolvesse da noite para o dia respeitar os demais e a si próprio. Obviamente, mudaria.

Que se entende por respeitar a si mesmo? Deixar a delinquência, não roubar, não fornicar, não adular, não invejar o bem-estar do próximo, ser humilde e simples, abandonar a preguiça e converter-se numa pessoa ativa, asseada, decente, etc.

Um cidadão ao respeitar a si mesmo muda de nível de Ser e, ao mudar de nível de Ser, inquestionavelmente atrai novas circunstâncias, pois se relaciona com gente mais decente, com pessoas distintas e possivelmente, esse novo relacionamento provocará uma mudança econômica e social em sua existência. Assim, se cumpriria o que estou dizendo, de que o autorrespeito integral vem a provocar o bem-estar social e econômico. Porém, se alguém não sabe respeitar a si mesmo, tampouco respeitará os seus semelhantes e condenará a si próprio a uma vida infeliz e desventurada.

O princípio do bem-estar integral está no autorrespeito.

A AUTO-REFLEXÃO

Não esqueçamos que o exterior é tão só o reflexo do interior. Isto já foi dito por Emmanuel Kant, o filósofo de Königsberg. Se estudamos cuidadosamente sua CRÍTICA DA RAZÃO PURA, descobrimos certamente que o exterior é o interior; palavras textuais de um dos maiores pensadores de todos os tempos.

A imagem exterior do homem e as circunstâncias que o rodeiam são o resultado da autoimagem. Todos nós temos uma autoimagem. Esta palavra composta – auto e imagem – é profundamente significativa.

Justamente, chega-me a memória nestes momentos aquela fotografia de Santiago. Tira-se uma fotografia do nosso amigo Santiago e, coisa curiosa, saem dois Santiago: um muito quieto, na posição de sentido, com o rosto para frente, e o outro aparece caminhando na frente dele e com o rosto de forma diferente. Como é possível que numa foto saiam dois Santiago?

Creio que vale a pena se ampliar esta foto porque pode servir para ser mostrada a todas as pessoas que se interessam por estes estudos. Obviamente, penso que o segundo Santiago seria o autorreflexo do primeiro.

Isso é óbvio! Está escrito que a imagem exterior do homem e as circunstâncias que o rodeiam são o resultado da autoimagem.

Também está escrito que o exterior é tão somente o reflexo do interior. Assim é que se nós não nos respeitamos, se a imagem interior de nós mesmos é muito pobre, se estamos cheios de defeitos psicológicos, de chagas morais, inquestionavelmente surgirão eventos desagradáveis no mundo exterior como dificuldades econômicas, sociais, etc. Não esqueçamos que a imagem exterior do homem e as circunstâncias que o rodeiam são o resultado de sua autoimagem.

Todos nós temos uma autoimagem e fora, a imagem física que pode ser fotografada. Porém, dentro temos outra imagem. Para esclarecer melhor, diremos que fora temos a imagem física e sensível e dentro a imagem de tipo psicológico e hipersensível.

Se fora temos uma imagem pobre e miserável e se essa imagem é acompanhada de circunstâncias desagradáveis, uma situação econômica difícil, problemas de toda espécie, conflitos, seja em casa, no trabalho ou na rua, isto se deve simplesmente porque a nossa imagem psicológica é pobre, defeituosa e horripilante. Refletimos no meio ambiente o que somos: nossa miséria, nossa nulidade.

Se queremos mudar, precisamos de uma mudança ampla e total: imagem, valores, identidade... Devemos mudar radicalmente.

Em várias de minhas obras, disse que cada um de nós é um ponto matemático no espaço e que concorda em servir de veículo a determinadas somas de valores. Alguns servem de veículo a valores geniais e outros poderão servir de veículo a valores medíocres. Por isso, cada um é cada um. A maior parte dos seres humanos serve de veículo aos valores do Ego, do eu. Estes valores podem ser ótimos ou negativos. Assim que imagem, valores e identidade são um todo único.

Digo que devemos passar por uma transformação radical e afirmo de forma enfática que identidade, valores e imagem devem ser mudados totalmente.

Precisamos de uma nova identidade, de novos valores e de uma nova imagem. Isto é revolução psicológica, revolução íntima. É absurdo continuar dentro desse círculo viciado em que atualmente nos movemos. Precisamos mudar integralmente.

A autoimagem de um homem dá origem a sua imagem exterior. Ao dizer autoimagem, refiro-me à imagem psicológica que temos dentro. Qual será a nossa imagem psicológica? Será a do iracundo, do cobiçoso, do luxurioso, do invejoso, do orgulhoso, do preguiçoso, do glutton? Ou qual? Qualquer que seja a imagem que tenhamos de nós mesmos, isto é, a autoimagem, dará origem, como é natural, à imagem exterior.

A imagem exterior, ainda que esteja bem vestida, pode ser pobre. Por acaso, é bonita a imagem de um orgulhoso? De alguém que se tornou insuportável, que não tem um grão de humildade? Por acaso, é agradável a imagem de um luxurioso? Como age um luxurioso, como vive, que aspecto apresenta o seu quarto, qual é o seu comportamento na vida íntima com o sexo oposto, talvez já seja um degenerado? Qual seria a imagem externa de um invejoso, de alguém que sofre com o bem-estar do próximo e que secretamente causa dano aos outros por inveja? Qual é a imagem de um preguiçoso que não quer trabalhar e que anda sujo e abominável? E a do glutton...?

Assim que, na verdade, a imagem exterior é o resultado da imagem interior. Isto é irrefutável.

Se um homem aprende a respeitar a si mesmo, muda sua vida, não somente dentro do terreno da ética ou da psicologia, mas também dentro do terreno social, econômico e até político. Porém, tem de mudar. Por isso, insisto em dizer que identidade, valores e imagem devem ser mudados.

A identidade, os valores e a imagem que temos atualmente são miseráveis. Devido a isso, a vida social está cheia de conflitos e problemas econômicos. Ninguém é feliz por estes tempos, ninguém é ditoso. Porém, poderiam ser mudadas a imagem, os valores e a identidade que temos? Poderíamos assumir uma nova identidade, novos valores e nova imagem? Afirmo claramente que sim, é possível!

Inquestionavelmente, precisaríamos desintegrar o Ego. Todos nós temos um eu. Quando batemos numa porta e perguntam: quem é? Respondemos: Sou eu. Mas, quem é esse eu, quem é esse mim mesmo?

Na realidade e de verdade, o Ego é uma soma de valores negativos e positivos. Se desintegrássemos o Ego e acabássemos com esses valores positivos e negativos, poderíamos servir de veículo a novos valores, aos valores do Ser. Porém, neste caso, precisamos de uma nova didática, se é que queremos eliminar todos os valores que temos atualmente para provocar uma mudança.

A PSICANÁLISE

A didática para se conhecer e eliminar os valores positivos e negativos que carregamos dentro existe e se chama psicanálise íntima.

Necessitamos apelar para a psicanálise íntima. Quando alguém apela para a psicanálise íntima para conhecer seus defeitos de tipo psicológico, surge-lhe uma grande dificuldade. Quero me referir de forma enfática à força da contratransferência. Porém, a solução está em transferir nossa atenção para dentro com o propósito de nos autoexplorar, de nos autoconhecermos e de eliminar os valores negativos que nos prejudicam psicologicamente no social, no econômico, no político e até no espiritual.

Infelizmente, repito, quando se trata de se introverter para se autoexplorar e conhecer a si mesmo, de imediato surge a contratransferência. A contratransferência é uma força que dificulta a introversão. Se não existisse a contratransferência, a introversão seria mais fácil.

Precisamos da psicanálise íntima, precisamos da autoinvestigação íntima para nos autoconhecer realmente. Homo nosce te ipsum. Homem, conhece a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses.

Quando alguém conhece a si próprio, pode mudar. Enquanto não se conheça, qualquer mudança será subjetiva. Mas, antes de tudo, precisamos da autoanálise. Como se venceria a força da contratransferência que dificulta a psicanálise íntima e a autoanálise? Isto somente é possível com a análise transacional e com a análise estrutural.

Quando alguém apela para a análise estrutural, fica conhecendo essas estruturas psicológicas que dificultam e tornam impossível a introspecção íntima. Conhecendo tais estruturas, as compreendemos e compreendendo-as poderemos então vencer o obstáculo.

Porém, ainda precisamos de mais alguma coisa. Precisamos também da análise transacional. Existem transações bancárias, comerciais, etc., como também existem transações psicológicas.

Os diversos elementos psíquicos que carregamos em nosso interior estão submetidos às transações, aos intercâmbios, às lutas, às mudanças de posição, etc. Não são algo imóvel, existem sempre em estado de movimento.

Quando alguém, mediante a análise transacional, conhece os diferentes processos psicológicos, as diversas estruturas, então terminam as dificuldades na introspecção psicológica. Posteriormente, realizamos a autoexploração de nós mesmos com pleno êxito.

Quem conseguir a autoexploração plena sobre tal ou qual defeito, seja para conhecer a ira, seja para conhecer a cobiça, a luxúria, a preguiça, a gula, etc., realizará avanços psicológicos formidáveis.

Para se conseguir a autoexploração plena, teremos que começar primeiro por segregar o defeito que queremos eliminar de nós mesmos para que posteriormente seja dissolvido.

Defeito desintegrado libera sempre um percentual de essência anímica. A medida que formos desintegrando cada um de nossos falsos valores, isto é, nossos defeitos, a essência anímica engarrafada neles será liberada e, por fim, a essência psicológica totalmente liberada nos transformará radicalmente. Será nesse preciso instante que os valores eternos do Ser se expressarão através de nós. Inquestionavelmente, isso seria maravilhoso não somente para nós mesmos como também para a humanidade.

Quando tivermos conseguido desintegrar ou dissolver completamente os valores negativos, respeitaremos a nós mesmos e aos demais e nos converteremos numa fonte de bondade para todo mundo, em uma criatura perfeita, consciente e maravilhosa.

Esta autoimagem mística de um homem desperto dará origem, por consequência ou corolário, à imagem perfeita de um nobre cidadão. Suas circunstâncias serão benéficas também em todos os sentidos. Será um elo de ouro na grande cadeia universal da vida. Será um exemplo para o mundo inteiro, uma fonte de alegria para muitos seres, um Iluminado no sentido mais transcendental da palavra, alguém que gozará de um êxtase contínuo e delicioso.

A DINÂMICA MENTAL

Necessitamos saber algo sobre como e por que a mente funciona. Na dinâmica mental aprenderemos.

Inquestionavelmente, a mente é um instrumento que devemos aprender a dirigir conscientemente. Porém, seria absurdo querer que tal instrumento seja eficiente sem antes se conhecer o seu como e o seu porquê.

Quando alguém conhece o como e o porquê da mente, quando conhece as suas diversas funções, pode controlá-la e ela converte-se num instrumento útil e perfeito, num maravilhoso veículo, mediante o qual pode trabalhar em benefício da humanidade.

Precisamos, na verdade, de um sistema realista, se é que verdadeiramente queremos conhecer o potencial da mente humana.

Por estes tempos, existem métodos para o controle da mente em abundância. Há aqueles que pensam que certos exercícios artificiais podem ser magníficos para o controle do entendimento. Existem escolas, muita teoria sobre a mente, muitos sistemas, mas como seria possível fazer da mente algo útil? Reflitamos: Se conhecêssemos o como e o porquê da mente, não poderíamos fazer com que ela fosse perfeita?

Precisamos conhecer as diversas funções da mente, se é que queremos que ela seja perfeita. Como funciona? Por que funciona? Estes como e por que são definitivos.

Se, por exemplo, jogamos uma pedra num lago, veremos que se formam ondas. Elas são a reação do lago, da água, contra a pedra. Similarmente, se alguém nos lança uma palavra irônica, esta palavra chega até a mente e esta reage contra a palavra. Então, surgem os conflitos.

Todo mundo está com problemas, todo mundo vive em conflito. Observei cuidadosamente as mesas de debates de muitas organizações, escolas, etc. Não se respeitam uns aos outros... Por quê? Porque não respeitam a si mesmos.

Observe-se um senado, uma câmara de deputados ou simplesmente uma reunião de escola. Se alguém diz alguma coisa, já o outro se sente atingido, se ofende, e diz algo pior. Brigam entre si e a reunião da junta diretora termina num grande caos. Isto porque a mente de cada um reage contra os impactos que vêm do mundo exterior, o que é gravíssimo.

Temos que na verdade apelar à psicanálise introspectiva para explorar a própria mente. Faz-se necessário nos conhecer um pouco mais dentro do intelectual. Por exemplo, por que reagimos perante a palavra de um semelhante? Nestas condições, somos sempre vítimas... Se alguém quiser que fiquemos contentes, bastará que nos dê umas palmadinhas no ombro e que nos diga algumas palavras amáveis. Se alguém quiser nos ver aborrecidos, bastará que nos diga algumas palavras desagradáveis.

Então, onde está a nossa verdadeira liberdade intelectual? Qual é? Dependemos concretamente dos demais, somos escravos, nossos processos psicológicos dependem exclusivamente de outras pessoas. Não mandamos em nossos processos psicológicos e isto é terrível.

São os outros que mandam em nós e em nossos processos Íntimos. Um amigo chega de repente e nos convida para uma festa. Vamos à casa do amigo e ele nos oferece uma taça. Sentimos vergonha de recusá-la e a tomamos. Vem outra taça e a tomamos também. Depois, vem outra e outra até que terminamos embriagados. O amigo foi dono e senhor de nossos processos psicológicos.

Uma mente assim pode, por acaso, servir para algo? Se mandam em nós, se todo mundo tem direito de mandar em nós, onde está a nossa liberdade intelectual? Qual é?

De repente, achamo-nos diante de uma pessoa do sexo oposto, identificamo-nos muito com ela e com o tempo terminamos metidos em fôrnicções ou adultérios. Isto quer dizer que aquela pessoa do sexo oposto pôde mais e venceu nosso processo psicológico, controlou-nos, submeteu-nos à sua própria vontade. Isto é liberdade?

O animal intelectual falsamente chamado homem, na realidade e de verdade, foi educado para negar sua autêntica identidade, seus valores e sua imagem. Quais serão a autêntica identidade, os valores e a imagem íntima de cada um de nós? Será por acaso o Ego ou a personalidade? Não! Através da psicanálise introspectiva poderemos passar para além do Ego e descobrir o Ser.

Inquestionavelmente, o Ser em si mesmo é nossa autêntica identidade, nossos valores e nossa imagem. O Ser em si mesmo é o K-H, o Kosmos-Homem, o homem cósmico. Infelizmente, como já foi dito, o animal falsamente chamado homem se autoeducou para negar seus valores Íntimos, caiu no materialismo desta época degenerada, entregou-se a todos os vícios da terra e anda pelo caminho do erro.

Aceitar a cultura negativa, inspirada subjetivamente em nosso interior e seguir o caminho do menor esforço é um absurdo. Infelizmente, as pessoas por estes tempos gozam seguindo o caminho do menor esforço e aceitam a falsa cultura materialista. Deixam ou permitem que seja instalada em sua psique. É assim que chegam à negação dos verdadeiros valores do Ser.

A AÇÃO LACÔNICA DO SER

A ação lacônica do Ser é a manifestação concisa, a atuação breve, que realiza o Real Ser de cada um de nós de forma sintética, matemática e exata como uma Tábua Pitagórica.

Quero que se reflita muito bem sobre a ação lacônica do Ser. Lembrem-se que lá em cima, no espaço infinito, no espaço estrelado, toda ação é o resultado de uma equação e de uma fórmula exatas. Assim também, por simples dedução lógica, temos que afirmar de forma enfática que a nossa verdadeira imagem, o homem cósmico Íntimo, que está além dos falsos valores, é perfeita.

Cada ação do Ser é, inquestionavelmente, o resultado de uma equação e de uma fórmula exatas.

Tem havido casos em que o Ser conseguiu se expressar através de alguém que conseguiu uma mudança de imagem, de valores e de identidade. Então, esse alguém, de fato, converteu-se num profeta ou num iluminado.

Porém, também houve casos lamentáveis de personalidades que serviram de veículo ao próprio Ser e não compreenderam as intenções do divinal.

Quando alguém que serve de veículo ao Ser não trabalha desinteressadamente em favor da humanidade, não entendeu que é uma equação e fórmula exatas da ação lacônica do Ser. Só quem renuncia aos frutos da ação, quem não espera recompensa alguma, quem está animado apenas pelo amor para trabalhar em favor de seus semelhantes, compreendeu a ação lacônica do Ser.

Temos de passar, repito, por uma mudança total de nós mesmos. Imagem, valores e identidade devem mudar. Que bom é ter a imagem jovem do homem terrenal, porém devemos e é melhor termos imagem espiritual e celestial, aqui mesmo, em carne e osso.

Ao invés de se possuir os falsos valores do Ego, devem estar, em nosso coração e em nossa mente, os valores positivos do Ser. Em vez de se ter uma identidade grosseira, devemos ter a identidade posta a serviço do Ser.

Reflitamos na necessidade de nos convertermos na viva expressão do Ser...

O Ser é o Ser e a razão de ser do Ser é o próprio Ser.

Distingamos claramente entre o que é a expressão e o que é a autoexpressão. O Ego pode se expressar, mas nunca terá autoexpressão. O Ego expressa-se através da personalidade e suas expressões são subjetivas. Repete o que outros disseram, narra o que outros contaram, explica o que outros explicaram... não tem a autoexpressão evidente do Ser.

A autoexpressão objetiva e real do Ser é o que conta. Quando o Ser se expressa através de nós, o faz de forma perfeita e lacônica.

Há que se desintegrar o Ego à base de psicanálise íntima para que o Verbo, a palavra do Ser, se expresse através de nós.

O AMOR PRÓPRIO

Muito se falou sobre a vaidade feminina. Porém, na realidade, a vaidade é a viva manifestação do amor próprio.

A mulher diante do espelho é um narciso completo se adorando, se idolatrando com loucura. A mulher adorna-se da melhor maneira que pode, pinta-se, encrespa o cabelo, etc., com um único fim: que os demais lhe digam: Como és bela, como estás bonita, tu és divina, etc.

O eu sempre goza quando as pessoas o admiram, O eu se enfeita para que os outros o adorem. O eu se julga belo, puro, inefável, santo, virtuoso, etc. Ninguém se julga mau. Todas as pessoas se consideram boas e justas.

O amor próprio é algo terrível. Por exemplo, os fanáticos do materialismo não aceitam as dimensões superiores do espaço por amor próprio. Gostam muito de si mesmos e como é natural exigem que as dimensões superiores do espaço, do cosmos e de toda a vida ultrasensível se submetam aos seus caprichos pessoais. Não são capazes de ir além de seu estreito critério e de suas teorias, além de seu querido Ego e de seus preceitos mentais.

A morte não resolve o fatal problema do Ego. Só a morte do eu pode resolver o problema da dor humana, porém o eu ama demais a si mesmo e não quer morrer de forma alguma. Enquanto o eu existir, girará a roda do Samsara, a roda fatal da tragédia humana.

Quando estamos realmente enamorados, renunciamos ao eu. É muito raro na vida achar-se alguém verdadeiramente enamorado. As pessoas estão apaixonadas e isso não é amor. As pessoas se apaixonam quando se encontram com alguém que lhes agrada, porém depois descobrem na outra pessoa seus próprios

erros, qualidades e defeitos. Então, o ser amado torna-se um espelho onde passam a se contemplar totalmente. Realmente, não estão enamorados do ser amado e sim de si mesmos e gozam vendo-se no espelho que é o ser amado. Aí se encontram e supõem que estão enamorados. O eu goza diante do espelho de cristal ou se sente feliz observando-se na pessoa que tem suas mesmas qualidades, virtudes e defeitos.

Muito é o que falam os predicadores sobre a verdade, porém, por acaso, será possível se conhecer a verdade enquanto existir em nós o amor próprio?

Só se acabando com o amor próprio, só com a mente livre de suposições, poderemos experimentar, na ausência do eu, isso que é a VERDADE.

Muitos criticarão esta obra, A REVOLUÇÃO DA DIALÉTICA. Como sempre, os pseudossapietes rirão de seus argumentos revolucionários pelo delito de não coincidir estes ensinamentos com as suas suposições mentais e com as complicadas teorias que mantêm em sua memória.

Os eruditos não são capazes de escutar com mente espontânea, livre de suposições, teorias, preconceitos, etc., a psicologia revolucionária. Não são capazes de se abrirem ao novo com mente íntegra, com mente não dividida pelo batalhar das antíteses.

Os eruditos só escutam para fazer comparações com as suas suposições armazenadas na memória. Os eruditos só escutam para traduzir de acordo com sua linguagem de preconceitos e prejulgamentos para chegar à conclusão de que os ensinamentos de A REVOLUÇÃO DA DIALÉTICA são fantasia. Os eruditos são sempre assim. Suas mentes já estão tão degeneradas que não são capazes de descobrir o novo.

O eu em sua soberba quer que tudo coincida com suas teorias e suposições mentais. O eu quer que todos os seus caprichos se cumpram e que o cosmos em sua totalidade se submeta aos seus experimentos de laboratório.

O Ego se aborrece com tudo aquilo que lhe fira o amor próprio. O Ego adora as suas teorias e preconceitos.

Muitas vezes nos aborrecemos com alguém sem motivo algum. Por quê? Simplesmente porque esse alguém personifica alguns erros que carregamos bem escondidos e que não nos agrada que outro os exhiba. Realmente, os erros que a outros atribuímos os levamos nós bem dentro.

Ninguém é perfeito neste mundo. Todos nós fomos cortados pela mesma tesoura. Cada um de nós é um mau caracol no seio da Grande Realidade.

Quem não tem um defeito em determinada direção, o tem noutra direção. Alguns não cobiçam dinheiro, mas cobiçam fama, honras, amores, etc. Outros não adulteram com a mulher alheia, porém gozam adulterando doutrinas, misturando credos em nome da Fraternidade Universal.

Alguns não sentem ciúmes da sua mulher, porem são ciumentos de amizades, credos, seitas, coisas, etc. Assim somos nós, seres humanos, cortadinhos pela mesma tesoura.

Não há ser humano que não adore a si mesmo. Nós já escutamos indivíduos que ficaram horas e horas falando de si mesmos, gozando de suas maravilhas, de seu talento, de suas virtudes, etc.

O Ego quer tanto a si mesmo que chega a invejar o bem alheio. As mulheres se enfeitam com muitas coisas, em parte por vaidade e em parte para despertar a inveja das demais mulheres. Todas invejam a todas. Todas invejam o vestido alheio, o belo colar, etc. Todas adoram a si mesmas e não querem ver-se por baixo das demais. São cem por cento narcisistas.

Alguns pseudo-ocultistas ou irmãos de muitas seitas adoram tanto a si mesmos que chegam a se julgar poços de humildade e santidade. Sentem-se orgulhosos de sua própria humildade. São terrivelmente orgulhosos.

Não há irmãzinha ou irmãozinho pseudo-ocultista que no fundo não se presuma de santo, um esplendor de beleza espiritual.

Nenhum irmãozinho ou irmãzinha pseudo-ocultista se julga mau ou perverso. Todos julgam-se santos e perfeitos ainda que sejam realmente não só maus como também perversos.

O querido Ego adora demasiado a si mesmo e sempre se julga, ainda quando não o diga, bom e perfeito.

A-HIMSA – A NÃO-VIOLENCIA

A-Himsa é o pensamento puro da Índia: a não-violência. Realmente, a A-Himsa foi inspirada pelo amor universal. Himsa significa querer matar, querer prejudicar... A-Himsa é, pois, a renúncia a toda a intenção de morte ou dano ocasionado pela violência.

A-Himsa é o contrário de egoísmo. A-Himsa é altruísmo e amor absoluto. A-Himsa é ação reta.

Mahatma Gandhi fez da A-Himsa o báculo de sua doutrina política. Gandhi definiu a manifestação da A-Himsa assim: A não violência não consiste em renunciar a toda a luta real contra o mal. A não-violência, como eu a concebo, empreende uma campanha mais ativa contra o mal que a lei de Talião, cuja própria natureza dá por resultado o desenvolvimento da perversidade. Eu levanto frente ao imoral uma oposição mental, por conseguinte, moral. Trato de inutilizar a espada do tirano não fazendo-a cruzar com um aço de melhor qualidade e sim defraudando sua esperança ao não oferecer resistência física alguma. Ele encontrará em mim a resistência da alma que fugira do seu ataque. Esta resistência primeiramente o cegará e depois o obrigará a dobrar-se. E o fato de dobrar-se, não humilhará o agressor e sim o dignificará... Não existe arma mais poderosa do que a mente bem canalizada!

O Ego é quem desune, atraiçoa e estabelece a anarquia por entre a pobre humanidade doente, O egoísmo, a traição e a falta de fraternidade tem dividido a humanidade.

O eu não foi criado por Deus nem pelo Espírito nem pela matéria. O eu foi criado pela nossa própria mente e deixará de existir quando o tenhamos compreendido totalmente em todos os níveis da mente. Só através da reta ação, reta meditação, reta vontade, retos meios de vida, reto esforço e reta memória conseguimos dissolver o eu. É urgente se compreender a fundo tudo isto se queremos realmente a revolução da dialética.

Não se deve confundir a personalidade com o eu. Realmente, a personalidade se forma durante os sete anos da infância. O eu é o erro que se perpetua de século em século fortificando-se cada vez mais com a mecânica da recorrência.

A personalidade é energética. Nasce com os hábitos, costumes, ideias, etc., durante a infância e fortifica-se com as experiências da vida. Tanto a personalidade como o eu devem ser desintegrados. Nós somos mais revolucionários nos ensinamentos psicológicos que Gurdjieff e Ouspensky.

O eu utiliza a personalidade como instrumento de ação. O personalismo resulta dessa mistura de Ego e personalidade. O culto à personalidade foi inventado pelo eu. Realmente, o personalismo gera egoísmos, ódios, violências, etc. Tudo isto é rechaçado pela A-Himsa.

O personalismo arruína totalmente as organizações esotéricas. O personalismo produz anarquia e confusão. O personalismo pode destruir totalmente qualquer organização.

Em cada reincorporação – retorno – o Ego fabrica uma nova personalidade. Cada pessoa é diferente em cada nova reincorporação.

É urgente saber viver. Quando o eu se dissolve, a Grande Realidade, a verdadeira Felicidade, Aquilo que não tem nome, vem a nós.

Façamos distinção entre o Ser e o eu. O homem atual só tem o eu. O homem é um ser que não conseguiu. É urgente se conseguir o Ser. É necessário se saber que o Ser é felicidade sem limites.

É absurdo dizer-se que o Ser é o Eu Superior, o Eu Divino, etc. O Ser sendo de tipo universal e cósmico não pode ter sabor de ego. Não tratemos de divinizar o eu.

A A-Himsa é não-violência em pensamento, palavra e obra. A A-Himsa é respeito às ideias alheias, respeito a todas as religiões, escolas, seitas, organizações, etc.

Não esperemos que o eu evolua porque o eu não se aperfeiçoa jamais. Necessitamos de uma total revolução da consciência. Este é o único tipo de revolução que aceitamos.

Na revolução da dialética, na revolução da consciência, encontramos as bases da doutrina da A-Himsa.

Conforme morrermos de instante a instante, a concórdia entre os homens irá se desenvolvendo lentamente. Conforme formos morrendo de instante a instante, o sentido da cooperação irá substituindo totalmente o sentido de competição. Conforme morrermos de momento a momento, a boa vontade irá substituindo pouco a pouco a má vontade.

Os homens de boa vontade aceitam a A-Himsa. É impossível se iniciar uma nova ordem em nossa psique excluindo-se a doutrina da não violência.

A A-Himsa deve ser cultivada nos lares seguindo-se a senda do matrimônio perfeito. Só com a não violência em pensamento, palavras e obras pode reinar a felicidade nos lares.

A A-Himsa deve ser o fundamento do viver diário no escritório, na fábrica, no campo, no lar, na rua, etc. Devemos viver a doutrina da não violência.

CONDUTA GREGÁRIA

Conduta gregária é a tendência que tem a máquina humana de estar misturada com as outras sem distinção e sem controle de nenhuma espécie.

Vejamos o que se faz quando se está em grupo ou entre a multidão. Estou seguro de que bem poucas pessoas se atreveriam a sair na rua e jogar pedras contra alguém. No entanto, em grupo o fazem. Alguém pode infiltrar-se numa manifestação pública e ficar exaltado por causa do entusiasmo. Terminará jogando pedras junto com a multidão ainda que depois venha a se perguntar porque o fez.

O ser humano comporta-se de forma diferente quando em grupo. Faz coisas que nunca faria sozinho. A que se deve isso? Deve-se às impressões negativas às quais abriu as portas. Assim, termina fazendo o que jamais faria sozinho.

Quando alguém abre as portas às impressões negativas, não só altera a ordem do centro emocional, que está no coração, como ainda o torna negativo. Quando alguém abre suas portas, por exemplo, às emoções negativas de uma pessoa que vem cheia de ira, porque alguém causou-lhe algum dano, termina aliando-se a essa pessoa contra o causador do dano e se encherá de raiva também sem ter nada que ver com o assunto.

Suponhamos que alguém abre as portas às impressões negativas de um embriagado e termina aceitando um copo de bebida. Em seguida, aceita dois, três... dez. Em conclusão, fica embriagado também.

Suponhamos que alguém abre as portas às impressões negativas de uma pessoa do sexo oposto. Provavelmente, acabará fornicando e cometendo todo tipo de delitos.

Se abrimos as portas às impressões negativas de um drogado, quem sabe terminemos também fumando maconha ou consumindo algum tipo de entorpecente. Como conclusão, virá o fracasso.

Assim é como os seres humanos contagiam-se uns aos outros dentro de ambientes negativos. Os ladrões tornam as outras pessoas ladras. Os homicidas sempre contagiam alguém. Os viciados contagiam os outros e multiplicam-se os drogados, os ladrões, os agiotas, os homicidas, etc. Por quê? Porque cometem o erro de abrir sempre as portas às emoções negativas. Isso não está certo. Seleccionemos nossas emoções.

Se alguém nos trazer emoções positivas de luz, de beleza, de harmonia, de alegria, de perfeição, de amor... abramos a elas as portas do nosso coração. Porém, se alguém nos trazer emoções negativas de ódio, de violência, de ciúmes, de drogas, de álcool, de fornicação ou de adultério, por que iremos lhe abrir as portas do nosso coração? Fechemo-las! Cerremos as portas às emoções negativas!

Quando alguém reflete sobre a conduta gregária, pode perfeitamente modificá-la e fazer de sua vida algo melhor.

A DEFORMAÇÃO DA PALAVRA

O som do canhão, seu estampido, destrói os vidros de uma janela. Por outro lado, uma palavra suave apazigua a ira ou a raiva. Já uma palavra grosseira, inarmônica, causa pesar, melancolia, tristeza ou ódio, etc.

Diz-se que o silêncio é ouro, porém melhor é dizer: É tão ruim falar quando se deve calar, quanto calar quando se deve falar.

Há silêncios delituosos, há palavras infames... Devemos calcular com nobreza o resultado das palavras faladas, pois muitas vezes ferimos os outros com palavras proferidas de forma inconsciente.

As palavras cheias de mal intencionado sentido produzem fornicções no mundo da mente. As palavras arrítmicas geram violência no mundo da mente cósmica.

Jamais se deve condenar a alguém com a palavra porque não se deve julgar a ninguém nunca. A maledicência, a intriga e a calúnia têm enchido o mundo de dor e amargura.

Se estamos trabalhando com a superdinâmica sexual, temos de compreender que as energias criadoras estão expostas a todo tipo de modificações. Estas energias da libido podem ser modificadas em poderes de luz ou de trevas. Tudo depende da qualidade das palavras.

O homem perfeito fala palavras de perfeição. O estudante gnóstico que quer seguir pelo caminho da revolução da dialética tem de se habituar a controlar a linguagem. Precisa aprender a comandar a palavra.

Não é o que entra pela boca o que causa dano ao homem e sim o que sai! Da boca sai a injúria, a intriga, a difamação, a calúnia, o debate, etc. Tudo isto prejudica ao homem.

Evite-se todo tipo de fanatismo porque com ele causamos muito dano ao homem, ao próximo. Não somente se fere aos demais com palavras grosseiras ou com finas e artísticas ironias, mas também com o tom da voz, com inflexões arrítmicas e inarmônicas.

SABER ESCUTAR

Há que se aprender a escutar. Para se aprender a escutar, há que se despertar a consciência.

Para se saber escutar, há que se estar presente. O que se escuta sempre escapa do país ou da cidade psicológicos.

A personalidade humana não sabe escutar, assim também o corpo físico porque é seu veículo.

As pessoas estão cheias de si mesmas, de seus orgulhos, de suas faculdades, de suas teorias...

Não há um rincãozinho ou um lugar vazio para o conhecimento, para a palavra. Devemos manter a tigela voltada para cima como o Buda a fim de receber a palavra crística.

Escutar psicologicamente é muito difícil. Há que se aprender a ficar atento para se saber escutar. Temos de nos tornar mais receptivos à palavra.

As pessoas não se lembram de suas existências anteriores porque não estão em sua casa psicológica; estão fora dela.

Temos de nos lembrar de nós mesmos. Há que se relaxar o corpo tantas vezes quantas possamos durante o dia.

Por esquecimento do Ser, a gente comete muitos erros. Grandes coisas nos acontecem quando nos recordamos de nós mesmos.

Consultar é necessário, porém o importante é saber escutar. Para se saber escutar, há que se ter os centros motor, emocional e intelectual em suprema atenção.

A falsa educação nos impede de escutar. A falsa educação danifica os cinco centros da máquina humana: intelectual, motor, emocional, instintivo e sexual.

Há que se escutar com a mente de forma espontânea, livre de suposições mentais, teorias e preconceitos.

Há que se abrir ao novo com a mente inteira, com a mente não dividida pelo batalhar das antíteses.

A EXATIDÃO DO TERMO

Sócrates exigia como base de sua dialética a precisão do termo. Em nossa dialética revolucionária exigimos como base a precisão do verbo.

A palavra, distinção humana, é o instrumento da expressão individual e da comunicação entre os homens. É o veículo da linguagem exterior e a manifestação ou exteriorização da complicada linguagem interior que tanto pode ser usada pelo Ser como pelo Ego.

Platão em seu diálogo Fédon expressou a um de seus discípulos um conceito famoso por sua profundidade e delicadeza moral: o princípio humano da propriedade idiomática. Diz assim: Tem por sabido, meu querido Crítion, que o falar de uma maneira imprópria não é só cometer uma falta no que se diz, mas também uma espécie de dano que se causa às almas.

Se queremos resolver os problemas, devemos nos abster de opinar. Toda opinião pode ser discutida. Devemos resolver os problemas meditando neles. Precisamos resolvê-los com a mente e com o coração. Precisamos aprender a pensar por nós mesmos. É absurdo repetir como papagaios as opiniões alheias.

Quando se aniquila o Ego, desaparecem os processos opcionais da mente. Opinião é a emissão de um conceito por temor de que o outro seja verdadeiro; isso indica ignorância.

Urgente é aprender a não se identificar com os problemas. Precisamos nos autoexplorar sinceramente e depois guardar um silêncio mental e verbal.

O ROBÔ PSICOLÓGICO

O animal intelectual é semelhante a um robô programado por discos mecânicos. É também semelhante a um relógio porque vive repetindo os mesmos movimentos de suas existências passadas.

O ser humano falsamente chamado de homem é um robô psicológico que nada faz, tudo lhe acontece. O Ser é o único que faz, O Ser faz surgir o que quer porque não é um ente mecânico.

Temos de deixar de ser robôs intelectuais porque o robô sempre repete a mesma coisa, não tem independência.

O robô psicológico está influenciado pelas leis lunares: recorrência, concepção, morte, ódio, egoísmo, violência, presunção, soberba, autoimportância, cobiça desmesurada, etc.

Há que se trabalhar com a superdinâmica sexual para se criar um centro de gravidade permanente e se tornar independente da lua.

Para se deixar de ser um robô psicológico, é necessário dominar a si mesmo. Fausto o conseguiu, porém Cornélio Agrippa não, porque se pôs a teorizar.

As pessoas interessam-se em explorar o mundo, porém é mais importante explorar a si mesmo porque o que explora a si mesmo, domina o mundo.

O robô psicológico que quiser se converter em homem e depois em super-homem deverá desenvolver a capacidade de sustentar as notas.

Quando alguém quiser verdadeiramente deixar de ser máquina, terá que passar pela primeira crise: MI-FÁ e depois pela segunda: SI-DÓ.

A chave dos triunfadores para vencerem as crises e deixarem de ser robôs psicológicos é: escolha, mudança e decisão. Em sete escalas faz-se toda a Obra e adquire-se o som Nirionissiano do universo.

A CÓLERA

A cólera aniquila a capacidade de pensar e de resolver os problemas que a originam. Obviamente, a cólera é uma emoção negativa.

O enfrentamento de duas emoções negativas de cólera não conseguem paz nem compreensão criadora.

Inquestionavelmente, sempre que projetamos a cólera a outro ser humano, produz-se a derrubada de nossa própria imagem e isto nunca é conveniente no mundo das inter-relações.

Os diversos processos da cólera conduzem o ser humano para horríveis fracassos sociais, econômicos e psicológicos. É claro que a saúde também é afetada pela cólera.

Existem certos néscios que se aproveitam da cólera, já que ela lhes dá um certo ar de superioridade. Nestes casos, a cólera combina-se com o orgulho.

A cólera também costuma se combinar com a presunção e até com a autossuficiência. A bondade é uma força muito mais esmagadora que a cólera.

Uma discussão colérica é tão somente uma excitação carente de convicção. Ao enfrentarmos a cólera, devemos resolver-nos, devemos decidir-nos, pelo tipo de emoção que mais nos convém.

A bondade e a compreensão resultam melhores que a cólera. Bondade e compreensão são emoções permanentes, posto que podem vencer a cólera.

Quem se deixa controlar pela cólera destrói sua própria imagem. O homem que tem um completo autocontrole, sempre estará no cimo.

A frustração, o medo, a dúvida e a culpa originam os processos da cólera. Frustração, medo, dúvida e culpabilidade produzem a cólera. Quem se liberar destas quatro emoções negativas dominará o mundo. Aceitar paixões negativas é algo que vai contra o autorrespeito.

A cólera pertence aos loucos. Não serve porque leva à violência. O fim da cólera é levar-nos à violência e esta produz mais violência.

A PERSONALIDADE

A personalidade é múltipla e acomoda muita coisa. Nela ficam depositados o carma das existências anteriores e o carma em vias de cumprimento ou a cristalização dele.

As impressões não digeridas convertem-se em novos agregados psíquicos e o que é mais grave, em várias personalidades. A personalidade não é homogênea e sim heterogênea e plural.

Devemos selecionar as impressões da mesma forma como se escolhe as diversas coisas da vida.

Se alguém se esquece de si mesmo em um dado instante, diante de um novo acontecer, formam-se novos eus e, se são muito fortes, novas personalidades dentro da personalidade. Eis aqui a causa de muitos traumas, complexos e conflitos psicológicos.

Uma impressão não digerida que chegue a formar uma personalidade dentro da personalidade e que não for aceita, converte-se numa fonte de espantosos conflitos.

Nem todas as personalidades que se carrega na personalidade são aceitas, dando isto origem a muitos traumas, complexos, fobias, etc.

Antes de tudo, é necessário se compreender a multiplicidade da personalidade, a qual é múltipla em si mesma.

De maneira que pode haver alguém que tenha desintegrado os agregados psíquicos, porém se não desintegrar também a personalidade, não poderá conseguir a autêntica iluminação e a alegria de viver.

Quando alguém conhece mais e mais a si mesmo, conhece cada vez mais aos outros.

O indivíduo com Ego não vê claramente as coisas e se equivoca. Os que têm Ego falham porque lhes falta juízo, ainda que haja uma tremenda lógica em sua análise.

Se as impressões não forem digeridas, criam-se novos eus. Há que se aprender a selecionar as impressões.

Não se trata de ser melhor! O que interessa é mudar. O Ser surge quando alguém mudou e deixou de existir.

Os elementos indesejáveis que carregamos em nosso interior são os que controlam nossas percepções, impedindo-nos de ter uma percepção integral que nos traga sorte e felicidade.

CATEXE

A energia psíquica, catexe, processando-se como força executiva resulta formidável.

As reservas de inteligência são as diversas partes do Ser e se denominam catexe ligada ou energia psíquica em estado potencial e estático.

A catexe ligada orienta-nos no trabalho relacionado com a desintegração do Ego e com a liberação da mente.

A catexe ligada, contida na mente, guia-nos no trabalho relacionado com a psicologia revolucionária e com a revolução integral.

Os valores do Ser constituem a catexe ligada.

Só a catexe ligada pode liberar a mente através da desintegração dos elementos psíquicos indesejáveis que foram segregados por meio da análise estrutural e transacional.

Catexe ligada é diferente de catexe solta, posto que esta é a energia psíquica que o Ego usa para dominar a mente e o corpo para a sua manifestação.

Temos de permitir que seja a catexe ligada, que é energia psíquica dinâmica, que dirija a nossa existência.

Há que se trabalhar psicologicamente para que a catexe ligada entre em atividade e domine e governe a catexe livre, que é a energia do corpo e que sempre foi dominada lamentavelmente pela catexe solta que é o Ego.

A MORTE MÍSTICA

Muito é o que temos sofrido com os membros do Movimento Gnóstico. Muitos juraram fidelidade diante da ara dos Lumisiais e prometeram solenemente trabalhar na Grande Obra até a total Autorrealização. São muitos os que choraram jurando não se retirarem do Movimento Gnóstico jamais, porém, é doloroso dizê-lo, tudo foi em vão. Quase todos fugiram para se tornarem inimigos... Blasfemando, fornicando e adulterando, se foram pelo caminho negro. Realmente, estas terríveis contradições do ser humano são devidas a que o ser humano tem um fundamento fatal e uma base trágica. Tal fundamento é a pluralidade do eu, a pluralidade da catexe solta que todos levamos dentro.

É urgente saber que o eu é um conjunto de energias psíquicas, catexes soltas, que se reproduzem nos baixos fundos animais do homem. Cada catexe solta é um pequeno eu que goza de certa autoindependência.

Esses eus, essas catexes soltas, lutam entre si. Devo ler um jornal, diz o eu intelectual. Vou dar um passeio de bicicleta, contradiz o eu do movimento. Tenho fome, declara o eu da digestão. Tenho frio, diz o eu do metabolismo. Não me impedirão, exclama o eu passional em defesa de qualquer uma destas catexes soltas.

Total: o eu é uma legião de catexes soltas. Estas catexes soltas já foram estudadas por Franz Hartmann. Vivem dentro dos baixos fundos animais do homem. Comem, dormem, reproduzem-se e vivem às expensas de nossos princípios vitais ou catexe livre: energia cinética muscular e nervosa. Cada um dos egos que em seu conjunto constituem a catexe solta se projeta nos diferentes níveis da mente e viaja ansiando a satisfação de seus desejos. O eu, o Ego, a catexe solta, não pode se aperfeiçoar jamais.

O homem é a cidade das nove portas... Dentro desta cidade vivem muitos cidadãos que sequer se conhecem. Cada um de seus cidadãos, cada um de seus pequenos eus, tem seus projetos e sua própria mente. Eles são os mercadores que Jesus teve de expulsar do templo com o látego da vontade. Tais mercadores devem ser mortos.

Agora, fica explicado o porquê de tantas contradições internas no indivíduo. Enquanto a catexe solta existir, não poderá haver paz. Os eus são a causa causarum de todas as contradições internas. O eu que jura fidelidade à Gnosis é substituído por outro que a odeia. Total: o homem é um ser irresponsável que não tem um centro permanente de gravidade. O homem é um ser não acabado!

O homem ainda não é homem. Ele é tão somente um animal intelectual. É um erro muito grande chamar-se a legião do eu de alma. Na realidade e de verdade, o homem tem dentro de sua essência o material psíquico, o material para fazer a alma, porém ainda não a tem.

Os evangelhos dizem: De que te serve ganhar o mundo se vais perder a alma? Jesus disse a Nicodemos que era preciso nascer da água e do espírito para gozar dos atributos que correspondem a uma alma de verdade. É impossível fabricar-se a alma se não passamos pela Morte Mística.

Só com a morte do eu se pode estabelecer um centro permanente de consciência dentro da nossa própria essência interior. Dito centro é isso que se chama alma. Só um homem com alma pode ter verdadeira continuidade de propósito. Só em um homem com alma deixam de existir as internas contradições, então há verdadeira paz interior.

O eu gasta torpemente o material psíquico, a catexe, em explosões de ira, cobiça, luxúria, inveja, orgulho, gula e preguiça. É lógico que enquanto não houver um acúmulo de material psíquico, catexe, a alma não poderá ser fabricada. Para se fabricar alguma coisa, precisa-se de matéria-prima. Sem matéria-prima, nada pode ser fabricado porque do nada, nada sai.

Quando o eu começa a morrer, a matéria-prima começa a se acumular. Quando a matéria-prima começa a ser acumulada, inicia-se o estabelecimento de um centro de consciência permanente. Quando o eu estiver totalmente morto, o centro de consciência permanente ficou completamente estabelecido.

A matéria psíquica é o capital que se acumula com a morte do Ego, já que o gastador de energia foi eliminado. Assim é como se estabelece um centro permanente de consciência. Esse centro maravilhoso é a alma.

Só pode ser fiel à Gnosis, só pode ter continuidade de propósito, quem estabeleceu dentro de si um centro permanente de consciência. Quem não possui dito centro pode estar hoje na Gnosis e amanhã contra ela. Hoje em uma escola e amanhã em outra. Este tipo de gente não tem existência real.

A morte mística é uma área árdua e difícil da revolução da dialética.

A catexe solta dissolve-se à base de rigorosa compreensão. A convivência com o próximo, o tratamento com as pessoas, é o espelho onde podemos nos ver de corpo inteiro. No trato com as pessoas, nossos defeitos escondidos saltam para fora, afloram, e se estamos vigilantes os vemos.

Todo defeito deve ser primeiramente analisado intelectualmente e depois estudado com a meditação.

Muitos indivíduos alcançaram a perfeita castidade e a absoluta santidade no mundo físico, porém mostraram-se grandes fornicários e espantosos pecadores quando foram submetidos à prova nos mundos superiores. Eles tinham terminado com seus defeitos no mundo físico, porém em outros níveis da mente continuavam com suas catexes soltas.

Quando um defeito é totalmente compreendido em todos os níveis da mente, sua correspondente catexe solta se desintegra, isto é, morre um pequeno eu.

Torna-se urgente morrer de instante a instante. Com a morte do eu nasce a alma. Precisamos da morte do Eu Pluralizado de forma total para que a catexe ligada, o Ser, se expresse em sua plenitude.

DISSOLVENDO A CATEXE SOLTA

Só se estudando minuciosamente a catexe solta, o eu, podemos dissolvê-lo totalmente.

Devemos observar minuciosamente os processos do pensamento, as diferentes funções do desejo, os hábitos que conformam a nossa personalidade, os sofismas de distração, a falácia do Ego e nossos impulsos sexuais. Há que se estudar como tudo isto reage diante dos impactos do mundo exterior e se ver como se associam.

Compreendidos todos os processos da catexe solta, do Eu Pluralizado, ela se dissolve. Então, só se manifesta dentro e através de nós a divindade.

A NEGLIGÊNCIA

A negligência e o descuido conduzem todo ser humano ao fracasso.

Ser negligente é, como se diz, nec legere, não escolher, entregar-se aos braços do fracasso.

A negligência é do Ego e seu contrário é a intuição, que é do Ser. O Ego não pode escolher nem distinguir. O Ser sim.

Só mediante a viva encarnação da revolução da dialética aprenderemos a escolher para não termos mais fracassos na vida.

AS TRANSAÇÕES

Noventa e nove por cento dos pensamentos humanos são negativos e prejudiciais.

O que somos aqui é o resultado de nossos próprios processos mentais.

O homem deve explorar sua própria mente se quiser se conhecer, se valorizar e se autoimaginar corretamente.

A dificuldade da análise introspectiva, profunda, está na contratransferência. Esta dificuldade se elimina com as análises estrutural e transacional.

É importante segregar e dissolver certos agregados psíquicos indesejáveis fixados em nossa mente de forma traumática.

As análises estrutural e transacional combinam-se inteligentemente nessa questão da exploração do Ego.

Qualquer agregado psíquico deve ser previamente segregado antes de sua dissolução final.

O TRAÇO PSICOLÓGICO CARACTERÍSTICO PARTICULAR

Todos os seres humanos são 100% mecanicistas. Inconscientes, trabalhando com a consciência adormecida, vivem adormecidos sem saber de onde vêm nem para onde vão; estão profundamente hipnotizados.

A hipnose, que é coletiva e flui por toda a natureza, vem do abominável órgão Kundartiguador. Esta raça está hipnotizada, inconsciente, submergida no sono mais profundo.

O despertar só é possível com a destruição do eu, do Ego. Temos de reconhecer com inteira clareza que muitas vezes já falamos sobre o traço psicológico característico particular – TPCP – de cada pessoa.

Certamente, cada pessoa tem o seu traço psicológico característico particular. Isto é certo! Uns terão como traço característico a luxúria, outros terão o ódio, para outros será a cobiça, etc. O traço é a soma de vários elementos psicológicos característicos particulares.

Para cada TPCP existe sempre um evento definido, uma circunstância precisa. O que é um homem luxurioso? Sempre haverá circunstâncias de luxúria em sua vida acompanhadas de determinados problemas. Essas circunstâncias se repetem sempre.

Precisamos conhecer o nosso TPCP se quisermos passar para um nível do Ser superior e eliminar de nós os elementos indesejáveis que constituem o traço psicológico.

Existe um fato concreto na vida: a descontinuidade da natureza. Isto é óbvio! Todos os fenômenos são descontínuos. Isso significa que jamais chegaremos à perfeição através da evolução... e precisamos nos converter em verdadeiros homens solares no sentido mais completo da palavra.

Um é o nível da mulher digna e modesta e outro é o nível da mulher indigna e imodesta. Há diferentes níveis do Ser.

Já nos demos conta do nosso próprio nível do Ser? Do nível do Ser em que nos encontramos? Estamos conscientes de que estamos hipnotizados e adormecidos?

O animal intelectual identifica-se não somente com as coisas externas, mas também consigo mesmo, com seus pensamentos luxuriosos, com suas farras, com suas iras, com suas cobiças, com sua autoimportância, com sua vaidade, com seu orgulho místico, com seus próprios méritos, etc.

Por acaso, já refletimos que não só estamos identificados com o exterior, mas também com isso que é vaidade e orgulho? Por exemplo: Hoje, triunfamos. Porém, triunfamos sobre o dia ou foi o dia que triunfou sobre nós? Estamos seguros de que não nos identificamos com nenhum pensamento morboso, cobiçoso, orgulhoso, algum insulto, preocupação ou dúvida? Estamos seguros de que triunfamos sobre o dia ou foi o dia que triunfou sobre nós?

O que fazemos hoje em dia? Já nos demos conta do nível do Ser em que nos encontramos? Passamos para um nível do Ser superior ou ficamos onde estávamos?

Por acaso, alguém pensa que é possível passar a um nível do Ser superior sem se eliminar determinados defeitos psicológicos? Por acaso, estamos contentes com o nível do Ser em que atualmente nos encontramos? Se vamos ficar toda a vida no mesmo nível do Ser, afinal o que estamos fazendo?

Em cada nível do Ser existem determinadas amarguras, determinados sofrimentos... Isto é óbvio! Todos se queixam de que sofrem, de que têm problemas, do estado em que se encontram, de suas lutas, etc.

Então, pergunto uma coisa: o animal intelectual se preocupa em passar para um nível do Ser superior?

Obviamente, enquanto estejamos no nível do Ser em que estamos, de novo terão de se repetir todas as circunstâncias adversas que já conhecemos e todas as amarguras em que nos deparamos. Uma e outra vez surgirão idênticas dificuldades.

Queremos mudar? Não queremos mais ter os problemas que nos afligem: econômicos, políticos, sociais, espirituais, familiares, luxuriosos, etc.? Queremos nos livrar das dificuldades? Nada mais temos que fazer senão passar para um nível do Ser superior.

Cada vez que damos um passo para um nível do Ser superior, mais independentes ficamos das forças executivas da catexa solta.

De maneira que, se não conhecemos o nosso TPCP, vamos muito mal. Precisamos conhecê-lo, se é que queremos passar para um nível superior do Ser e eliminar de nós os elementos indesejáveis que o constituem. Do contrário, como passaremos para um nível do Ser superior?

O animal intelectual quer deixar de sofrer, porém nada faz para mudar. Se não luta para passar para um nível do Ser superior, como pode mudar?

Todos os fenômenos são descontínuos. O dogma da evolução não serve para nada a não ser para nos estancar. Conheço muitos pseudoesoteristas, gente sincera e de bom coração, que permanecem engarrafados no dogma da evolução. Esperam que o tempo os aperfeiçoe. Passam-se os milhões de anos e não se aperfeiçoam. Por quê? Porque tais pessoas nada fazem para mudar os níveis do Ser. Permanecem sempre no mesmo grau. Então,

é necessário se passar para além da evolução e nos meter pelo caminho revolucionário, pelo caminho da revolução da consciência ou da dialética.

A evolução e a involução são duas leis que se processam simultaneamente em toda a criatura, constituem o eixo mecânico da natureza e jamais nos levarão à libertação.

As leis da evolução e da involução são puramente materiais e nada têm a ver com a Autorrealização íntima do Ser. Não as negamos, elas existem, porém não servem para a revolução psicológica. Nós precisamos ser revolucionários, precisamos nos meter pelo caminho da revolução da consciência.

Como poderíamos passar para um nível do Ser superior sem que fôssemos revolucionários? Observemos os diferentes degraus de uma escada. São descontínuos. Assim são também os diferentes níveis do Ser.

A cada nível do Ser, pertence um determinado número de atividades. Quando alguém passa para um nível do Ser superior, tem de dar um salto e deixar todas as atividades que tinha no nível do Ser inferior.

Chegam-me à memória ainda aqueles tempos da minha vida de uns vinte, trinta e quarenta anos atrás, os quais foram transcendidos. Por quê? Porque passei para níveis do Ser superiores. Era o que para mim se constituía de máxima importância.

Minhas atividades daquela época foram suspensas, cortadas, porque nos degraus superiores do Ser há outras atividades que são completamente diferentes.

Se se passa para um nível do Ser superior, tem de se deixar muitas coisas que atualmente nos são importantes, mas que pertencem ao nível em que nos encontramos.

A passagem para outro nível do Ser inclui, pois, um salto. Esse salto é rebelde, jamais de tipo evolutivo. Ele é sempre revolucionário e dialético.

Há homens, mequetrefes, que se sentem como se fossem um deus. Essa categoria de indivíduos são mitômanos da pior espécie, do pior gosto. Sentem-se como sábios porque têm alguns conhecimentos pseudoesotéricos em sua mente e pensam que já são grandes iniciados. Caíram na mitomania, estão cheios de si mesmos.

Cada um de nós não é mais do que um vil gusano do lodo da terra. Quando falo assim, começo por mim. Estar cheio de si mesmo, ter falsas imagens de si mesmo, fantasias de si mesmo, é estar em níveis inferiores do Ser.

Alguém se identifica consigo mesmo quando pensa que vai ganhar muito dinheiro, um bonito carro último modelo, que a noiva não pode viver sem ele, que é um grande senhor, que é um sábio, etc. Há muitas formas de alguém identificar-se consigo mesmo. Temos de começar por não nos identificar com nós mesmos para depois não nos identificarmos com as coisas de fora.

Quando alguém não se identifica, por exemplo, com um insulto, perdoa. Ama a quem não pode feri-lo. Se alguém nos fere no amor próprio, porém não nos identificamos com a ofensa, é claro que não sentiremos dor alguma, posto que não dói.

Se alguém não se identifica com a vaidade, não lhe importa andar na rua ainda que seja com as calças remendadas. Por quê? Porque não está identificado com a vaidade.

Se primeiro de tudo nos identificamos com nós mesmos e em seguida com as vaidades do mundo exterior, nunca poderemos perdoar. Recordemos a oração do Senhor: Perdoa as nossas dívidas assim como nós perdoamos as de nossos devedores... Porém, acrescento alguma coisa mais: Não basta simplesmente perdoar, há que se cancelar as dívidas. Alguém poderia perdoar a um inimigo, porém não apagaria da memória suas dívidas jamais. Temos de ser sinceros; necessitamos cancelar...

O evangelho do Senhor também diz: Bem-aventurados os mansos porque eles herdarão a terra... Esta é uma frase que ninguém entendeu. Bem-aventurados, diríamos, os não ressentidos. Se alguém está ressentido, como poderia ser manso? O ressentido passa o tempo fazendo contas: Eu lhe fiz tantos favores... eu o protegi... fiz tantas obras de caridade e veja como me pagaram, como me pagou este amigo a quem tanto ajudei. Agora não é capaz de me ajudar! Estas são as contas do ressentido.

Como poderia alguém ser manso se está cheio de ressentimentos? Quem está cheio de ressentimentos vive fazendo contas a todas as horas, logo não é manso. Como poderia ser um bem-aventurado?

Que se entende por bem-aventurado? Que se entende por felicidade? Estamos seguros de que somos felizes? Quem é feliz? Conheci pessoas que diziam: Eu sou feliz! Estou contente com a minha vida! Sou ditoso! Porém, desses mesmos vim a escutar: Me desagrada fulano de tal! Aquele tipo não me cai bem! Não sei por que não me fazem aquilo que tanto queria que me fizessem! Então, não são felizes... O que acontece realmente é que são hipócritas. Isto é tudo!

Ser feliz é muito difícil. Para tanto, precisa-se, antes de tudo, ser manso.

A palavra bem-aventurança significa felicidade íntima. Não dentro de mil anos, mas agora, aqui mesmo, no instante em que estamos vivendo.

Se nos tornamos verdadeiramente mansos, mediante a não identificação, chegamos a ser felizes. Porém, é necessário não somente não nos identificarmos com nossos pensamentos de luxúria, ódio, vingança, rancor, ressentimento, etc., como ainda teremos de eliminar de nós os Demônios Vermelhos de Seth, que são esses agregados psíquicos que personificam nossos defeitos de tipo psicológico.

Temos de compreender, por exemplo, o que é o processo do ressentimento. Temos de fazer a dissecação do ressentimento. Quando alguém chega à conclusão de que o ressentimento é devido ao fato de que possui em seu interior o amor próprio, então lutará para eliminar o ego do amor próprio. Porém, há que se compreender para se poder eliminar. Jamais poderíamos eliminá-lo sem antes tê-lo compreendido.

Para se poder eliminar, precisa-se de Devi Kundalini Shakti. Só ela consegue desintegrar qualquer defeito psicológico, inclusive o do amor próprio.

Estamos seguros de que não estamos ressentidos com alguém? Quem de nós está seguro de não estar ressentido e de não estar fazendo contas? Quem?

Se queremos nos tornar independentes da mecânica lunar, temos de eliminar de nós mesmos o eu do ressentimento e o eu do amor próprio. Conforme alguém for entendendo isto, irá avançando pelo caminho que conduz à liberação final.

Só mediante o fogo de Áries, do Cordeiro, do Carneiro encarnado, do Cristo Íntimo, poderemos de verdade queimar esses elementos inumamos que levamos em nosso interior. A medida que a consciência for sendo desengarrafada, iremos despertando.

A consciência não pode despertar enquanto continuar engarrafada em tantos agregados psíquicos, os quais em seu conjunto constituem o mim mesmo, o eu, a catexe solta. Precisamos passar pela morte mística aqui e agora. Precisamos morrer de instante a instante. Só com a morte chega o novo. Se o gérmen não morre, a planta não nasce. Precisamos aprender a viver, libertar-nos dessa nossa herança lunar.

METODOLOGIA DO TRABALHO

Antes de conhecer e eliminar o TPCP, precisamos trabalhar intensamente num sentido geral no que se refere a todos os defeitos, já que o TPCP tem raízes muito profundas que vêm de existências passadas. Para se

conhecê-lo, faz-se necessário haver trabalhado de uma forma incansável e com uma metodologia de trabalho durante pelo menos 5 anos.

Há que se ter ordem no trabalho e precisão na eliminação dos defeitos. Por exemplo: A alguém que durante o dia se manifestaram os defeitos da luxúria pela manhã, do orgulho pela tarde e da ira pela noite, indubitavelmente estará vivendo uma sucessão de fatos e manifestações. Então, vem a pergunta: Como e sobre qual defeito manifestado durante o dia deveremos trabalhar?

De verdade e na realidade, a resposta é simples. Ao chegar a noite ou a hora da meditação, com o corpo relaxado, passamos a praticar um exercício retrospectivo sobre os fatos e manifestações do Ego durante o dia. Com os seus atos reconstruídos, ordenados e numerados, passaremos ao trabalho de compreensão.

Primeiro trabalharemos sobre um evento egóico ao qual poderemos dedicar uns 20 minutos. Depois, outro evento psicológico ao qual poderemos dedicar uns 10 minutos. Após, uns 15 minutos a outra manifestação. Tudo depende da gravidade e da intensidade dos acontecimentos egóicos.

Ordenados os feitos e manifestações da catexe solta, do mim mesmo, poderemos trabalhar neles de noite ou na hora da meditação com tranquilidade e com ordem metódica.

Em cada trabalho sobre tal ou qual defeito, evento e manifestação, entram os seguintes fatores: Descobrimento, julgamento e execução. A cada agregado psicológico se aplica os três fatores mencionados. Descobrimento: quando se o viu em ação, em manifestação. Julgamento ou compreensão: quando se conhece todas suas raízes. Execução: com a ajuda da Divina Mãe Kundalini através da sábia prática da superdinâmica sexual.

OS SOFISMAS DE DISTRAÇÃO

Sofismas são os falsos raciocínios que induzem ao erro e que são gerados pelo Ego nos 49 níveis do subconsciente.

O subconsciente é o sepulcro do passado sobre o qual arde a fátua chama do pensamento e onde são gerados os sofismas de distração que levam o animal intelectual à fascinação e pôr fim ao sonho da consciência.

Aquilo que está guardado no sepulcro é podridão e ossos de mortos. Porém, a louça sepulcral é muito bonita e sobre ela arde fatalmente a chama do intelecto.

Se quisermos dissolver o eu, teremos que destapar o sepulcro do subconsciente e exumar todos os ossos e a podridão do passado. Muito bonito é o sepulcro por fora, porém por dentro é imundo e abominável. Precisamos nos tornar coveiros.

Insultar a outrem, feri-lo em seus sentimentos, humilhá-lo, é coisa fácil quando se trata - dizem - de corrigi-lo para o seu próprio bem. Assim pensam os iracundos, aqueles que julgando não odiar, odeiam sem saber que odeiam.

Muitas são as pessoas que lutam na vida para ser ricas. Trabalham, economizam e se esmeram em tudo, porém a mola secreta de todas as suas ações é a inveja secreta, que elas desconhecem, que não sai à superfície e que permanece escondida no sepulcro do subconsciente.

É difícil achar na vida alguém que não inveje a bonita casa, o flamejante automóvel, a inteligência do líder, o belo traje, a boa posição social, a grande fortuna, etc.

Quase sempre os melhores esforços dos cidadãos têm como mola secreta a inveja.

Muitas são as pessoas que gozam de um bom apetite e condenam a gula, porém comem sempre muito além do normal.

Muitas são as pessoas que vigiam exageradamente o cônjuge, porém condenam os ciúmes.

Muitos são os estudantes de certas escolas pseudoesotéricas e pseudo-ocultistas que condenam as coisas deste mundo e não trabalham em nada porque tudo é vaidade, porém são tão zelosos de suas virtudes que jamais aceitam que alguém os qualifique de preguiçosos.

Muitos são os que odeiam a lisonja e o elogio, mas não veem inconveniente algum em humilhar com sua modéstia o pobre poeta que lhes dedicou um verso com o único propósito de conseguir uma moeda para comprar um pão.

Muitos são os juízes que sabem cumprir com seu dever, mas também são muitos os juízes que com a virtude do dever têm assassinado os outros. Foram numerosas as cabeças que caíram na guilhotina da revolução francesa.

Os verdugos cumprem sempre com seu dever. Já são milhões as vítimas inocentes dos verdugos e nenhum deles se sente culpado; todos cumprem com seu dever...

As prisões estão cheias de inocentes, mas os juízes não se sentem culpados porque estão cumprindo com seu dever.

O pai ou a mãe de família, cheios de ira, açoitam e batem com paus em seus pequenos filhos e não sentem remorsos porque – dizem – estão cumprindo com seu dever; aceitariam tudo menos que os qualificassem de cruéis.

Só com a mente quieta e silenciosa, submergidos em profunda meditação, conseguiremos extrair do sepulcro do subconsciente toda a podridão secreta que carrega. Não é nada agradável ver a negra sepultura com todos seus ossos e podridão do passado.

Cada defeito escondido fede muito em sua sepultura. Porém, se o vemos, torna-se fácil queimá-lo e reduzi-lo a cinzas.

O fogo da compreensão reduz a pó a podridão do passado. Muitos estudantes de psicologia quando analisam o subconsciente cometem o erro de se dividirem entre analisador e analisado, intelecto e subconsciente, sujeito e objeto, percebedor e percebido.

Estes tipos de divisão são os sofismas de distração que o Ego nos oferece. Estes tipos de divisão criam antagonismos e lutas entre o intelecto e o subconsciente e onde há lutas e batalhas não pode haver quietude e silêncio da mente.

Só na quietude e no silêncio mental conseguiremos extrair da negra sepultura do subconsciente toda a podridão do passado.

Não digamos meu eu tem inveja, ódio, ira, ciúmes, luxúria, etc. Melhor é não nos dividirmos. Melhor é dizer: eu tenho inveja, ódio, ciúmes, ira, luxúria, etc.

Quando estudamos os livros sagrados da Índia, nos entusiasmos pensando no Supremo Brahman e na união do Atman com o Brahman. Porém, realmente, enquanto existir um eu psicológico com seus sofismas de distração, não conseguiremos a sorte de nos unirmos com o Espírito Universal da Vida.

Morto o eu, o Espírito Universal da Vida estará em nós como a chama na lâmpada.

A FALÁCIA DO EGO

A falácia do Ego é o hábito que tem de enganar sem limite algum e que se processa através das séries do eu.

Qualquer pessoa pode cometer o erro de rebentar os miolos como o faz qualquer suicida covarde e imbecil, porém o famoso eu da psicologia jamais poderia se suicidar.

Os membros das diversas escolas pseudoesotéricas têm magníficos ideais e até sublimes intenções. Porém, tudo continua existindo apenas no miserável terreno do pensamento subjetivo. Tudo isso é o eu!

O eu é sempre perverso. Às vezes, adorna-se com belas virtudes e até veste-se com a túnica da santidade.

Quando o eu quer deixar de existir, não o faz de forma desinteressada e pura. Pretende continuar de forma diferente, aspira a recompensa e a felicidade.

Por estes tempos mecanizados da vida, as produções são em série: série de carros, série de aviões, série de máquinas de tal ou qual marca, etc. Tudo se tornou séries e até o próprio eu é em série.

Devemos conhecer as séries de eus. O eu processa-se em séries e mais séries de pensamentos, sentimentos, desejos, ódios, hábitos, etc.

Os divisionistas do eu continuam dividindo seu Ego em superior e inferior. Para trás, todos esses com suas teorias e com o seu tão cacarejado eu superior e ultradivino controlando o infeliz eu inferior.

Bem sabemos que esta divisão entre eu superior e eu inferior é 100% falsa. Superior e inferior são duas seções de uma mesma coisa. Eu superior e eu inferior são as duas seções de Satã, o eu.

Por acaso, pode uma parte do eu reduzir a pó a outra parte do eu? Por acaso, pode uma parte de mim mesmo decretar a lei do desterro à outra parte de mim mesmo?

O máximo que podemos fazer é ocultar astutamente o que não nos convém, esconder nossas perversidades e sorrir com cara de santo. Esta é a falácia do Ego, seu hábito de enganar. Uma parte de mim mesmo pode esconder a outra parte de mim mesmo. Seria isto algo raro? Por acaso, o gato não esconde suas unhas? Esta é a falácia do Ego. Todos levamos um fariseu dentro de nós. Por fora estamos bem bonitos, mas por dentro estamos bem podres.

Conhecemos fariseus que horrorizam. Conhecemos um que vestia a imaculada túnica de Mestre. Seu cabelo era longo e jamais a navalha cortava sua venerável barba. Este homem espantava com sua santidade a todo mundo. Era 100% vegetariano, não bebia nada que tivesse álcool... As pessoas ajoelhavam-se diante dele.

Não mencionaremos o nome deste santo de chocolate, apenas nos limitaremos a declarar que tinha abandonado sua esposa e seus filhos para seguir - diz - a senda da santidade.

Predicava belezas e falava horrores contra o adultério e a fornicção, porém, em segredo, tinha várias concubinas e propunha as suas devotas uniões sexuais antinaturais por vias não idôneas. Era um santo, sim, um santo de chocolate!

Assim são os fariseus... Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque limpais o lado de fora do copo e do prato, mas por dentro estais cheios de roubo e de injustiça!

Não comem carne, não bebem álcool, não fumam... Na verdade, mostram-se justos aos homens, porém por dentro estão cheios de hipocrisia e maldade.

O ego fariseu, com sua falácia, esconde os delitos diante dos olhos alheios e também os esconde de si mesmo.

Conhecemos fariseus que faziam tremendos jejuns e espantosas penitências. Estavam seguros de serem justos e sábios, porém suas vítimas choravam o indizível. Quase sempre as vítimas inocentes de suas maldades eram suas mulheres e seus filhos. Porém, eles continuavam com seus sagrados exercícios convencidos de que eram justos e santos.

O chamado eu superior diz: Vencerei a ira, a cobiça, a luxúria, etc. Porém, o chamado eu inferior ri com a estrondosa gargalhada de Aristófanes e os demônios das paixões aterrorizados fogem para se esconderem nas cavernas secretas dos diferentes terrenos da mente. Assim é como funciona a falácia do Ego.

Todo esforço intelectual para dissolver o eu é inútil porque todas as ações da mente pertencem ao eu. Alguma parte do mim mesmo pode ter boas intenções. E daí? O caminho que conduz ao abismo está empedrado de boas intenções.

É curioso esse jogo ou falácia de uma parte do mim mesmo que quer controlar a outra parte do mim mesmo que não tem vontade alguma de ser controlada.

São comovedoras as penitências desses santos que fazem sofrer a mulher e os filhos. São graciosas todas essas mansidões dos santos de chocolate. É admirável a erudição dos sabichões. E daí? O eu não pode destruir o eu, então continua perpetuando-se através dos milhões de anos em seus descendentes.

Temos de nos desencantar de todos esses esforços e falácias inúteis. Quando o eu quer destruir o eu, o esforço é inútil.

Só compreendendo a fundo e de verdade o que são as inúteis batalhas do pensamento, só compreendendo as ações e reações internas e externas, as respostas secretas, os móveis ocultos, os impulsos escondidos, etc., poderemos alcançar a quietude e o imponente silêncio da mente.

Sobre as águas puras do oceano da mente universal, podemos contemplar em estado de êxtase todas as diabruras do Eu Pluralizado.

Quando o eu já não consegue se esconder, está condenado à pena de morte. O eu gosta de se esconder, porém quando já não pode mais se esconder, o infeliz está perdido.

Só na serenidade do pensamento, vemos o eu tal qual é e não como aparentemente é. Ver o eu e compreendê-lo vem a ser um todo integral. O eu está fracassado depois que o compreendemos porque se torna pó inevitavelmente.

A quietude do oceano da mente não é um resultado e sim um estado natural. As ondas embravecidas do pensamento são apenas um acidente produzido pelo monstruoso eu.

A mente fátua, a mente néscia, a mente que diz: Com o tempo conseguirei a serenidade. Um dia chegarei lá... está condenada ao fracasso porque a serenidade da mente não é do tempo. Tudo o que pertence ao tempo é do eu. O próprio eu é do tempo.

Aqueles que querem armar a serenidade do pensamento, armá-la como quem arma uma máquina, juntando inteligentemente cada uma de suas partes, estão de fato fracassados porque a serenidade da mente não se compõe de várias partes que podem ser armadas ou desarmadas, organizadas ou desorganizadas, juntadas ou separadas...

O ESFORÇO

Para se experimentar a verdade, não é necessário esforço algum. As pessoas estão acostumadas a se esforçarem em tudo e supõem equivocadamente que seja impossível experimentar a verdade sem esforço.

Podemos precisar de esforço para ganhar o pão de cada dia, para jogar uma partida de futebol ou para carregar um fardo bem pesado, porém é absurdo pensar que também precisemos de esforço para experimentar ISSO que é a verdade.

A compreensão substitui o esforço quando se trata de atingir a verdade escondida intimamente no fundo secreto de cada problema.

Não precisamos de esforço algum para compreender todos e cada um dos defeitos que levamos escondidos nos diferentes terrenos da mente.

Não precisamos de esforço para compreender que a inveja é uma das mais potentes molas da máquina social. Por que muita gente quer progredir? Por que tanta gente quer ter bonitas residências e carros elegantíssimos? Todo mundo inveja o bem alheio. A inveja é pesar pelo bem-estar alheio.

As mulheres elegantes são invejadas pelas outras menos elegantes e isto serve para intensificar a luta e a dor. As que não têm querem ter e até deixam de comer para comprar roupas e adornos de toda espécie com o único propósito de não serem menos do que ninguém.

Todo paladino de uma grande causa é mortalmente odiado pelos invejosos. A inveja do impotente, do vencido, do mesquinho, disfarça-se com a toga do juiz, com a túnica da santidade e do mestrado, com o sofisma que se aplaude ou com a beleza da humildade.

Se compreendermos de forma integral que somos invejosos, logicamente a inveja terminará e em seu lugar aparecerá a estrela que se alegra e resplandece pelo bem alheio.

Existe muita gente que quer deixar de cobiçar, mas cobiçam não ser cobiçosos. Eis aqui uma maneira de cobiçar.

Existem homens que se esforçam para conseguir a virtude da castidade, porém quando veem uma mulher bonita na rua já soltam seus galanteios. Se a reação for amistosa, não deixarão de homenageá-la com belas palavras, de admirá-la, de elogiar-lhe suas boas qualidades, etc. O fundamento de toda essa liberalidade encontra-se nos impulsos secretos da luxúria subconsciente, tenebrosa e submersa.

Quando sem esforço algum compreendemos todas as manobras da luxúria, esta fica aniquilada e nasce em seu lugar a imaculada flor da castidade.

Não será com algum esforço que poderemos adquirir estas virtudes. O eu fica robustecido quando se esforça em adquirir virtudes. O eu fica encantado com as condecorações, as medalhas, os títulos, as honras, as virtudes, as boas qualidades...

Contam as tradições gregas que o filósofo Arístipo, querendo demonstrar sua sabedoria e modéstia, vestiu-se com uma velha túnica cheia de remendos e furos. Empunhou o báculo da filosofia e foi-se pelas ruas de Atenas. Quando Sócrates o viu chegar em sua casa, exclamou: Ó, Arístipo! Vê-se a tua vaidade através dos furos de tua roupa!

Os pedantes, os vaidosos, os orgulhosos, julgando-se muito humildes, vestem-se com a túnica de Arístipo. A humildade é uma flor muito exótica. Quem se presumir de humilde, estará cheio de orgulho.

Fazemos muitos esforços inúteis na vida prática cada vez que um novo problema nos atormenta. Apelamos ao esforço para solucioná-lo. Lutamos e sofremos, porém a única coisa que conseguimos é fazer loucuras e complicar mais e mais a existência.

Os desiludidos, os desencantados, aqueles que já nem querem mais pensar, aqueles que não conseguiram resolver um problema vital, encontram a solução quando sua mente fica serena e tranquila, quando já não têm mais esperança alguma.

Não se pode compreender uma verdade através de esforços. A verdade vem como o ladrão noturno, quando menos se o espera.

As percepções extrassensoriais durante a meditação ou durante a iluminação, a solução de algum problema, só são possíveis quando não existe mais qualquer tipo de esforço consciente ou subconsciente, quando a mente não se esforça em ser mais do que ela é.

O orgulho também se disfarça de sublime. A mente do orgulhoso esforça-se em ser algo mais do que é. A mente serena como um lago pode experimentar a verdade, porém quando ela quer ser algo mais, entra em tensão, entra em luta, e a experiência da verdade torna-se impossível.

Não devemos confundir a verdade com as opiniões. Muitos opinam que a Verdade é isto ou aquilo, que a Verdade está em tal ou qual livro, que está em tal ou qual crença ou ideologia, etc.

Quem quiser experimentar a Verdade não deve confundir as crenças, ideias, opiniões e teorias com ISSO que é a Verdade.

Temos de experimentar a Verdade de forma direta, prática e real. Isto só é possível na quietude e silêncio da mente. Isto só se consegue através da meditação.

Vivenciar a Verdade é o fundamental. Não será por meio do esforço que conseguiremos experimentar a Verdade. A Verdade não é um resultado. Ela não é o produto do esforço. A Verdade vem a nós mediante a compreensão profunda.

Precisamos de esforço para trabalhar na Grande Obra, esforço para transmutar as energias criadoras, esforço para viver e percorrer o caminho da revolução integral, porém não precisamos de esforço para compreender a Verdade.

A ESCRAVIDÃO PSICOLÓGICA

Não resta a menor dúvida de que estamos no limiar de uma terceira conflagração mundial. Por isto, escrevemos este livro intitulado A REVOLUÇÃO DA DIALÉTICA.

Os tempos mudaram e estamos iniciando uma nova Era por entre o augusto troar do pensamento. Agora precisamos de uma ética revolucionária baseada em uma psicologia revolucionária.

Sem uma ética fundamental, as melhores fórmulas sociais e econômicas ficam reduzidas a poeira. É impossível que o indivíduo se transforme se não se preocupa com a dissolução do eu.

A escravidão psicológica destrói a convivência. Depender psicologicamente de alguém é escravidão. Se nossa maneira de pensar, sentir e obrar depende da maneira de pensar, sentir e obrar daquelas pessoas que convivem conosco, então estamos escravizados.

Constantemente, recebemos cartas de muita gente desejosa de dissolver o eu, porém queixam-se da mulher, dos filhos, do irmão, da família, do marido, do patrão, etc. Essas pessoas exigem condições para dissolver o eu, querem comodidades para aniquilar o Ego, reclamam magnífica conduta daqueles que com eles convivem.

O mais gracioso de tudo isto é que essas pobres pessoas buscam as mais variadas evasivas: querem fugir, abandonar o lar, o trabalho, etc. – dizem que – para se realizarem a fundo.

Pobre gente... seus adorados tormentos são seus amos. Naturalmente, essas pessoas não aprenderam a ser livres, sua conduta depende da conduta alheia.

Se queremos seguir a senda da castidade e aspiramos a que primeiro a mulher seja casta, então estamos fracassados. Se queremos deixar de ser bêbados, porém nos afligimos quando nos oferecem o copo por causa daquilo que dirão ou porque a recusa possa incomodar nossos amigos, então jamais deixaremos de ser bêbados.

Se queremos deixar de ser coléricos, irascíveis, iracundos, furiosos, porém como primeira condição exigimos que aqueles que convivem conosco sejam amáveis e serenos e que nada façam que nos irrite, estamos bem fracassados, sim, porque eles não são santos e a qualquer momento acabarão com as nossas boas intenções.

Se queremos dissolver o eu, precisamos ser livres. Quem depender da conduta alheia não poderá dissolver o eu. Temos de ter nossa própria conduta e não depender de ninguém. Nossos pensamentos, sentimentos e ações devem fluir independentemente de dentro para fora.

As piores dificuldades nos oferecem as melhores oportunidades. No passado, existiram sábios rodeados de todo tipo de comodidade; sem dificuldades de espécie alguma. Esses sábios, querendo aniquilar o eu, tiveram de criar situações difíceis para si mesmos.

Nas situações difíceis, temos oportunidades formidáveis para estudar nossos impulsos internos e externos, nossos pensamentos, sentimentos, ações... nossas reações, volições, etc.

A convivência é um espelho de corpo inteiro onde podemos nos ver tal como somos e não como aparentemente somos. A convivência é uma maravilha. Se estivermos bem atentos, poderemos descobrir a cada instante nossos defeitos mais secretos. Eles afloram, saltam fora, quando menos esperamos.

Conhecemos muitas pessoas que diziam: Eu não tenho mais ira... e à menor provocação trovejavam e faiscavam. Outros dizem: Eu não sinto mais ciúmes... porém basta um sorriso do cônjuge a qualquer vizinho ou vizinha para os seus rostos se tornarem verdes de ciúmes.

As pessoas protestam contra as dificuldades que a convivência lhes oferece. Não querem se dar conta de que essas dificuldades, precisamente elas, estão lhe brindando todas as oportunidades necessárias para a dissolução do eu. A convivência é uma escola formidável. O livro dessa escola tem muitos tomos, o livro dessa escola é o eu.

Necessitamos ser livres de verdade se é que realmente queremos dissolver o eu. Não é livre quem depende da conduta alheia. Só aquele que se faz livre de verdade sabe o que é o amor. O escravo não sabe o que é o verdadeiro amor. Se somos escravos do pensar, do sentir e do fazer dos demais, nunca saberemos o que é o amor.

O amor nasce em nós quando acabamos com a escravidão psicológica. Temos de compreender profundamente e em todos os terrenos da mente esse complicado mecanismo da escravidão psicológica.

Existem muitas formas de escravidão psicológica. É necessário estudar-se todas elas se é que realmente queremos dissolver o eu.

Existe escravidão psicológica não só no interno como também no externo. Existe a escravidão íntima, a secreta, a oculta, da qual não suspeitamos sequer remotamente.

O escravo pensa que ama quando na verdade só está temendo. O escravo não sabe o que é o verdadeiro amor.

A mulher que teme a seu marido, pensa que o adora quando na verdade só o está temendo. O marido que teme a sua mulher, pensa que a ama quando na realidade o que acontece é que a teme. Pode ser que tema que se vá com outro, que seu caráter se torne azedo, que o recuse sexualmente, etc.

O trabalhador que teme ao patrão pensa que o ama, que o respeita, que vela por seus interesses, etc. Nenhum escravo psicológico sabe o que é amor; a escravidão psicológica é incompatível com o amor.

Existem duas espécies de conduta: a primeira é a que vem de fora para dentro e a segunda é a que sai de dentro para fora. A primeira é o resultado da escravidão psicológica e se origina por reação. Nos pegam e pegamos, nos insultam e respondemos com grosserias... O segundo tipo de conduta é melhor, é o tipo de conduta daquele

que já não é escravo, daquele que nada mais tem que ver com o pensar, o sentir e o fazer dos demais. Tal tipo de conduta é independente, é conduta reta e justa. Se nos pegam, respondemos abençoando. Se nos insultam, guardamos silêncio. Se querem nos embriagar, não bebemos ainda que nossos amigos se aborrecam, etc.

Agora, nossos leitores compreenderão porque a liberdade psicológica traz isso que se chama amor.

A PERSONALIDADE KALKIANA

Temos de nos tornar cada vez mais conscientes do labor que estamos realizando. É fundamental se conhecer a diferença que há entre o Movimento Gnóstico e todas as demais organizações pseudoesotéricas e pseudo-ocultistas que existem por aí. Antes de tudo, temos que saber nos situar, centrar, se é que queremos compreender o labor que devemos realizar.

Se dermos uma olhada geral nas diversas escolas que existem atualmente no mundo, todas de tipo pseudoesotérico e pseudo-ocultista, descobriremos facilmente a origem delas.

Em certa ocasião, aconteceu em Roma, o caso de uma monja que caía constantemente em transe hipnótico. Ela tinha o seu confessor e a ele teve de esclarecer a causa causarum desses transes fatais. Antes de tudo, o confessor ficou sabendo que ela tinha tido um amante e que apesar de estar enclausurada conservava uma fotografia dele. O confessor fez com que ela lhe trouxesse a foto. De repente, deu-se conta ele que a monja caía em transe só em olhar a foto. O confessor resolveu assessorar-se de um psicólogo e ambos submeteram a monja a experimentos psíquicos. Então, puderam evidenciar que não era a fotografia daquele homem que a punha em estado de transe e sim umas pedrinhas brilhantes que havia na moldura da foto.

Continuaram as investigações e logo puderam concluir como consequência ou corolário que todo tipo de objeto brilhante predispõe aos estados hipnóticos. Como resultado, surgiu praticamente toda uma escola. Pôde-se verificar que mediante os estados hipnóticos seria possível modificar de alguma forma os estados psicológicos dos pacientes. Por fim, se resolveu usar a hipnose para curar pacientes ou enfermos.

Assim nasceram os famosos médicos hipnotizadores. Foi também quando fizeram sua aparição no mundo muitos sequazes da hipnologia, da catalepsia, do mediunismo, etc. Não será demais lembrar com certa ênfase a Richard Charcott, Luís Zea Uribe, César Lombroso, Camile Flamarion, etc.

Nessa escola de hipnotizadores, distinguiram-se especialmente um inglês cujo nome não me recordo nestes precisos instantes e o famoso Charcott. Quanto ao primeiro, tinha todas as propriedades de um hanasmussen e o outro, o segundo, não resta dúvida que era um filhinho da mamãe; me refiro a Charcott. Seus experimentos foram notáveis, mas, como quer que era o neném, o mimado da família, tudo o que fizesse seria uma maravilha.

Bem, se faço menção a grosso modo de todas estas passagens e de todos estes experimentos de magnetismo, hipnologia, catalepsia, espiritismo e cinquenta mil coisas mais ao estilo, é com um único propósito: fazer com que vejam de onde saíram as diversas escolas de tipo pseudoesotérico e pseudo-ocultista desta negra idade de Kali Yuga.

Por aqueles tempos das senhoritas Fox de Mirville que conseguiam servir de instrumento à materialização da famosa Katie King, fantasma que permaneceu se materializando por três anos seguidos diante dos olhos de distintos cientistas do mundo inteiro, por aqueles dias da Eusapia Paladino de Nápoles, durante os quais toda a Europa se agitou com os fenômenos psíquicos, foi que apareceu o teosofismo de tipo oriental. Claro, vocês sabem, bem como todo aquele que visitou essas organizações, que nessas escolas sempre há uma mistura de espiritismo com teorias de tipo hindu. O teosofismo nunca conseguiu se livrar do fenômeno espírita.

Quando conhecemos a origem das diversas organizações que existem atualmente, não há porque se estranhar de forma alguma que o teosofismo se ache misturado com algo de mediunismo. Que se assustem os teósofos

diante do tantrismo é apenas normal porque sua escola não é de tipo esotérico e sim pseudo-ocultista e nada mais.

Inquestionavelmente, daquela escola de hipnotizadores tinham que se desprender, e o fizeram como é natural, muitos ramos ou organizações. Podemos chamá-las de pseudorrosacrucianismo, pseudoioguismo, etc. São tão numerosas que teríamos de consultar um dicionário para conhecer o nome de todas.

Porém, vamos ao fundo da questão. Qual é a base de tais escolas? O dogma da evolução. De onde saiu esse tão cacarejado dogma? De um senhor chamado Darwin.

Parece incrível que o senhor Darwin tenha botado no bolso a tantas figuras eminentes, a tantos investigadores esoteristas, a pseudoesoteristas também e ainda a muitos aspirantes sinceros, porém tal aconteceu; não o podemos negar.

O conceito que as instituições pseudoesotéricas criaram sobre a reencarnação no mundo ocidental é falso. O Senhor Krishna nunca disse que todos os seres humanos se reencarnavam. Ele disse que somente os budas, os deuses, os heróis solares, tinham direito à reencarnação. Nós, os outros, estamos submetidos à lei do Eterno Retorno de todas as coisas. Isto é claro!

Também nunca se disse no oriente que todos os seres humanoides possuíssem os corpos existenciais superiores do Ser. Porém, foi fácil para as escolas de tipo pseudoesotérico e pseudo-ocultista fazer a humanidade crer que todo mundo já possui ditos veículos superiores. Assim, não veem eles inconveniente algum em abordar o tema do Setenário Humano com uma segurança tal que dá a impressão de realmente todos os humanoides já terem esse conjunto de veículos.

Bom, o resultado desta espécie de morbosidade, difundida pelo mundo ocidental por essas escolas de tipo subjetivo, o resultado desse ensinamento incoerente, vago e impreciso, foi a **PERSONALIDADE KALKIANA**, isto é, a personalidade própria desta idade de Kali Yuga.

As personalidades kalkianas são desrespeitosas e irreverentes. Este tipo de personalidade das escolas pseudoesotéricas e pseudo-ocultistas perdeu não só o sentimento da autêntica devoção e da verdadeira religiosidade, como ainda o da veneração aos antigos patriarcas. Assim que, a humanidade podendo ser dirigida por religiões verdadeiramente sábias, degenerou-se em ridículas sabichonices formando-se assim a personalidade kalkiana.

Convém que se saiba confrontar uma personalidade kalkiana com uma personalidade esoterista autêntica. Qual é a diferença? A personalidade kalkiana está cheia de sabichonices, engarrafada no dogma da evolução, mal informada sobre a constituição interna do homem, desconhece os mistérios tântricos, teme o desenvolvimento da serpente ígnea na espinha dorsal, etc. Além do mais, o fato de estar entulhada de teorias produz nela uma sensação de autossuficiência.

Inquestionavelmente, a personalidade kalkiana é vítima do autoengano. Julga ter conseguido tudo quando não conseguiu nada. O pior é que perdeu o sentido de veneração, esqueceu-se da verdadeira e autêntica religiosidade e perdeu também a humildade diante do Logos Criador. Esta é a personalidade kalkiana.

Nós não podemos seguir pelo caminho das personalidades kalkianas. Não podemos aceitar esses falsos dogmas como os da evolução, os da crença de que todos os humanoides já são homens perfeitos, completos, com os corpos existenciais formados, os do temor à serpente ígnea de nossos mágicos poderes, etc. Preferimos seguir pelo caminho da autêntica sabedoria, a senda dos tantras, da dissolução do Ego e do reconhecimento de nossa própria miséria e incapacidade. Preferimos reconhecer que não somos nada, que somos tão só uns míseros gusanos do lodo. Preocupamo-nos, isso sim, por trabalhar em nós mesmos, sobre nós mesmos... Queremos a dissolução do nosso mim mesmo, do si mesmo...

Usamos o inteligente poder da energia criadora. Trabalhamos na Forja dos Ciclopes que tanto assusta aos pseudoesoteristas e pseudo-ocultistas. Estamos, pois, num caminho diferente, diverso, 100% revolucionário e que, no entanto, tem uma antiguidade espantosa que se perde na noite insuperável de todas as idades.

Certamente, as características da personalidade kalkiana são inconfundíveis. Destacamos sua autossuficiência, seu terrível orgulho e sua espantosa vaidade fundamentada em teorias. Vejamos, por exemplo, nas escolas de psicanálise, parapsicologia, etc., o terrível orgulho e a autossuficiência que embarga a toda essa gente com verdadeira personalidade kalkiana. Se sobressaem não somente dentro de certos grupos, como ainda aparecem na televisão, figuram na imprensa e no rádio, mantendo todo mundo completamente envenenado com um tipo de vibrações que esotericamente chamamos de Veneniooskirianas.

Têm uma autossuficiência completa, olham com desdém às pessoas da Idade Média, julgam-se supercivilizados e pensam que chegaram ao non plus ultra da sabedoria. É tal o seu orgulho que querem conquistar o infinito, o espaço exterior... Riem daquilo que eles consideram superstições dos sábios medievais... Eis aqui o tipo de personalidade kalkiana.

Como fazer essas personalidades kalkianas entender que estão equivocadas?

Não bastaria simplesmente serem negadas, não é verdade? Como quer que essas personalidades kalkianas manejam a razão e que esta é a sua arma de combate, seu cavaleiro de batalha, precisamos levá-las a compreender o que é o processo do raciocínio.

Temos de levar ao conhecimento dessa gente autossuficiente e orgulhosa que o senhor Emmanuel Kant, o filósofo de Königsberg, o grande pensador alemão, escreveu duas obras: uma intitulada A CRÍTICA DA RAZÃO PURA e a outra A CRÍTICA DA RAZÃO PRÁTICA.

Se estudarmos ao Sr. Emmanuel Kant, veremos como age para nos decifrar não somente em seus prossilogismos, esilogismos e silogismos, como também na forma como analisa o conteúdo dos conceitos em A CRÍTICA DA RAZÃO PURA.

É claro que através das percepções sensoriais externas informamos a mente. Então, ela elabora o conteúdo de seus conceitos baseando-se precisamente nos rústicos ajustamentos sensoriais. Deste ponto de vista, a razão não poderia saber nada além do que pertencesse ao mundo dos cinco sentidos, posto que o conteúdo de seus conceitos é elaborado unicamente com esse ajustamento sensorial. Por tal motivo, a razão está circunscrita aos dados trazidos pelos sentidos e a nada mais. Portanto, que pode saber a razão subjetiva sobre os intuitos? Sobre as ideias a priori? Sobre aquilo que escapa do conteúdo dos conceitos fundamentados unicamente nas percepções sensoriais externas? Nada, não é verdade?

Existe outro tipo de razão que a personalidade kalkiana desconhece totalmente. Quero me referir de forma enfática à razão objetiva. Obviamente, esta tem por embasamento os dados da consciência e é com tais dados que funciona.

Em autêntico esoterismo, a consciência se chama Zoostat.

A razão objetiva estava bem desenvolvida antes de que surgisse a época greco-romana. Os primitivos ários da primeira sub-raça da grande raça ariana que floresceu na Ásia Central tinham-na bastante desenvolvida. Possuíram-na os povos da segunda sub-raça, anterior ao período dos rishis solares. Também desfrutaram dela os egípcios das antigas dinastias faraônicas, os babilônios, os sábios do Afeganistão, da Turquia e do Iraque. Veio a terminar praticamente com o pensamento racional grego.

Foram os gregos que, começando a jogar com a palavra, terminaram por estabelecer o raciocínio subjetivo, o qual, embasado nas percepções sensoriais externas, terminou afogando a razão objetiva e eliminando-a da face

da terra. Desde então, a humanidade possui unicamente o raciocínio subjetivo, as percepções sensoriais externas, os dados trazidos pelos sentidos.

O conteúdo dos conceitos está baseado apenas nos ajustamentos sensoriais. Logo, a razão subjetiva nada pode saber sobre aquilo que escapa dos fatores antes mencionados. A razão subjetiva sensualista nada pode saber sobre o real, sobre o divino, sobre os mistérios da vida e da morte, etc. Ela é completamente ignorante de tudo aquilo que escapa do seu raio de ação que são os deficientes cinco sentidos.

Inquestionavelmente, existem os poderes do coração, aquelas qualidades que estão muito além do intelecto e do seu processo meramente raciocinativo, a respeito dos quais nada sabe nem conhece a razão subjetiva sensualista.

Na sagrada terra dos Vedas, existe um velho manuscrito que diz o seguinte: Aquele que meditar no centro do coração conseguirá controle sobre o tatwa Vayu - o princípio etérico do ar - e conseguirá também os siddhis – os poderes dos santos.

Chega-me à memória nestes momentos o caso de José de Cupertino. Dizem que ele se alçou aos ares por setenta vezes e que este feito mágico, acontecido lá por 1650, foi o motivo pelo qual foi canonizado. É indubitável que tinha desenvolvido o centro do coração. Quando um cardeal o interrogou: Bom, por que no momento em que você vai se elevar, estando em oração, solta um clamor? Ele respondeu: A pólvora quando se inflama no arcabuz estoura com grande ruído, a mesma coisa sucede no coração inflamado pelo Divino Amor.

De maneira que, de forma prática, José de Cupertino deu a chave dos estados Jinas. O coração é que tem de se desenvolver para se poder conseguir os estados Jinas.

A extraordinária Santa Cristina levitava constantemente. Já morta - julgava-se que estivesse morta – iam-na enterrar quando de repente, de dentro do ataúde, levantou-se e flutuou até o campanário da igreja.

Poderíamos seguir narrando inumeráveis casos... Por certo o de Francisco de Assis! O bom irmão que dele cuidava lhe trazia comida e o monge estava em levitação, em oração, flutuando na atmosfera. Havia vezes que o bom irmão não o alcançava para dar-lhe os alimentos porque estava longe, muito alto. Às vezes, Francisco de Assis subia tanto que se perdia acima das árvores que havia ali por perto.

Todos esses místicos tinham desenvolvido o centro do coração. Sem se desenvolver este centro, não se pode adquirir destreza nos estados Jinas.

Comumente, quem desenvolveu o intelecto sofre muito para conseguir os estados Jinas porque, se desenvolveu o intelecto, foi às custas das forças do coração. Sugando-se as forças do cárdias, perde-se os poderes do cárdias. Melhor dito: troca os poderes do cárdias pelo intelecto.

Melhor seria não ser intelectual e ter os poderes do cárdias, não é verdade? Porém, os instrutores não devem se preocupar com isto. O coração pode se desenvolver novamente, cultivando-se a emoção superior: a música avançada dos grandes mestres, a meditação, etc. Tornando-nos mais místicos, mais profundamente devotos, vamos desenvolvendo novamente o coração. Isto é muito interessante!

Ademais, temos que chegar a saber, meus caros irmãos, a compreender, que o ser humano está dividido em duas consciências: a verdadeira e a falsa.

Quando alguém vem a este mundo, traz depositado pela natureza na essência todos os dados que precisa para a Autorrealização íntima do Ser. Porém, que acontece? Metem-no em escolinhas, dão-lhe uma falsa educação que para nada serve e enchem-no de inúmeros conselhos e preceitos. Enfim, no total, cria uma consciência falsa. E a verdadeira consciência, aquela onde estão depositados os dados que se precisa para seguir a senda,

para seguir o caminho, para chegar a liberação do Ser? Esta fica lá no fundo e tristemente catalogada com o nome de subconsciência. Já se viu coisa mais absurda!

Nós temos de ser sinceros com nós mesmos e reconhecer que esta falsa consciência que formamos foi feita com todas essas teorias, com tudo isso que aprendemos no primário, secundário, superior, etc. Assim como também com outras tantas coisas: com o exemplo dos adultos, com os preconceitos da sociedade para a qual viemos... Esta não é, pois, a verdadeira consciência.

Devemos eliminar o que temos de falso, ou seja, esta falsa consciência que se baseia no que nos disseram, nos preceitos escolares, nas lições acadêmicas, etc. Eliminar por completo, erradicar definitivamente, essa falsa consciência para que fique somente em nós a verdadeira consciência, a consciência superlativa do Ser. Isto é o que conta!

Vejam vocês como esses psicanalistas modernos, esses psiquiatras famosos, parapsicólogos, sequazes dos hipnólogos e outros se esforçam cada vez mais para sufocar a verdadeira consciência do Ser, por suprimi-la, por eliminá-la. Querem por todos os meios fortalecer cada vez mais a falsa consciência que possuímos.

Mesmer foi um homem maravilhoso. Pressentiu que havia uma dupla consciência nos seres humanos e se propôs a estudá-la. Ao dar-se conta de que havia uma falsa consciência e uma consciência legítima e real, a qual ficara arquivada lá no fundo, diríamos, subestimada, começou a fazer seus experimentos de magnetismo, muito contrários por sinal aos da hipnologia.

Pobre Mesmer, muito o ridicularizaram em sua época e continuam ainda. Contra ele se levantou toda a crítica e ainda o criticam na atualidade. Muitos textos de hipnotismo começam falando contra Mesmer. Os hipnotizadores o odeiam e por quê? Precisamente porque se pronunciou contra essa falsa consciência, porque descobriu que havia uma dupla consciência: a falsa e a verdadeira. Mesmer veio a desmascarar a falsa consciência diante do veredicto solene da opinião pública e é claro que quase o engoliram. Esta é a crua realidade dos fatos.

Bom, para não nos desviarmos tanto do tema, o que quero dizer é que o desenvolvimento interior só se consegue ao jogarmos no lixo a falsa consciência e pondo atenção à verdadeira consciência, à autêntica consciência.

Que se entende por falsa consciência? Aquela com a qual nos formamos desde que nascemos, aquela que foi feita com os exemplos e com os preceitos de todos os nossos familiares, aquela com que nos formamos na escola, no secundário, etc., aquela com a qual formamos em nós todos esses preconceitos sociais havidos e por haver.

Tudo isso tem de ser jogado no fundo do lixo para que se possa pôr a flutuar a verdadeira consciência e com ela se trabalhar. Isto indica que temos de nos converter em crianças para trabalhar, voltar a ser infantil, ser como pequeninos no momento de trabalhar, desprovidos de teorias... assim poremos em ação a verdadeira sabedoria.

Assim, pois, escrevi este capítulo com o propósito de que nos centremos, de que reconheçamos a situação em que estamos neste mundo... É preciso que se entenda que não vamos pelo caminho dessas escolinhas, seitas e ordens que formam a personalidade kalkiana. Somos diferentes. Isto é tudo!

CONTUMÁCIA

Contumácia é a persistência em se assinalar um erro. Por isso, jamais me cansarei de insistir em dizer que a causa de todos os erros é o Ego, o mim mesmo. Não me importa que os animais intelectuais se incomodem porque falo contra o Ego. Custe o que custar seguirei com a contumácia.

Passaram-se duas grandes guerras mundiais e o mundo encontra-se à beira da terceira guerra mundial. O mundo está em crise. Por todas as partes há miséria, enfermidades e ignorância.

As duas guerras mundiais não nos deixaram nada de bom. A primeira guerra deixou-nos a terrível gripe que matou a milhões de pessoas no ano de 1918. A segunda guerra mundial deixou-nos uma peste mental pior que a peste da primeira. Referimo-nos a abominável filosofia existencialista que envenenou totalmente as novas gerações e contra a qual se promulga A REVOLUÇÃO DA DIALÉTICA.

Todos nós participamos da criação deste caos social no qual vivemos. Portanto, devemos entre todos trabalhar para dissolvê-lo para fazer deste um mundo melhor através dos ensinamentos que entrego nesta obra.

Infelizmente, as pessoas só pensam em seu eu egoísta e dizem: Primeiro eu, em segundo lugar eu e em terceiro eu! Já dissemos e voltamos a repetir: O Ego sabotas as ordens que a psicologia revolucionária estabelece.

Se quisermos de verdade e bem sinceramente a revolução da dialética, precisamos primeiro da transformação radical do indivíduo.

São muitas as pessoas que aceitam a necessidade de uma mudança interior radical, total e definitiva, porém, infelizmente, exigem estímulos e incentivos especiais.

As pessoas gostam que lhes digam que vão indo bem, que lhes deem palmadinhas no ombro, que lhes digam belas e estimulantes palavras...

São muitas as pessoas que exigem algum bonito verso que lhes sirva de atrativo, alguma crença, alguma ideologia ou qualquer utopia para mudar.

Há quem exija a esperança de um bom emprego como atrativo para mudar. Há quem exija um bom noivado ou um magnífico matrimônio que lhes sirva de atrativo para mudar.

Ninguém quer mudar assim porque sim; querem um bom incentivo para começar. As pessoas se encantam com os estímulos. Não querem compreender essas pobres pessoas que os tais estímulos são ociosos e superficiais. Portanto, é apenas lógico que se diga que não servem.

Jamais na vida, nunca na história dos séculos, os estímulos conseguiram provocar uma mudança radical, total e definitiva dentro de algum indivíduo.

Dentro de cada pessoa, existe um centro energético que não pode ser destruído com a morte do corpo físico e que se perpetua, para a desgraça do mundo, em seus descendentes. Esse centro é o eu, o mim mesmo, o si mesmo. Precisamos com suma e inadiável urgência produzir uma mudança radical dentro desse centro energético chamado eu.

As palmadinhas no ombro, as bonitas palavras, os belos elogios, os lindos estímulos, os nobres atrativos, etc., nunca conseguirão produzir alguma mudança radical nesse centro energético chamado eu e que está dentro de nós mesmos.

Se muito sinceramente e de todo coração queremos uma mudança radical dentro desse centro chamado eu, precisamos reconhecer o nosso lamentável estado de miséria e pobreza interior e esquecendo-nos de nós mesmos trabalhar desinteressadamente pela humanidade. Isto significa abnegação, completo esquecimento de si mesmo e completo abandono de si mesmo.

É impossível que venha a ocorrer uma mudança radical dentro de nós mesmos se só pensamos em encher nossos bolsos de dinheiro e mais dinheiro.

O eu, o mim mesmo, quer crescer, melhorar, evoluir, relacionar-se com os grandes da Terra, conseguir influências, posição, fortuna, etc. As mudanças superficiais em nossa pessoa não servem para nada, não mudam nada e não transformam a ninguém nem a nada.

Precisamos de uma mudança profunda dentro de cada um de nós. Dita mudança só pode se realizar no centro que levamos dentro, no eu. Precisamos quebrar a dito centro egoísta como se fosse um copo de barro.

Temos de extirpar o eu com urgência para produzir dentro de cada um de nós uma mudança profunda, radical, total e verdadeira. Assim como estamos, assim como somos, só conseguimos amargar a nossa vida e a dos nossos semelhantes.

O eu quer encher-se de honras, virtudes, dinheiro, etc. O eu quer prazeres, fama, prestígio, etc. Em seu louco afã de expandir-se cria uma sociedade egoísta na qual só há disputas, crueldades, cobiça insaciável, ambições sem limites nem margens, guerras, etc.

Para infelicidade nossa, somos membros de uma sociedade criada pelo eu. Dita sociedade é inútil, daninha e prejudicial. Só extirpando-se o eu poderemos mudar integralmente e mudar o mundo.

Se de verdade queremos a extirpação do eu, faz-se urgente manter a memória quieta para que a mente fique serena e em seguida possamos nos auto-observar com calma a fim de conhecermos a nós mesmos.

Temos de contemplar a nós mesmos como alguém que está contemplando e aguentando sobre si mesmo um torrencial aguaceiro.

Ninguém na vida conseguirá dissolver o eu mediante substitutos: deixando a bebida e trocando-a pelo cigarro, abandonando uma mulher para se casar com outra, deixando um defeito para substituí-lo por outro ou saindo de uma escola para frequentar outra escola.

Se queremos de verdade uma mudança radical dentro de nós, temos de deixar de lado todas essas coisas que nos parecem positivas, todos esses velhos hábitos e todos esses costumes equivocados.

A mente é a sede central do eu. Precisamos de uma mudança na sede central para que dentro de cada um de nós haja uma verdadeira revolução.

Só com absoluta abnegação, compreensão do que infelizmente somos e sem estímulos ou incentivos de espécie alguma poderemos de verdade conseguir a extirpação do eu.

OS ESTADOS DO EGO

Os estados egóicos estão classificados da seguinte forma:

ESTEREOPSÍQUICOS - São os estados identificativos que estão intimamente relacionados com as percepções exteriores recebidas através dos cinco sentidos e que estão vinculadas ao mundo das impressões.

NEOPSÍQUICOS - São os estados processadores de dados, isto é, os que bem ou mal interpretam todas as múltiplas situações que o animal intelectual vive. Nestes estados, quem trabalha é a nossa má Secretária: a personalidade.

ARQUEOPSÍQUICOS - São os estados regressivos - a memória do Ego - os quais se encontram nos 49 níveis do subconsciente. São as lembranças do passado que ficam arquivadas nas formas fotográfica e fonográfica.

BLUE TIME – A TERAPÊUTICA DO REPOUSO

No misterioso umbral do templo de Delfos estava gravada na pedra viva uma máxima grega que dizia: Nosce te ipsum. Homem, conhece a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses.

O estudo de si mesmo, a serena reflexão, é óbvio que, em última instância, conclui na quietude e no silêncio da mente.

Quando a mente está quieta e em silêncio, não só no nível superficial, intelectual, mas em todos e em cada um dos 49 departamentos subconscientes, vem o novo, a essência, a consciência, se desengarrafa produzindo o despertar da alma, o êxtase e o samadhi.

A prática diária da meditação transforma-nos radicalmente. As pessoas que não trabalham na aniquilação do eu vivem borboleteando de escola em escola e jamais encontram seu centro de gravidade permanente. Morrem fracassadas sem terem conseguido a Autorrealização Íntima do Ser.

O despertar da consciência só é possível através da libertação e emancipação do dualismo mental, do batalhar das antíteses, da maré intelectual. Qualquer luta subconsciente, infraconsciente ou inconsciente converte-se numa trava para a libertação da essência.

Todo batalhar de antíteses, por insignificante e inconsciente que seja, acusa pontos obscuros desconhecidos nos infernos atômicos do homem. Observar e conhecer esses aspectos infra-humanos de si mesmo é indispensável para se atingir a absoluta quietude e silêncio da mente. Só na ausência do eu é possível experimentar e viver a revolução integral e a revolução da dialética.

O blue time ou terapêutica do repouso tem regras básicas sem as quais seria impossível nos emancipar dos mortificantes grilhões da mente. Estas regras são:

1. **RELAXAMENTO:** É indispensável se aprender a relaxar o corpo para a meditação. Nenhum músculo pode ficar em tensão. É urgente se provocar e graduar o sono à vontade. É evidente que a sábia combinação de sono e meditação dá como resultado isso que se chama iluminação.
2. **RETROSPECTO:** Que se busca através do retrospecto? O animal intelectual devido à vida mecânica que vive diariamente se esquece de si mesmo e cai na fascinação. Anda com a consciência adormecida sem se lembrar do que fez no momento do levantar, desconhece os primeiros pensamentos do dia, sua atuação e os lugares onde esteve. O retrospecto tem como finalidade a tomada de consciência de todos os atos ou ações passadas. Ao realizarmos o retrospecto durante a meditação, não poremos objeções à mente. Traremos a lembrança das situações do passado desde o instante no qual iniciou o retrospecto até o momento da vida que desejarmos. Cada lembrança deve ser estudada sem se identificar com ela.
3. **REFLEXÃO SERENA:** Primeiramente, temos de nos tornar plenamente conscientes do estado de ânimo em que nos encontramos antes de surgir qualquer pensamento. Temos de observar serenamente a nossa mente e pôr plena atenção em toda forma mental que fizer sua aparição na tela do intelecto. É peremptório que nos convertamos em vigias da nossa própria mente durante qualquer atividade agitada e que nos detenhamos por instantes para observá-la.
4. **PSICANÁLISE:** Indagar, inquirir, investigar a raiz e a origem de cada pensamento, lembrança, afeto, emoção, sentimento, ressentimento, etc., conforme forem surgindo na mente. Durante a psicanálise, deveremos examinar, aquilatar e inquirir sobre a origem, causa, razão ou motivo fundamental de todo pensamento, lembrança, imagem e associação, conforme forem surgindo do fundo do subconsciente.
5. **MANTRALIZAÇÃO OU KOAN:** Os objetivos desta etapa são:

a) Misturar dentro do nosso universo interior as forças mágicas dos mantras ou koans. b) Despertar consciência.

c) Acumular intimamente átomos crísticos de altíssima voltagem.

Neste trabalho psicológico, o intelecto deve assumir um estado receptivo, integral, unitotal, pleno, tranquilo e profundo. Com os koans ou frases que descontrolam a mente, consegue-se o estado receptivo unitotal.

6. ANÁLISE SUPERLATIVA: Consiste num conhecimento introspectivo de si mesmo. É indispensável nos introvertermos durante a meditação de fundo. Neste estado, se trabalhará no processo da compreensão do eu ou defeito que se quer desintegrar. O estudante gnóstico se concentrará no agregado psicológico e o manterá na tela da mente. Antes de tudo, é indispensável que se seja sincero consigo mesmo. A análise superlativa consta de duas fases que são:

a) Autoexploração - Indagar no fundo da consciência e nos 49 níveis do subconsciente quando foi a primeira vez que o defeito se manifestou na vida e quando foi a última e em que momentos tem mais força para se manifestar.

b) Autodescobrimento - Investigar quais são os alimentos do eu. Fracionar e dividir o defeito em várias partes e estudar cada uma delas a fim de conhecer de que tipo de eus provém e que tipos de eus derivam dele.

7. AUTOJULGAMENTO: Sentar o defeito em estudo no banco dos acusados. Trazer a julgamento os danos que ocasiona à consciência e os benefícios que a aniquilação do defeito que se está julgando traria à nossa vida.

8. ORAÇÃO: Orar à Divina Mãe Kundalini, à Mãe interior e individual, pedindo com muito fervor a eliminação do eu. Se lhe falará com franqueza e se implorará para que desintegre os defeitos e falhas que temos, pois ela é a única capaz de aniquilar os eus. Pediremos que desintegre até a própria raiz do defeito.

É bastante agradável e interessante se participar, cada vez que se puder, dos períodos de meditação nos Lumisiais gnósticos.

É imprescindível que se pratique a meditação com os olhos fechados a fim de se evitar as percepções sensoriais externas.

OS CADÁVERES DO EGO

Há que se desintegrar os cadáveres do Ego a lançadas de força elétrica sexual nos infernos atômicos. Não podemos esperar que o tempo os desintegre.

O precioso diamante com que Salomão poliu as pedras preciosas é a Pedra Filosofal.

Desintegrando os cadáveres do Ego, temos de dirigir todos os nossos esforços no sentido de não voltar a criar corpos físicos porque são vulneráveis e estão expostos à velhice e à morte.

Indubitavelmente, o Carma cria corpos.

Por falta de trabalho psicológico, a gente desta época não é profunda; agrada-lhe ser superficial. Julgam-se capazes de rir de todas as civilizações.

Atualmente, a mente humana está degenerada por causa do conceito. Todo conceito emitido é resultado do que disseram e do que se estudou.

O autoconceito baseia-se na experiência da própria maneira de pensar.

Gurdjieff é incipiente em seus conhecimentos.

Krishnamurti sim tem autoconceitos porque jamais leu alguém.

O desequilíbrio e o rompimento com a harmonia do cosmos vêm quando não se possui autoautoridade dentro.

Como se poderia ter autoautoridade se não se é dono de si mesmo.

A autoação só é possível quando se tem o Ser dentro.

A Pedra Filosofal, o autoconceito, a autoação e a autoautoridade só são possíveis quando se desintegrou os cadáveres do Ego nos infernos atômicos psicológicos.

PSICOGÊNESE

Nossa civilização, aparentemente tão brilhante pela conquista do espaço e pela penetração da matéria, está carcomida pela lepra de uma ética decadente de homossexualismo, lesbianismo e viciados em drogas.

Esta civilização entrou na etapa involutiva para se liquidar como ocorreu com outras civilizações. Isso nos mostra o testemunho histórico da orgulhosa Roma que tendo sido uma comunidade conquistadora do mundo antigo, viu os séculos de involução surgirem quando sua grandeza de nação austera e moral foi sucedida por mudanças radicais que a afundaram no vício.

Em que me baseio? Em fatos claros e contundentes! Uma grande cultura como a inglesa agora só exporta uma lepra psicológica que contamina mentalmente as gerações desta época. O grupo inglês Sex Pistols, que é capaz de fazer tudo ao contrário do estabelecido, logo negativamente, para aparecer como figuras sobressalentes, e o criador do Punk Rock. São forjadores de canções chagadas de baixas palavras, cujos temas só servem para o ataque direto, não só contra as instituições, como contra o próprio público que os escuta com sua consciência adormecida.

A bandeira do Sex Pistols é a sujeira. Subjetiva mensagem que entregam a esta pobre humanidade que está podre até a medula dos ossos.

O Sex Pistols é um grupo agressivo. Abusa de tudo, porquanto nomeia como a religião do Punk Rock canções contra o amor cheias de cinismo, contra a repressão e a agressão, etc., criadas por quatro jovens da classe operária inglesa que estão contra o elitismo. Resulta absurdo que esses animais intelectuais possam criar uma religião. Esquecem que a palavra religião vem de religare que significa: união com a divindade. Mas, que tipo de divindade tem essa gente degenerada que os jovens adoram tanto em sua hipnose como se fosse grande coisa?

Essa corrente musical mostrada pelo Sex Pistols cria o ambiente mais infernal da atual existência, isto é confirmado pelas centenas de jovens, socados na mais profunda ignorância espiritual e psicológica, que participam dessas audições do One Hundred Club de Londres.

A onda punk avança em que pese à oposição que lhe é feita e em inumeráveis revistas internacionais já aparece a sua subjetiva moda: roupa feita de tiras, refugos de qualquer material que exista usados como adorno, cabelo curto e pintado de várias cores, camisas e camisetas com legendas contra tudo, etc. Esta é uma mostra clara dos sintomas da lepra psicológica que a humanidade contraiu e que a mantém tão podre.

Em muitos de seus encontros, a agressividade física - ira - se põe na moda. Com enorme facilidade lançam impropérios e até jogam garrafas que saem do próprio cenário, o que muitas vezes termina em desordem e daí para a prisão e até para os hospitais. Com toda essa verborreia insultante e lançamento de projéteis, ainda

aparecem centenas de jovens ingleses gritando que amam os Sex Pistols porque são o máximo, como já aconteceu em algumas audições do Paradise Club na Brewer St.

Curiosamente, o conjunto Sex Pistols é encabeçado por Johnny Rotten (Joãozinho Podre), um líder que nunca cantara antes. Depois, vem Sid Vicious (Sid Vicioso), Paul Cook (Paulo Galo) e Steve Jones. Na Inglaterra não respeitam ninguém e dificilmente poderiam vir ao nosso país.

Considero que a vida não teria explicação sem as periódicas evoluções e involuções, como esta da onda punk, que se percebe nas plantas, animais, seres humanos, estrelas e constelações.

Os ciclos históricos também têm a sua evolução e conseqüentemente a sua involução que fatalmente se apresenta e que desgasta rochas, pulveriza sois, torna ancião o que foi menino, converte em carvão aquilo que foi árvore e afunda no profundo dos oceanos aos continentes para fazê-los emergir depois.

Com os postulados apresentados nesta obra buscamos fundar as bases de uma nova civilização que não esteja com esta lepra psicológica e que se fundamente na psicogênese: criação do homem em primeiro lugar para depois passar para o super-homem mediante a superdinâmica mental e sexual que temos estado a enfatizar neste livro.

Podem entrar para as nossas instituições gnósticas, que difundem o meu ensinamento, todos os que quiserem, sempre e quando tenham aspirações de superar-se e de realizar em si mesmos a psicogênese; aqui e agora.

O homem que não fez a psicogênese dentro de si mesmo só utiliza uma parte infinitamente pequena de suas capacidades e potências. Por isso, convido os nossos leitores a que pratiquem os ensinamentos psicológicos que entrego nestes capítulos para que aprendam a obter o máximo de rendimento de sua psique.

Dentro de cada ser humano há infinitas possibilidades para um conhecimento que também é ilimitado. Todos possuem, em estado embrionário, grandes faculdades psicológicas que surgirão no momento mesmo em que iniciarem o trabalho de fazer uma psicogênese em si mesmos, sem esperar nem um instante mais. O ser humano deve se capacitar para conhecer tudo o que corresponda à sua existência. Este é um ato tão natural quanto o do livre arbítrio.

Por que estamos aqui? De onde viemos? Para onde vamos? Tudo isto deve ser conhecido aqui e agora. Assim, ficaremos livres de dogmatismos e teorias.

Por meio das disciplinas psicológicas que venho indicando, todos poderão melhorar psiquicamente. Isto quer dizer, fazer a psicogênese em si mesmo para pôr-se em contato com as diferentes dimensões da natureza.

Conforme formos trabalhando em nossa psicogênese, iremos vendo a nossa superação individual. Assim, obtém-se acesso aos profundos conhecimentos esotéricos que através do correr dos incontáveis séculos têm ficado ali à disposição de todo ser humano que aspire sinceramente encontrar resposta a uma quantidade de vazios e interrogações. Desta forma, atenderemos à imortal sugestão do Grande Mestre: Buscai e achareis...

Em síntese, diremos que a psicogênese fundamenta-se naquela frase escrita no antigo templo de Delfos: Te advirto, seja tu quem fores, ó tu que desejas sondar os arcanos da natureza, que se não achas dentro de ti mesmo aquilo que buscas, tampouco poderás achá-lo fora. Se tu ignoras as excelências de tua própria casa, como pretendes encontrar outras excelências? Em ti está oculto o tesouro dos tesouros. Oh, homem!

Conhece a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses.

A TRANSFORMAÇÃO DAS IMPRESSÕES

Vamos falar da transformação da vida e isto é possível desde que alguém se proponha a isto profundamente.

Transformação significa que uma coisa se modifica em outra coisa diferente. É lógico que tudo é suscetível de mudanças.

Existem transformações da matéria que são bem conhecidas. Ninguém poderia negar, por exemplo, que o açúcar transforma-se em álcool e que este se converte em vinagre pela ação dos fermentos. Esta é a transformação de uma substância molecular. Sabe-se da vida química dos elementos que o rádio, por exemplo, se transforma lentamente em chumbo.

Os alquimistas da Idade Média falavam da transmutação do chumbo em ouro. No entanto, nem sempre faziam alusão à questão metálica meramente física. Normalmente, queriam indicar com tal palavra a transformação do chumbo da personalidade no ouro do espírito. Assim, pois, convém que reflitamos em todas estas coisas.

Nos Evangelhos, a ideia do homem terreno, comparado com uma semente capaz de crescimento, tem a mesma significação: a ideia de renascimento, do homem que nasce outra vez. É óbvio que se o grão não morre a planta não nasce. Em toda transformação existe morte e nascimento.

Na Gnosis, consideramos o homem como uma fábrica de três pisos que absorve normalmente três alimentos.

O alimento comum, relacionado com o estômago, corresponde ao piso inferior da fábrica, O ar, naturalmente relacionado com os pulmões, corresponde ao segundo piso. Já o terceiro alimento são as impressões que indubitavelmente estão associadas com o terceiro piso e com o cérebro.

O alimento que ingerimos sofre sucessivas transformações. Isto é inquestionável! O processo da vida em si mesmo e por si mesmo é transformação. Toda criatura do universo vive da transformação de uma substância em outra. O vegetal, por exemplo, transforma a água, o ar e os sais da terra em novas substâncias vegetais vitais, em elementos úteis para nós como o são as nozes, as frutas, as raízes, os sucos, etc. Assim, pois, tudo é transformação.

Pela ação da luz solar, variam os fermentos da natureza. É inquestionável que a sensível película de vida, que normalmente se estende pela superfície da Terra, conduz a toda força universal para o interior do próprio mundo planetário. Cada planta, cada inseto, cada criatura e o próprio animal intelectual, equivocadamente chamado homem, absorve, assimila, determinadas forças cósmicas, as transforma e depois as transmite inconscientemente às camadas inferiores do organismo planetário. Tais forças transformadas estão intimamente relacionadas com toda a economia do organismo planetário em que vivemos. Indubitavelmente, cada criatura, segundo sua espécie, transforma determinadas forças que são transmitidas ao interior da terra para a economia do mundo. Assim, pois, cada criatura existente cumpre as mesmas funções.

Quando comemos um alimento necessário à nossa existência, ele é transformado. Claro que esses elementos tão indispensáveis à nossa existência são transformados etapa após etapa. Quem realiza dentro de nós esses processos de transformação das substâncias? O centro instintivo, é óbvio! A sabedoria deste centro é realmente assombrosa.

A digestão em si mesma é transformação. O alimento no estômago, isto é, na parte inferior da fábrica de três pisos do organismo humano, sofre transformação. Se algo entrasse sem passar pelo estômago, o organismo não poderia assimilar seus princípios vitamínicos nem suas proteínas. Isso causaria simplesmente uma indigestão. À medida que vamos refletindo sobre este tema, vamos compreendendo a necessidade de tudo passar por uma transformação.

Claro está que os alimentos físicos se transformam, mas há algo nisso que nos convida à reflexão. Existe em nós a transformação educada das impressões?

Para os objetivos da natureza propriamente ditos, não há necessidade alguma de que o animal intelectual, equivocadamente chamado homem, transforme realmente as impressões. No entanto, um homem pode

transformar suas impressões por si mesmo, desde que possua, naturalmente, um conhecimento básico. Há que se compreender o porquê desta necessidade!

Seria magnífico transformar as impressões. A maioria das pessoas quando se veem no terreno da vida prática acham que este mundo físico vai lhes dar tudo o que desejam e buscam. Realmente, este é um tremendo equívoco. A vida em si mesma entra em nós, em nosso organismo, na forma de meras impressões. A primeira coisa que devemos compreender é o significado do trabalho esotérico intimamente relacionado com o mundo das impressões.

Que necessitamos as transformar, é verdade! Ninguém poderia realmente transformar sua vida se não transformasse as impressões que chegam à sua mente.

As pessoas que lerem estas linhas deverão refletir no que aqui está se dizendo. Estamos falando de algo muito revolucionário. Todo mundo julga que o físico é o real, porém se formos um pouco mais a fundo na questão, veremos que o que realmente estamos recebendo a cada instante, a cada momento, são meras impressões.

Se vemos uma pessoa que nos agrada ou desagrada, a primeira coisa que obtemos são impressões desta natureza, não é verdade? Isto não o podemos negar! A vida é uma sucessão de impressões. Ela não é como pensam os ignorantes ilustrados: uma coisa física de tipo exclusivamente materialista. A realidade da vida são as suas impressões!

Claro está que as ideias que estamos emitindo não são muito fáceis de serem captadas, apreendidas. É possível que os leitores estejam certos de que a vida existe tal qual como se apresenta e não como meras impressões. Estão tão sugestionados por este mundo físico que, obviamente, pensam assim.

A pessoa que vemos sentada, por exemplo, numa cadeira, lá, com tal ou qual roupa de certa cor, aquela que nos saúda, aquela que nos sorri, etc., é para nós realmente verdade. Porém, se meditamos profundamente, chegamos à conclusão de que real são as impressões. Elas chegam à mente através da janela dos sentidos.

Se não tivéssemos os sentidos, por exemplo, olhos para ver, ouvidos para ouvir ou boca para degustar os alimentos que o nosso organismo ingere, existiria para nós isso que se chama mundo físico? Claro que não! Absolutamente não!

A vida chega-nos na forma de impressões e é aí, justamente, onde está a possibilidade de se trabalhar sobre nós mesmos. Antes de tudo, que devemos fazer? Há que se compreender o trabalho que devemos realizar. Como poderíamos conseguir uma transformação psicológica de nós mesmos? Pois, efetuando um trabalho sobre as impressões que estamos recebendo a cada instante, a cada momento. Este primeiro trabalho recebe o nome de primeiro choque consciente. Ele está relacionado com todas estas impressões que são tudo quanto conhecemos do mundo exterior. Que tamanho têm as verdadeiras coisas, as verdadeiras pessoas?

Precisamos nos transformar internamente cada dia. Se quisermos transformar o nosso aspecto psicológico, precisamos trabalhar sobre as impressões que entram em nós.

Por que chamamos o trabalho de transformação das impressões de primeiro choque consciente? Porque o choque é algo que não poderíamos observar de forma meramente mecânica. Isto jamais poderia ser feito de maneira mecânica. Precisa-se de um esforço autoconsciente. É claro que quando se comece a compreender este trabalho, se começará a deixar de ser um homem mecânico que apenas serve aos fins da natureza.

Se se pensa agora em todo o significado de tudo quanto se ensina aqui, pelas vias do esforço próprio, começando pela observação de si mesmo, ver-se-á que o lado prático de todo trabalho esotérico se relaciona intimamente com a transformação das impressões e do que resulta naturalmente das mesmas.

O trabalho, por exemplo, com as emoções negativas: sobre os estados de ânimo de aborrecimento, sobre a identificação, sobre a autoconsideração, sobre os eus sucessivos, sobre a mentira, sobre as autojustificativas, sobre a desculpa, sobre os estados inconscientes em que nos encontramos, se relaciona em tudo com a transformação das impressões e com o que resulta dela. Convirá dizer ainda que, de certo modo, o trabalho sobre si mesmo é comparável a uma dissecação.

Há necessidade de se formar um elemento de troca no lugar de entrada das impressões. Não se esqueçam disso.

Mediante a compreensão do trabalho, vocês podem aceitar a vida como um trabalho. Assim, entrarão num estado constante de recordação de si mesmos e o terrível realismo da transformação das impressões chegará naturalmente a vocês. As próprias impressões, normalmente ou supranormalmente, diríamos melhor, os levariam a uma vida melhor no que respeita a vocês naturalmente e já não obrariam mais sobre vocês como faziam no começo de sua própria transformação.

Porém, enquanto sigam pensando da mesma maneira, tomando a vida da mesma maneira, é claro que não haverá nenhuma mudança em vocês. Transformar as impressões da vida é autotransformar-se. Esta forma inteiramente nova de pensar nos ajuda a efetuar tal transformação. Todo este discurso está baseado exclusivamente no objetivo radical de nos transformarmos. Se alguém não se transforma, nada consegue.

Naturalmente, vocês compreenderão que a vida nos obriga continuamente a reagir. Todas essas reações formam nossa vida pessoal. Mudar a vida de alguém é realmente mudar suas próprias reações. A vida exterior chega-nos como meras impressões que nos obrigam incessantemente a reagir de uma forma, diríamos, estereotipada. Se as reações que constituem a nossa vida pessoal são todas de tipo negativo, então nossa vida também será negativa.

A vida consiste em uma série sucessiva de reações negativas que se dá como resposta às incessantes impressões que nos chegam à mente. Logo, nossa tarefa consiste em transformar as impressões da vida de modo que não provoquem este tipo de resposta negativa. Mas, para consegui-lo, é necessário estar se auto-observando de instante a instante, de momento a momento. É urgente, pois, estar sempre estudando as nossas próprias impressões.

Não se pode deixar que as impressões cheguem de um modo subjetivo e mecânico. Se começamos com dito controle, isto equivale a começar a vida, a começar a viver mais conscientemente. Um indivíduo pode se dar ao luxo de fazer com que as impressões não cheguem mecanicamente. Ao agir assim, transforma as impressões e começa a viver conscientemente.

O primeiro choque consciente consiste em transformar as impressões que nos chegam. Se se consegue transformar as impressões que chegam à mente no momento de sua entrada, magníficos resultados são obtidos, os quais beneficiam a nossa existência.

Sempre se pode trabalhar no resultado das impressões. Claro está que caducam, são de efeito mecânico... no entanto, esta mecanicidade costuma ser desastrosa no interior da nossa psique.

Este trabalho esotérico-gnóstico deve ser levado até o ponto onde entram as impressões porque são distribuídas mecanicamente pela personalidade a lugares equivocados a fim de evocar antigas reações.

Vou tratar de simplificar isto. Tomemos o seguinte exemplo: Se jogarmos uma pedra num lago cristalino, produzem-se impressões no lago e a resposta a essas impressões causadas pela pedra são as ondas que vão do centro para a periferia.

Agora, imaginem a mente como se fosse um lago. De repente, aparece a imagem de uma pessoa. Esta imagem é como a pedra do nosso exemplo. Ela chega à mente que então reage na forma de impressões. Estas impressões foram provocadas pela imagem que chegou à mente e as reações são as respostas a tais impressões.

Se se joga uma bola contra um muro, o muro recebe as impressões. Depois vem a reação que consiste na volta da bola a quem a jogou. Bom, pode ser que não chegue diretamente, mas de qualquer jeito a bola retorna e isso é reação.

O mundo está formado de impressões. Por exemplo: Chega-nos à mente a imagem de uma mesa através dos sentidos. Não podemos dizer que foi a mesa que chegou ou que a mesa se tenha metido em nosso cérebro. Isto é absurdo! Mas, a imagem da mesa sim está lá. Então, a mente reage imediatamente e diz: Esta é uma mesa de madeira, de metal, etc.

Há impressões que não são muito agradáveis. Por exemplo, as palavras de um insultador. Poderíamos transformar as palavras de um insultador?

As palavras são como são, então o que poderíamos fazer? Transformar as impressões que tais palavras nos causam. Isto sim é possível! O ensinamento gnóstico nos ensina a cristalizar a segunda força, o Cristo, em nós mediante o postulado que diz: Há que se receber com agrado as manifestações desagradáveis de nossos semelhantes.

No postulado anterior, está o modo de transformar as impressões produzidas em nós pelas palavras de um insultador. Receber com agrado as manifestações desagradáveis de nossos semelhantes. Este postulado nos levará, naturalmente, à cristalização da segunda força, o Cristo, em nós. Ele fará com que o Cristo venha a tomar forma em nós.

Se do mundo físico só conhecemos as impressões, então o mundo físico não é propriamente tão externo quanto as pessoas julgam. Com justa razão disse Emmanuel Kant: O exterior é o interior. Se o interior é o que conta, devemos, pois, transformar o interior. As impressões são interiores, logo todos os objetos, coisas e tudo o que vemos existe em nosso interior na forma de impressões.

Se não transformamos as impressões, nada mudará em nós. A luxúria, a cobiça, o orgulho, o ódio, etc., existem na nossa psique na forma de impressões que vibram incessantemente.

O resultado mecânico de tais impressões tem sido todos esses elementos inumanos que levamos dentro e que os temos chamado normalmente de eus, os quais em seu conjunto constituem o mim mesmo, o si mesmo.

Suponhamos, por exemplo, que um indivíduo vê uma mulher provocante e que não transforma essas impressões. O resultado será que elas, por serem de tipo luxurioso, produzirão nele o desejo de possuí-la. Tal desejo vem a ser o resultado da impressão recebida que se cristaliza, toma forma em nossa psique e se converte num agregado a mais, isto é, num elemento inumano, num novo tipo de eu luxurioso que irá se agregar à soma de elementos inumanos que em sua totalidade constituem o Ego.

Em nós existe ira, cobiça, luxúria, inveja, orgulho, preguiça e gula. Por que ira? Porque muitas impressões chegaram a nós, ao nosso interior, e nunca foram transformadas. O resultado mecânico de tais impressões de ira foram os eus que agora existem e vibram em nossa psique e que constantemente nos fazem sentir coragem.

Por que cobiça? Indubitavelmente, muitas coisas despertaram a cobiça em nós: o dinheiro, as joias e outras coisas materiais de todo tipo. Essas coisas, esses objetos, chegaram a nós na forma de impressões e nós cometemos o erro de não ter transformado essas impressões em outras diferentes: em alegria, em admiração à sua beleza, etc. Tais impressões não transformadas, naturalmente, converteram-se em eus da cobiça que agora carregamos em nosso interior.

Por que luxúria? Já disse que as diferentes formas de luxúria chegaram a nós como impressões, isto é, surgiram no interior da nossa mente imagens de tipo erótico cuja reação foi a luxúria. Como quer que não transformamos essas ondas luxuriosas, esse erotismo malsão, naturalmente o resultado não se fez esperar, nasceram novos eus morbosos em nossa psique.

Assim, pois, toca-nos trabalhar hoje mesmo sobre as impressões que estão em nosso interior e sobre seus resultados mecânicos. Dentro de nós temos impressões de ira, cobiça, gula, orgulho, preguiça, luxúria, etc. Temos também dentro de nós os resultados mecânicos de tais impressões: blocos de eus brigões e gritões que agora precisamos compreender e eliminar.

Portanto, o trabalho de nossa vida consiste em saber transformar tais impressões e também em saber eliminar os resultados mecânicos das impressões não transformadas no passado.

O mundo exterior propriamente não existe. O que existe são as impressões e estas são internas. Assim também as reações a tais impressões são completamente interiores.

Ninguém poderia dizer que está vendo uma árvore em si mesma. Estará vendo a imagem da árvore, porém não a árvore. A coisa em si, como Emmanuel Kant a chamava, ninguém vê. Vê-se a imagem das coisas, isto é, surge em nós a impressão de uma árvore, de uma coisa... porém, são coisas internas, são da mente.

Se alguém não faz as suas próprias modificações internas, o resultado não se deixa esperar: produz-se o nascimento de novos eus que vêm a escravizar ainda mais a nossa essência, a nossa consciência... e o sonho em que vivemos se intensifica ainda mais.

Quando alguém compreende realmente tudo o que ocorre dentro dele mesmo, relacionado com o mundo físico, que tudo não passa de impressões, compreende também a necessidade de transformar essas impressões e, ao fazê-lo, verifica-se uma transformação nele mesmo,

Não há coisa que mais doa do que a calúnia ou as palavras de um insultador. Se alguém for capaz de transformar as impressões que tais palavras causam, elas ficarão sem valor algum, isto é, ficam como um cheque sem fundos. Certamente, as palavras de um insultador não têm mais valor do que aquele que o insultado lhes dá. Assim, se o insultado não lhes der valor, ficam, repito, como um cheque sem fundos. Quando alguém compreende isto, passa a transformar as impressões das palavras em algo diferente, por exemplo, em amor, em compaixão para com o insultador, etc. Naturalmente, isto é transformação! Assim, pois, precisamos estar transformando incessantemente as impressões. Não só as presentes e as passadas, como também as futuras.

Dentro de nós existem muitas impressões sobre as quais cometemos o erro de não transformar e muitos resultados mecânicos das mesmas, os quais são os tais eus que agora temos de desintegrar, aniquilar, a fim de que a consciência fique livre e desperta.

É indispensável que se reflita sobre o que estou dizendo. As coisas, as pessoas, não são mais do que impressões dentro de nós, dentro da nossa mente. Se transformamos essas impressões, transformamos radicalmente a nossa vida.

Quando em alguém há orgulho, este tem por embasamento a ignorância. Por exemplo, uma pessoa que se sente orgulhosa de sua posição social e de seu dinheiro. Se essa pessoa pensar um pouco, verá que sua posição social é uma questão meramente mental, que são uma série de impressões a chegar à sua mente, impressões sobre seu estado social. Quando descobrir que tal estado não é mais do que uma questão mental, ao fazer uma análise de seu real valor, dar-se-á conta de que sua posição social existe em sua mente na forma de impressões.

Tudo que o dinheiro e a posição social provocam nada mais são do que impressões externas da mente. Tão só com o fato de se compreender que são apenas impressões da mente, há transformação sobre as mesmas. Então, o orgulho, por si mesmo, cai, desmorona, nascendo em nós de forma natural a humildade.

Continuando com o estudo dos processos da transformação das impressões, prosseguirei acrescentando mais alguma coisa. A imagem de uma mulher luxuriosa chega à mente ou surge na mente. Tal imagem é uma impressão. Isto é óbvio! Poderíamos transformar essa impressão luxuriosa através da compreensão? Sim, bastaria que nesse instante pensássemos que ela um dia irá morrer e que seu corpo se tornará pó no cemitério e se, com a imaginação, víssemos seu corpo se desintegrando dentro do caixão, isto seria mais do que suficiente para transformar aquela impressão luxuriosa em castidade. Agora, se não a transformamos, se somará aos outros eus da luxúria.

Convém que transformemos as impressões que surgem na mente através da compreensão. Resulta altamente lógico que o mundo exterior não seja tão exterior como normalmente se crê. Tudo o que nos chega do mundo é interior porque nada mais são do que impressões internas.

Ninguém poderia socar uma árvore, uma cadeira, uma casa, um palácio, uma pedra, etc., dentro de sua mente. Tudo chega à nossa mente na forma de impressões. Isso é tudo! Impressões de um mundo que chamamos externo, mas que na realidade não é tão externo como se crê. Resulta impostergável que transformemos as impressões através da compreensão. Se alguém nos cumprimenta e nos elogia, como poderíamos transformar a vaidade que isso poderia provocar em nós? Obviamente, os elogios, as adulações, não são mais do que impressões que nos chegam à mente e esta reage na forma de vaidade. Porém, se se transforma essas impressões, a vaidade torna-se impossível. Como se transformaria as palavras de um adulator? Mediante a compreensão. Quando alguém compreende que não é mais do que uma infinitesimal criatura num lugar qualquer do universo, transforma de fato essas impressões de louvor, de lisonja, em algo diferente, converte tais impressões no que são realmente: pó, poeira cósmica. Isto porque compreendeu a sua própria situação.

Sabemos que a galáxia em que vivemos é composta por milhões de mundos. O que é a Terra? Uma partícula de poeira no infinito. E se víssemos que somos micro-organismos dessa partícula? Então, o quê? Se compreendêssemos isto quando nos estão adulando, faríamos a transformação dessas impressões de lisonja, de adulação ou de louvor. Assim, como resultado, não reagiríamos de forma orgulhosa.

Quanto mais refletamos nisto, mais e mais veremos a necessidade de uma transformação completa das impressões.

Tudo o que vemos externo é interior. Se não trabalharmos com o interior, iremos pelo caminho do erro porque não modificaremos os nossos hábitos. Se quisermos ser diferentes, temos de nos transformar integralmente e devemos começar transformando as impressões. Transformando as impressões animais e bestiais em elementos de devoção, ocorre em nós a transformação sexual, a transmutação.

Inquestionavelmente, este aspecto das impressões merece ser analisado de uma forma clara e precisa. A personalidade, que recebemos ou adquirimos, recebe as impressões da vida, mas não as transforma porque praticamente é algo morto.

Se as impressões caíssem diretamente sobre a essência, é óbvio que seriam transformadas porque, de fato, ela as depositaria exatamente nos centros correspondentes da máquina humana.

Personalidade é o termo que se aplica a tudo aquilo que adquirimos. É claro que traduz as impressões chegadas de todos os lados da vida de um modo limitado e praticamente estereotipado, de acordo com sua qualidade e associação.

A este respeito, no trabalho esotérico-gnóstico, se compara muitas vezes a personalidade com uma péssima secretária que está na sala de recepção e que se ocupa com todas as ideias, conceitos, preconceitos, opiniões e prejuízos. Dispõe de muitíssimos dicionários, enciclopédias de todo tipo, livros de referência, etc. Porém, não está sintonizada com os centros, isto é, o mental, o emocional e os centros físicos - intelectual, emocional, motor, instintivo e sexual - a não ser de acordo com suas inusitadas ideias. Como consequência ou

corolário, termina acontecendo que se põe em contato quase sempre com os centros equivocados. Isto significa que as impressões que chegam são enviadas a centros indevidos, isto é, a locais que não lhe correspondem, produzindo, naturalmente, resultados indevidos.

Porei um exemplo para que me entendam melhor. Suponhamos que uma mulher atenda com muita gentileza e respeito a um cavalheiro. Claro que as impressões que ele está recebendo em sua mente são recebidas pela personalidade e esta as remete a centros equivocados. Normalmente, as manda ao centro sexual e o cavalheiro chega a crer firmemente que a dama está enamorada dele. Logicamente, não demorará muito e ele se apressará em fazer-lhe algumas insinuações de tipo amoroso. Indubitavelmente, se aquela dama jamais teve esse tipo de preocupação pelo cavalheiro, não deixará de sentir-se, com muita razão, surpreendida. Este é o resultado da péssima recepção das impressões. Vemos aqui quão má secretária é a personalidade. Indiscutivelmente, a vida de um homem depende dessa secretária que procura a transformação em seus livros de referência sem compreender em absoluto o que significa na realidade o acontecimento, em consequência o transmite sem se preocupar com o que possa ocorrer, unicamente sentindo que está cumprindo com o seu dever.

Esta é a nossa situação interior. O que importa compreender nesta alegoria é que a personalidade, que adquirimos e que devemos adquirir, começa a tomar conta da nossa vida.

Inquestionavelmente, é inútil pensar que isto ocorra somente a certas e determinadas pessoas. Acontece a todos, seja lá quem for.

É plenamente observável que existem numerosas reações características produzidas pelas impressões que nos chegam. Infelizmente, essas reações mecânicas nos governam. É claro que cada um é governado pela sua própria vida e não importa que se chame liberal ou conservador, revolucionário ou bolchevista ou bom ou mau no sentido da palavra.

É óbvio que essas reações diante dos impactos do mundo exterior constituem a nossa própria vida. A humanidade, neste sentido, podemos afirmar de forma enfática, que é completamente mecanicista.

Qualquer um formou durante sua vida uma enorme quantidade de reações; são as experiências práticas de sua existência. É claro que toda ação produz a sua reação, ações de certo tipo, e a tais reações damos o nome de experiências.

O importante seria poder relaxar a mente a fim de melhor conhecer nossas ações e reações. Isto de relaxamento mental é magnífico. Deitar-se na cama ou numa cômoda poltrona e relaxar todos os músculos pacientemente. Depois, esvaziar a mente de todo tipo de pensamentos, desejos, emoções, lembranças, etc. Quando a mente está quieta, quando a mente está em silêncio, podemos conhecer melhor a nós mesmos. Em tais momentos de quietude e silêncio mental, é quando vimos a vivenciar de forma direta o cru realismo de todas as ações da vida prática.

Quando a mente se encontra em absoluto repouso, vemos toda a multidão de elementos, subelementos, ações, reações, desejos, paixões, etc., como algo alheio a nós mesmos, mas que aguarda o instante preciso para poder realizar seu controle sobre nós, sobre nossa personalidade. Eis aqui o motivo pelo qual vale o silêncio e a quietude da mente. Obviamente, o relaxamento do entendimento é benéfico no sentido mais completo da palavra, pois nos conduz ao autoconhecimento individual.

Assim é que toda a vida, isto é, a vida exterior, o que vemos e vivemos, é para cada pessoa a sua reação às impressões que chegam do mundo físico.

É um grande erro pensar que o que é chamado vida seja uma coisa fixa, sólida, a mesma coisa para qualquer pessoa. Certamente, não há uma só pessoa que tenha as mesmas impressões que outra, no que diz respeito à vida existente no gênero humano, porque são infinitas.

Nossas impressões da vida são certamente a vida. É claro que podemos, se nos propomos, transformar tais impressões. Porém, como já foi dito, esta é uma ideia muito difícil de entender ou compreender devido a que o hipnotismo dos sentidos é muito poderoso.

Ainda que pareça incrível, todos os seres humanos se acham num estado de hipnotismo coletivo. Tal hipnose é produzida pelo estado residual do abominável órgão Kundartiguador. Quando este órgão foi eliminado, restaram os diversos agregados psíquicos ou elementos inumanos que em seu conjunto constituem o mim mesmo, o si mesmo. Esses elementos e subelementos, por sua vez, condicionam a consciência e a mantêm em estado de hipnose. Assim, pois, existe a hipnose de tipo coletivo. Todo mundo está hipnotizado!

A mente está enfrascada no mundo dos cinco sentidos e não atina compreender como poderia se tornar independente deles; crê firmemente que é um deus. Nossa vida interior, a verdadeira vida de pensamentos e sentimentos, segue sendo confusa para as nossas concepções meramente racionais e intelectivas. Não obstante, ao mesmo tempo, sabemos muito bem que o lugar onde realmente vivemos é no nosso mundo de pensamentos e sentimentos. Isto é algo que ninguém pode negar.

Nossas impressões são a vida e elas podem ser transformadas. Temos de aprender a transformar as nossas impressões, porém não será possível transformar coisa alguma se continuarmos apegados ao mundo dos cinco sentidos.

Como disse em meu tratado de PSICOLOGIA REVOLUCIONARIA, a experiência ensina que se o trabalho esotérico-gnóstico é negativo, isso se deve a própria culpa.

Do ponto de vista sensorial, é esta ou aquela pessoa do mundo exterior, que se vê ou que se ouve com os olhos e os ouvidos, quem tem a culpa. Essa pessoa dirá por sua vez que nós é que somos os culpados. No entanto, a culpa está nas impressões que nós temos das pessoas. Muitas vezes pensamos que alguém é um tipo perverso quando no fundo é uma mansa ovelha.

Convém muito aprender a transformar todas as impressões que tenhamos sobre a vida. Temos de aprender a receber com agrado as manifestações desagradáveis de nossos semelhantes.

O ESTÔMAGO MENTAL

Conforme estudamos no capítulo anterior, sabemos que existem três tipos de alimentos: os alimentos propriamente ditos, os relacionados com a respiração e as impressões.

A digestão dos alimentos traz como resultado a assimilação de princípios vitais pelo sangue. O resultado da respiração é a assimilação do oxigênio tão valioso para a vida humana. A assimilação ou digestão das impressões traz como resultado a absorção de uma energia mais fina que a assimilada nas outras duas digestões.

As impressões correspondem aos cinco sentidos. Há dois tipos de impressões: agradáveis e desagradáveis.

O ser humano precisa saber viver. Porém, para tal, terá de aprender a digerir e a transformar as impressões. Isto é vital para a compreensão.

Temos que transformar as impressões se, de verdade, queremos saber viver. As impressões que chegam à mente possuem hidrogênio 48. Lamentavelmente, o ser humano vive mecanicamente. O homem poderia transformar o hidrogênio 48 em hidrogênio 24 a fim de fortalecer os chacras, o 24 em 12 para fortalecer a mente e o 12 em 6 para fortalecer a vontade.

Na atualidade, há necessidade de se transformar a mente, passar para um novo nível mental, senão as impressões prosseguirão chegando aos mesmos locais equivocados de sempre.

As pessoas julgam poder ver as coisas de diferentes ângulos e que são soberanas, mas não se dão conta de que a mente humana está limitada pelos preconceitos e prejulgamentos.

Nestes tempos modernos, temos de transformar o aparato mental. Temos de ser diferentes, distintos. Faz-se urgente e necessário a fabricação de um aparato intelectual superior, adequado para transformar e digerir as impressões.

Assim como o aparelho digestivo tem um estômago para que os alimentos possam ser assimilados e assim como o sistema respiratório tem pulmões para assimilar o oxigênio, o homem-máquina precisa criar um estômago mental; não se vá a confundir ou a interpretar como alguma coisa física.

Antes de se digerir as impressões, há que se transformá-las. O ensinamento gnóstico permite e facilita a criação de dito estômago, que tornará o animal intelectual em alguma coisa distinta.

A necessidade de transformação não pode nascer sem que se tenha compreendido a sua necessidade. Esta compreensão surge ao se absorver o conhecimento gnóstico.

Quando se pensa positivamente e diferente das pessoas, é sinal de que se está mudando. Há que se deixar de ser o que somos para ser o que não somos. Há que se perder de si mesmo. O resultado de tudo isto será o aparecimento de alguém que não será mais ele mesmo.

No caminho da transformação das impressões, temos de ser sinceros conosco mesmos. Não há porque tentar persuadir a si próprio. No princípio, aparece a justificação, porém temos que estudar essa justificação, a qual pode ser fruto do amor próprio.

Há que se descobrir as causas e os motivos das atuações tidas diante das impressões. Quando alguém transforma as impressões tudo se torna novo.

Somente os Mestres da Fraternidade Oculta podem transformar imediatamente as impressões. Quanto às máquinas humanas, estas não as transformam.

O homem consciente pode modificar as situações provocadas pelas impressões passadas, presentes e futuras. Se as pessoas não são capazes de transformar as circunstâncias, continuarão sendo joguetes delas e dos demais.

A vida tem um objetivo: um mundo superior. Os ensinamentos gnósticos ensinam a viver num mundo superior, a viver numa humanidade solar e imortal. Se alguém não aceita um mundo superior, a transformação não tem sentido para ele. Isto é óbvio.

A mente da maneira como agora se encontra não serve para nada. Temos de organizá-la, remodelá-la, mobiliá-la, etc., isto é, pô-la em um nível intelectual superior.

Para se poder transformar as impressões, há que se reconstruir a cena tal como aconteceu e averiguar o que foi que mais nos feriu. Se não houver a digestão das impressões, não se obterá os alimentos necessários e se não houver os alimentos, os corpos existenciais do Ser ficarão debilitados.

O eu nutre-se com o hidrogênio 48 e nos governa. A cada dia, a cada hora, estão nascendo novos eus. Por exemplo: os mosquitos nos incomodam, a chuva também, etc... sempre existe uma soma e um resto de eus.

As boas impressões também devem ser transformadas. Se houve durante o dia três impressões que afetaram o nosso estado de ânimo, elas deverão ser estudadas de noite e transformadas mediante um planejamento ordenado. Cada eu está ligado a outros, estão associados. Os eus se conjugam a fim de formar a mesma cena.

Temos de ser analíticos e judiciosos na transformação das impressões para que por fim apareçam novas faculdades. Quando as pessoas não se transformam, prosseguem no mesmo estado vergonhoso e ridículo. Não havendo digestões, se está involuindo.

Temos de digerir as impressões do próprio dia... Não permitas que o sol se oculte sobre a tua ira! Tens que ver as coisas como são! Há que se criar a conveniente aparelhagem do estômago mental para não ser vítima de nada!

SISTEMA PARA TRANSFORMAR AS IMPRESSÕES DO DIA

É urgente e necessário se transformar as impressões do dia antes de dormir da seguinte maneira:

1. Relaxamento absoluto.
2. Chegar ao estado de meditação.
3. Reviver a cena tal como aconteceu.
4. Buscar dentro de si mesmo o eu que ocasionou o problema.
5. Observação serena. Se colocará o Ego no banco dos réus e se procederá o seu julgamento.
6. Pedir a desintegração do eu-problema à Divina Mãe Kundalini.

CAPÍTULO 2

IMAGEM, VALORES E IDENTIDADE

Na dinâmica mental, precisamos saber alguma coisa sobre como e por que funciona a mente.

Na dinâmica mental, é urgente se saber alguma coisa sobre o como e o porquê das diversas funções da mente.

Necessitamos de um sistema realista se é que de verdade queremos conhecer o potencial da mente humana.

Precisamos melhorar a qualidade dos valores, da imagem e da identidade de nós mesmos. Penso que uma mudança de valores, de imagem e de identidade é fundamental.

O animal intelectual equivocadamente chamado homem foi educado para negar a sua autêntica identidade, valores e imagem.

Aceitar a cultura negativa, instalada subjetivamente em nossa mente, em nosso interior, seguindo no caminho do menor esforço, é um absurdo. Precisamos de uma cultura objetiva.

Aceitar assim porque sim, seguindo na linha do menor esforço, a cultura subjetiva desta época decadente é inquestionavelmente absurdo.

Precisamos passar por uma revolução total e por uma mudança definitiva nesta questão de imagem, valores e identidade.

A imagem exterior do homem e as diversas circunstâncias que o rodeiam são o resultado exato de sua imagem interior e de seus processos psicológicos.

Autoimagem é diferente, é o K.H. Íntimo, o homem cósmico, o kosmos-homem, nosso protótipo divino, o Real Ser.

Imagem, valores e identidade devem ser mudados radicalmente. Isto é revolução integral. Necessitamos de identidade do Ser, valores do Ser e imagem do Ser.

Se descobirmos as reservas de inteligência contidas na mente, poderemos libertá-las.

As reservas de inteligência são as diversas partes do Ser que nos orientam no trabalho relacionado com a desintegração do Ego e com a liberação da mente.

As reservas de inteligência contidas na mente nos orientam no trabalho relacionado com a liberação da mente. Os valores do Ser constituem esta inteligência. As reservas de inteligência são as diversas partes do Ser que nos guiam e nos orientam no trabalho psicológico relacionado com a aniquilação do Ego e com a libertação da mente.

Façamos sempre uma diferenciação entre mente e Ser. Quando alguém aceita que a mente está engarrafada no Ego, isso indica que começou a amadurecer.

Nesta questão da dissolução do Ego, é preciso que combinemos a análise estrutural e a transacional.

Apenas os valores da inteligência poderão liberar a mente através da desintegração dos elementos psíquicos indesejáveis.

A AUTOCRÍTICA

Temos de ser sinceros conosco mesmos e fazer a dissecação do eu com o tremendo bisturi da autocrítica. Absurdo criticar-se os erros alheios. O fundamental é descobrir os nossos erros e depois desintegrá-los à base de análise e profunda compreensão.

A atuação coletiva só será possível quando cada indivíduo for capaz de atuar individualmente com plena e absoluta consciência do que faz.

Os sistemas da Dialética Revolucionária parecerão muito longos às pessoas impacientes, porém não há outro caminho. Os que querem mudanças rápidas e imediatas na ordem psicológica e social geralmente criam normas rígidas, ditaduras da mente; não desejam que se aprenda a pensar e sim que ditam o que se haverá de pensar.

Toda mudança brusca frustra seu próprio objetivo e o homem volta a ser vítima daquilo contra o que lutou. Dentro de nós estão todas as causas do fracasso de qualquer organização.

A AUTO-IMAGEM

Isto de se identificar, de se imaginar e de valorizar a si mesmo corretamente não deve ser confundido com a maravilhosa doutrina da não identificação.

Em vez de reter em nossa mente uma cultura caduca e degenerada, devemos reeducar a nós mesmos.

Precisamos ter um conceito exato sobre nós mesmos. Cada um de nós tem um falso conceito sobre si mesmo. Resulta impostergável que nos reencontremos. Temos de nos autoconhecer, reeducar-nos e revalorizar-nos corretamente.

A mente engarrafada dentro do Ego desconhece os autênticos valores do Ser. Como poderia a mente reconhecer o que jamais conheceu?

A liberdade mental só é possível libertando-se a mente.

Os falsos conceitos de autoidentidade engarrafam a mente. O exterior é tão somente o reflexo do interior.

A imagem de um homem dá origem à sua imagem exterior. O exterior é o espelho onde se reflete o interior. Cada pessoa é o resultado de seus próprios processos mentais.

O homem precisa autoexplorar sua própria mente se deseja identificar-se, valorizar-se e autoimaginar-se corretamente. Os pensamentos humanos são negativos e prejudiciais em uns 99%.

A AUTO-ADORAÇÃO

Na convivência em sociedade há autodescobrimento e autorrevelação.

Realmente, quando em convivência, a mente se acha em estado de alerta percepção. Então, os defeitos escondidos afloram, saltam fora, e os vemos tais quais são em si mesmos.

No fundo, todos os seres humanos são narcisistas, estão enamorados de si mesmos. Observem um cantor no palco de um teatro; está loucamente enamorado de si mesmo. Ele se adora, se idolatra, e quando chovem os aplausos, atinge o clímax de sua autoadoração, pois era isso justamente o que ele queria, o que desejava, o que aguardava com sede infinita.

Realmente, a vaidade é a viva manifestação do amor próprio. O eu se enfeita para que os outros o adorem.

Quando o Ego começa a controlar a personalidade da criança, a beleza da espontaneidade desaparece e dá-se início à sobre-estimação do querido Ego. A criança passa a sonhar com dominar o mundo e a chegar a ser o mais poderoso da Terra.

O AUTOJULGAMENTO

O homem que permite que se expresse nele de maneira espontânea isso que se chama autojulgamento ou juízo interior, será guiado pela voz da consciência e seguirá pelo caminho reto.

Todo homem submetido ao autojuízo converte-se de fato e por direito próprio num bom cidadão, num bom esposo, num bom missionário, num bom pai, etc.

Para conhecer as nossas íntimas contradições, é preciso nos autodescobrirmos. Quem se autodescobre pode trabalhar com êxito na dissolução do Eu Pluralizado.

As íntimas contradições fundamentam-se na pluralidade do eu. Lamentavelmente, as tremendas contradições que carregamos dentro nos amargam a vida. Somos operários e queremos ser potentados, somos soldados e queremos ser generais, etc. Queremos ter uma casa própria e depois que a conseguimos, a vendemos porque queremos ter outra.

Não estamos contentes com nada. Buscamos a felicidade nas ideias e estas também desfilam e passam. Buscamos a felicidade na convivência, nas amizades, e o que ocorre? Hoje estão conosco e amanhã contra nós. Assim, pois, vemos que tudo é ilusório.

Nada na vida pode nos dar a felicidade. Com tantas contradições somos apenas uns miseráveis.

É necessário se acabar com o Eu Pluralizado. Só assim poderemos acabar com a origem secreta de todas as nossas contradições e amarguras.

Quem já dissolveu o eu possui de fato o CPC.

No mundo existem muitas escolas e sistemas. Muita gente vive borboleteando de escolinha em escolinha, sempre cheia de íntimas contradições, sempre insatisfeita, sempre buscando o caminho, mas jamais o encontra ainda que esteja bem perto de seus olhos. O Eu Pluralizado não deixa ver o caminho da Verdade e da Vida. O pior inimigo da iluminação é o eu. Perguntou-se a um Mestre: O que é o caminho?

Que magnífica montanha! - falou da montanha onde mantinha o seu retiro.

Não vos perguntei acerca da montanha e sim sobre o caminho.

Enquanto não puderes ir além da montanha, não poderás encontrar o caminho - respondeu o Mestre.

O eu pode fazer boas obras e ganhar muitos méritos que melhorem o seu caráter psicológico, porém jamais poderá chegar à iluminação.

Devemos procurar a iluminação que todo o resto nos será dado por acréscimo. Porém, é impossível chegar-se à iluminação sem se ter um CPC.

Impossível se ter um Centro Permanente de Consciência sem se haver dissolvido o Eu Pluralizado.

A AUTO-IDÉIA

Informação intelectual e ideias alheias não são vivências. Erudição não é experimentação. O ensaio, a prova e a demonstração exclusivamente tridimensionais não são unitotais.

Opiniões, conceitos, teorias e hipóteses não significam verificação, experimentação e consciência plena sobre tal ou qual fenômeno.

Tem de haver uma faculdade superior à mente, independente do intelecto, capaz de nos dar conhecimento e experiência direta sobre qualquer fenômeno.

Só libertando-nos da mente poderemos vivenciar de verdade isso que há de real, isso que se encontra em estado potencial por trás de qualquer fenômeno.

O mundo é tão somente uma forma ilusória que se dissolverá inevitavelmente no final deste Grande Dia Cósmico.

Minha pessoa, teu corpo, meus amigos, as coisas, minha família, etc., no fundo nada mais são do que isso que os hindus chamam de Maya, ilusão; vãs formas mentais que tarde ou cedo se reduzirão a poeira cósmica.

Meus afetos, os seres mais queridos que nos cercam, etc., são simples formas mentais que não têm existência real.

O dualismo intelectual tais como: prazer e dor, elogio e ofensa, triunfo e derrota, riqueza e miséria, etc., constitui o doloroso mecanismo da mente.

A autoideia e a verdadeira felicidade não podem existir dentro de nós enquanto sejamos escravos da mente.

Ninguém poderá desenvolver a autoideia enquanto for escravo da mente. Isso que é o real não é questão de teses livrescas nem de ideias alheias e sim de experiência direta.

Quem se liberta do intelecto pode experimentar e sentir um elemento que transforma radicalmente.

Quando nos libertarmos da mente, esta se converterá num veículo dúctil, elástico e útil mediante o qual nos expressaremos.

A lógica superior convida a pensar que nos emanciparmos da mente equivale, de fato, a despertar a consciência, a terminar com o automatismo.

Porém, vamos ao grão: Quem ou o que é que deve se safar das mortificantes ideias alheias? Resulta óbvio responder a esta interrogação dizendo: A consciência! Isso que há de alma em nós e o que pode e deve se libertar.

As ideias alheias da pseudoliteratura só servem para amargurar a existência. A autêntica felicidade só é possível quando nos emancipamos do intelecto.

Porém, devemos reconhecer que existe um maiúsculo inconveniente para se obter essa desejada liberação da consciência. Quero me referir ao tremendo batalhar das antíteses.

A essência ou consciência vive, infelizmente, engarrafada nesse aparatoso dualismo intelectual dos opostos: sim e não, bom e mau, alto e baixo, meu e teu, gosto e desgosto, prazer e dor, etc.

A todas as luzes resulta brilhante compreender a fundo que a luta dos opostos termina quando cessa a tempestade das ideias emprestadas no oceano da mente. E quando a essência escapa e submerge n'Aquilo que é o Real. Daí emana com todo seu esplendor a autoideia, a ideia-gérmem.

CAPÍTULO 3

MO-CHAO

A palavra chinesa mo significa silencioso ou sereno. Chao significa refletir ou observar. Portanto, mo-chao pode ser traduzido como reflexão serena ou observação serena.

O dificultoso e laborioso é conseguir o silêncio mental absoluto em todos os níveis do subconsciente.

Alcançar quietude e silêncio no nível meramente superficial, intelectual ou em uns quantos departamentos subconscientes não é suficiente, já que a essência continuará enfrascada no dualismo submerso, infraconsciente e inconsciente.

Mente em branco é algo demasiado superficial, oco e intelectual. Precisamos de reflexão serena, se é que de verdade queremos atingir a quietude e o silêncio absoluto da mente.

Porém, resulta claro compreender que no gnosticismo puro os termos serenidade e reflexão têm um sentido bem mais profundo, devendo ser compreendidos dentro de suas conotações especiais.

O sentimento de sereno transcende a isso que normalmente se entende por calma ou tranquilidade. Implica em um estado superlativo que está além dos raciocínios, desejos, contradições e palavras; designa uma situação fora do bulício mundano.

Da mesma forma, o sentido de reflexão está além disso que se costuma entender por contemplação de um problema ou ideia. Aqui não implica em atividade mental ou pensamento contemplativo, mas numa espécie de consciência objetiva, clara e reflexiva; sempre iluminada em sua própria experiência.

Portanto, sereno aqui é serenidade do pensamento e reflexão significa consciência intensa e clara.

Reflexão serena é a clara consciência na tranquilidade do não pensamento.

Quando a perfeita serenidade reina, consegue-se a verdadeira iluminação profunda.

MENTE DISPERSA E MENTE INTEGRAL

Na dinâmica mental, é urgente saber como e por que a mente funciona. Só se resolvendo o como e o porquê, poderemos fazer da mente um instrumento útil.

A liberdade intelectual só é possível à base de entendimento, compreensão e conhecimento das diversas funções da mente.

Só se conhecendo os diversos mecanismos da mente, poderemos nos libertar dela a fim de torná-la um instrumento útil.

É impostergável conhecer a nós mesmos, se é que na realidade queremos controlar a nossa própria mente de forma integral.

Hipócrates, o grande médico, foi um dos clássicos mestres da mente.

A mente humana está condicionada.

A vontade sem cadeias só é possível após a dissolução do Ego. A mente deve se converter num mecanismo obediente ao homem. A maturidade começa quando aceitamos a realidade de que a mente humana está condicionada.

É possível se conseguir a liberação da mente, se descobrimos a inteligência que se possui. Precisamos de mente íntegra em vez de mente dispersa.

A REVOLUÇÃO DA MEDITAÇÃO

A técnica da meditação permite que cheguemos até as alturas da iluminação e da revolução da dialética.

Devemos distinguir entre uma mente que está quieta e uma mente que foi aquietada à força.

Quando a mente foi aquietada à força, realmente não está quieta, está amordaçada com violência e nos níveis mais profundos do entendimento há toda uma tempestade.

Quando a mente foi violentamente silenciada, na realidade não está em silêncio e no fundo clama, grita e se desespera.

É preciso se acabar com as modificações do princípio pensante durante a meditação. Quando o princípio pensante fica sob nosso controle, a iluminação vem a nós espontaneamente.

O controle mental permite-nos destruir os grilos criados pelo pensamento. Para se conseguir a quietude e o silêncio da mente, é necessário se saber viver de instante a instante, saber aproveitar cada momento; não dosificar o momento.

Tomai tudo de cada momento porque cada momento é filho da Gnosis, cada momento é absoluto, vivo e significativo. A momentaneidade é característica especial dos gnósticos. Nós amamos a filosofia da momentaneidade.

O Mestre Ummom disse aos seus discípulos: Se caminham, caminhem. Se se sentam, se sentem. Não vacilem!

Um primeiro estudo na técnica da meditação é a antessala dessa paz divina que supera todo conhecimento.

A forma mais elevada de pensar é não pensar. Quando se consegue a quietude e o silêncio da mente, o eu, com todas suas paixões, desejos, apetites, temores, afetos, etc., se ausenta.

Só na ausência do eu, na ausência da mente, o Budata pode despertar para unir-se ao Íntimo e levar-nos ao êxtase.

É falso, como pretende a escola de magia negra do Subub, que a Mônada ou a grande realidade entre naquele que ainda não possui os corpos existenciais superiores do Ser.

O que entra nos fanáticos tenebrosos do Subub são as entidades das trevas que se expressam através deles com gestos, ações, palavras bestiais e absurdas, etc. Essa gente está possuída pelos tenebrosos.

Com a quietude e o silêncio da mente temos um só objetivo: liberar a essência da mente para que fundindo-se com a Mônada, o Íntimo, possa experimentar ISSO que nós chamamos a Verdade.

Na ausência do eu, durante o êxtase, a essência pode viver livremente no Mundo da Névoa de Fogo e experimentar a Verdade.

Quando a mente se acha em estado passivo e receptivo, completamente quieta e em silêncio, a essência ou Budata liberta-se da mente e vem o êxtase.

O batalhar dos opostos mantém a essência engarrafada, mas quando a batalha termina e o silêncio torna-se absoluto, a essência fica livre e a garrafa se faz em pedaços.

Quando praticamos a meditação, nossa mente é assaltada por muitas lembranças, desejos, paixões, preocupações, etc.

Devemos evitar o conflito entre a atenção e a distração. Existe conflito entre a distração e a atenção quando combatemos contra esses assaltantes da mente. O eu é o projetor de tais assaltantes mentais. Onde há conflito, não existe quietude nem silêncio.

Temos de anular o projetor mediante a auto-observação e a compreensão. Examinem cada imagem, cada lembrança, cada pensamento, que chegar à mente. Lembrem-se que todo pensamento tem dois polos: positivo e negativo.

Entrar e sair são os dois aspectos de uma mesma coisa. A sala de jantar e o banheiro, o alto e o baixo, o agradável e o desagradável, etc., são sempre os dois polos de uma mesma coisa.

Examinem os dois polos de cada forma mental que chegue à mente. Lembrem-se que somente pelo estudo das polaridades se chega à síntese.

Toda forma mental pode ser eliminada mediante a síntese.

Exemplo: Assalta-nos a lembrança da noiva. Ela é bonita? Pensemos que a beleza é o oposto da feiura e que se ela é bonita na juventude, será feia na velhice. Síntese: Não vale a pena pensar nela, é uma ilusão, uma flor que murchará inevitavelmente.

Na Índia, esta auto-observação e estudo da própria psique, é chamada de Pratyahara.

Os pássaros-pensamentos devem passar pelo espaço da nossa mente num desfile sucessivo, porém sem deixar rastro algum.

A infinita procissão de pensamentos projetados pelo eu por fim se esgotará, então a mente fica quieta e em silêncio.

Um grande Mestre autorrealizado disse: Somente quando o projetor, isto é, o eu, está ausente por completo, vem o silêncio que não é produto da mente. Esse silêncio é inesgotável, não é do tempo e é incomensurável. Só então vem Aquilo que é.

Toda esta técnica resume-se a dois princípios:

a - profunda reflexão.

b - tremenda serenidade.

Esta técnica da meditação, com seu não-pensamento, põe a trabalhar a parte mais central da mente, a que produz o êxtase.

Lembrem-se que a parte central da mente é isso que se chama Budata, essência ou consciência.

Quando o Budata desperta, ficamos iluminados. Necessitamos despertar o Budata, a consciência.

O estudante gnóstico pode praticar a meditação sentado no estilo ocidental ou no estilo oriental.

É aconselhável se praticar com os olhos fechados para evitar as distrações do mundo exterior.

Convém relaxar o corpo evitando cuidadosamente que algum músculo fique em tensão.

O Budata, a essência, é o material psíquico, o princípio budístico interior, o material anímico ou matéria-prima com a qual damos forma à alma.

O Budata é o melhor que temos dentro e desperta com a meditação interior profunda.

O Budata é realmente o único elemento que o pobre animal intelectual possui para chegar à experimentação disso que chamamos Verdade.

O animal intelectual não podendo encarnar o Ser, porque ainda não possui os corpos existenciais superiores, a única coisa que pode fazer é praticar a meditação para autodespertar o Budata e conhecer a Verdade.

A ASSOCIAÇÃO MECÂNICA

Isan enviou ao Mestre Koysen um espelho. Koysen mostrou-o aos seus monges e disse:

Este espelho é de Isan ou é meu? Se disserem que é de Isan, como pode ser que esteja em minhas mãos? Se disserem que é meu, por acaso não o recebi das mãos de Isan? Falem! Falem, porque senão o farei em pedaços.

Os monges não conseguiram passar por estes dois opostos e o Mestre fez o espelho em pedaços.

O êxtase será impossível enquanto a essência permanecer engarrafada nos opostos.

Nos tempos da Babilônia, veio ao mundo o Bodhisattva do santíssimo Ashiata Shiemash, um grande avatara.

O Bodhisattva não estava caído e como todo o Bodhisattva tinha os corpos existenciais superiores do Ser normalmente desenvolvidos.

Quando chegou à idade responsável, foi ao monte Veziniana e alojou-se numa caverna.

Conta a tradição que fez tremendos jejuns de 40 dias cada um, acompanhados de intencional e voluntário sofrimento.

Dedicou o primeiro jejum à oração e à meditação.

O segundo jejum foi dedicado à revisão de toda sua vida e as anteriores.

O terceiro jejum foi definitivo, dedicou-o para terminar com a associação mecânica da mente.

Não comia, só bebia água e de meia em meia hora arrancava dois cabelos de seu peito.

Existem dois tipos de associação mecânica que vêm a ser a base dos opostos:

- a - associação mecânica por ideias, palavras, frases, etc, e
- b - associação mecânica por imagens, formas, coisas, pessoas, etc.

Uma ideia se associa a outra, uma palavra com outra, uma frase com outra frase e disso vem o batalhar dos opostos.

Associa-se uma pessoa a outra e vem a lembrança de alguém à mente. Uma imagem é associada a outra, uma forma a outra e o batalhar das associações continua.

O Bodhisattva do avatara Ashiata Shiemash, sofrendo o indizível, jejuando por 120 dias, mortificando-se espantosamente, submerso em profunda meditação íntima, conseguiu a dissociação da mecânica mental e sua mente ficou solenemente quieta e em imponente silêncio.

O resultado foi o êxtase e a encarnação do seu real Ser.

Ashiata Shiemash fez uma grande obra na Ásia. Fundou monastérios e estabeleceu por toda parte governantes de consciência desperta.

Esse Bodhisattva pôde encarnar seu real Ser durante a meditação porque possuía os corpos existenciais superiores do Ser.

Aqueles que não têm os corpos existenciais superiores do Ser não podem conseguir que a divindade ou o Ser opere dentro deles ou que neles se encarne. Porém, podem, sim, libertar a essência para que se una ao Ser e participe de seu êxtase.

Em estado de êxtase, podemos estudar os mistérios da vida e da morte. Há que se estudar o ritual da vida e da morte enquanto chega o oficiante – o Íntimo, o Ser.

Só se pode experimentar a alegria do Ser na ausência do eu. O êxtase só vem na ausência do eu.

Quando se consegue a dissolução da mecânica mental, vem isso que os orientais chamam de estalido da bolsa, irrupção do vazio. Então, há um grito de júbilo porque a essência, o Budata, escapou do batalhar dos opostos e participa da comunhão dos santos.

O DOMÍNIO DA MENTE

É claro que nos cabe ir-nos independizando cada vez mais da mente. A mente é um calabouço, um cárcere, onde todos nós estamos presos. Precisamos fugir desse cárcere, se é que realmente queremos saber que coisa é a liberdade; liberdade essa que não é do tempo, liberdade essa que não é da mente...

Antes de tudo, devemos considerar a mente como algo que não é do Ser. Infelizmente, as pessoas identificadas com a mente dizem: estou pensando... e se sentem como sendo a mente.

Há escolas que se dedicam a fortalecer a mente. Dão cursos por correspondência, ensinam a desenvolver a força mental, etc. Porém, tudo isso é absurdo! Fortificar os barrotes da prisão onde estamos metidos não é o indicado. O que precisamos é destruir esses barrotes para conhecer a verdadeira liberdade que, como já disse, não é do tempo.

Enquanto estivermos no cárcere do intelecto, não seremos capazes de experimentar a verdadeira liberdade.

A mente em si mesma é um cárcere doloroso. Ninguém jamais foi feliz com a mente. Até hoje não se conheceu o primeiro homem que foi feliz com a mente. A mente torna todas as criaturas desditadas, torna-as infelizes. Os momentos mais ditosos que todos nós tivemos na vida ocorreram sempre na ausência da mente. Foi um instante, sim, mas que não o poderemos esquecer jamais na vida. Em tal segundo, soubemos o que é a felicidade, porém durou apenas um segundo. A mente não sabe que coisa é a felicidade, ela é um cárcere!

Temos de aprender a dominar a mente, não a alheia, mas a nossa, se é que queremos ficar independentes dela.

Faz-se indispensável aprender a olhar a mente como algo que devemos dominar, como algo que, digamos, precisamos amansar. Recordemos ao divino Mestre Jesus entrando em Jerusalém no Domingo de Ramos montado em seu burrinho. Esse burrinho é a mente que temos de submeter. Temos de montar no burrinho e não permitir que ele monte em nós. Infelizmente, as pessoas são vítimas da mente, posto que não sabem montar no burrinho. A mente é um burrinho demasiado torpe que tem de ser dominado, se é que verdadeiramente queremos montar nele.

Durante a meditação, devemos dialogar com a mente. Se alguma dúvida se atravessa, temos de fazer a dissecação dessa dúvida. Quando uma dúvida foi devidamente estudada, quando se lhe fez a dissecação, não deixa em nossa memória rastro algum, desaparece. Porém, quando uma dúvida persiste, quando pretendemos

combatê-la incessantemente, forma-se o conflito. Toda dúvida é um obstáculo à meditação. Mas, não será rechaçando as dúvidas que iremos eliminá-las. Ao contrário, é fazendo a sua dissecação para ver o que é que escondem de real.

Qualquer dúvida que persiste na mente, converte-se numa trava à meditação. Temos que analisá-la, esquadrihá-la, reduzi-la a pó... Não será combatendo-a e sim abrindo-a com o escalpelo da autocrítica, fazendo uma rigorosa e implacável dissecação, que iremos descobrir o que havia nela de importante, o que havia nela de real e o que havia de irreal.

Assim, pois, as dúvidas, às vezes, servem para esclarecer conceitos. Quando alguém elimina uma dúvida mediante uma análise rigorosa, quando a dissecar, descobre alguma verdade. De tal verdade, vem algo mais profundo, mais sabedoria, mais sapiência.

Elabora-se a sabedoria na base da experimentação direta, na própria experimentação, na base da meditação profunda. Há vezes que precisamos, repito, dialogar com a mente porque muitas vezes queremos que a mente fique quieta, fique em silêncio, e ela insiste em suas tolices, em seu palavrorio inútil, em continuar a luta das antíteses. E quando se faz necessário interrogar a mente: Muito bem, mente, mas o que é que tu queres? Me responda!

Se a meditação for profunda, poderá surgir em nós alguma representação. Nessa figura, nessa representação, nessa imagem, está a resposta. Temos então de dialogar com a mente e fazê-la ver a realidade das coisas, fazê-la ver que sua resposta está errada, fazê-la ver que suas preocupações são inúteis e que os motivos pelos quais se agita também são inúteis. Por fim, a mente fica quieta e em silêncio.

Porém, se notamos que a iluminação ainda não surge, que ainda persiste em nós o estado caótico, a confusão incoerente do palavrorio incessante com sua luta de opostos, temos que chamar de novo a mente à ordem, interrogando-a: O que é que tu queres, mente? O que estás procurando? Por que não me deixas em paz? Há que se falar claro e dialogar com a mente como se ela fosse um sujeito estranho. Certamente, ela é um sujeito estranho, já que ela não é o Ser. Temos de tratá-la como se fosse uma pessoa estranha. Temos de recriá-la e de apreendê-la.

Os estudantes do zen avançado se habituam ao judô, porém o judô psicológico deles não foi compreendido pelos turistas que chegaram ao Japão. Ver, por exemplo, os monges praticando o judô, lutando uns com os outros, pareceria um exercício meramente físico, mas não o é. Quando eles estão praticando judô, realmente quase não estão se dando conta do corpo físico. Na realidade, sua luta tem como objetivo dominar a própria mente. No judô em que estão combatendo, o adversário é a sua própria mente. De maneira que, o judô psicológico tem por objetivo submeter a mente, tratá-la cientificamente, tecnicamente; o objetivo é submetê-la.

Infelizmente, os ocidentais só veem a casca do judô. Claro, como sempre, superficiais e néscios, tomaram o judô como luta de defesa pessoal e se esqueceram dos princípios do zen e do Chang. Isso foi verdadeiramente lamentável. É algo bastante semelhante ao que aconteceu com o Tarô. Sabe-se que no Tarô está toda a sabedoria antiga e todas as leis cósmicas e da natureza.

Por exemplo, um indivíduo que fala contra a magia sexual, está falando contra o Arcano IX do Tarô. Portanto, está jogando um carma horrível contra si. Um indivíduo que fale a favor do dogma da evolução, está quebrando a lei do Arcano X do Tarô. Assim, sucessivamente...

O Tarô é um padrão de medidas para todos, como já disse em meu livro intitulado O MISTÉRIO DO ÁUREO FLORESCER. Nele termino dizendo que os autores são livres para escrever o que quiserem, mas que não deviam esquecer o padrão de medidas que é o Tarô, o livro de ouro, a fim de não violar as leis cósmicas e cair sob a Katância que é o carma superior.

Depois desta pequena digressão, quero dizer que o Tarô tão sagrado, tão sábio, converteu-se em jogo de pôquer e nesses outros jogos de cartas que servem para a diversão das pessoas, as quais se esqueceram de suas leis e de seus princípios. As piscinas sagradas dos antigos templos de Mistérios converteram-se hoje nos clubes de banhistas.

A tauromaquia, a ciência profunda, a ciência taurina dos antigos mistérios de Netuno na Atlântida, perdeu seus princípios e converteu-se hoje no circo vulgar das touradas. Assim, pois, não é de se estranhar que o judô – zen e Chang – que tem por objetivo precisamente submeter a própria mente através de seus movimentos e paradas, tenha degenerado, tenha perdido seus princípios, no mundo ocidental. Assim, converteu-se em algo profano que só se usa hoje para a defesa pessoal.

Olhemos o aspecto psicológico do judô. No judô psicológico que a Revolução da Dialética ensina, necessita-se dominar a mente, requer-se que a mente aprenda a obedecer, exige-se uma forte recriminação dela para que obedeça.

Isto Krishnamurti não ensinou, tampouco o ensinou o zen ou o Chang. Isto que estou ensinando pertence à Segunda Joia do Dragão Amarelo, à segunda joia da sabedoria. Dentro da primeira joia, podemos incluir o zen, porém o zen não explica a segunda joia, ainda que possua os prolegômenos em seu judô psicológico.

A segunda joia implica na disciplina da mente: dominando-a, açoitando-a, recriminando-a... A mente é um burrinho insuportável que tem de ser amansado!

Assim, pois, durante a meditação, temos de contar com muitos fatores, se quisermos chegar à quietude e ao silêncio da mente. Precisamos estudar a desordem porque só assim conseguiremos estabelecer a ordem. Temos de saber o que há em nós de atento e o que há em nós de desatento.

Sempre que entramos em meditação, nossa mente se divide em duas partes: a parte que atende e a parte que não atende. Não é na parte atenta que temos de pôr atenção e sim precisamente no que há de desatento em nós. Quando chegarmos a compreender profundamente o que há de desatento em nós e soubermos como proceder para que o desatento se converta em atento, teremos conseguido a quietude e o silêncio da mente. Porém, temos de ser judiciosos na meditação, julgando a nós mesmos e sabendo o que há de desatento em nós. Precisamos nos tornar conscientes daquilo que existe de desatento em nós.

Quando digo que devemos dominar a mente, entendam que quem deve dominá-la é a essência, a consciência. Despertando a consciência, adquirimos mais poder sobre a mente e por fim nos tornamos conscientes do que há de inconsciente em nós.

Faz-se urgente e improrrogável dominar a mente. Devemos dialogar com ela, recriminá-la, açoitá-la com o látigo da vontade e fazê-la obedecer. Esta didática pertence à Segunda Joia do Dragão Amarelo.

Meu real Ser, Samael Aun Weor, esteve reencarnado na antiga China e chamou-se Chou-Li. Fui iniciado na Ordem do Dragão Amarelo e tenho ordens de entregar as Sete Joias do Dragão Amarelo a quem despertar a consciência, vivendo a Revolução da Dialética e conseguindo a Revolução Integral.

Antes de tudo, não devemos nos identificar com a mente, se é que queremos tirar o melhor partido da segunda joia. Se nós continuamos nos sentindo a mente, se dizemos: estou raciocinando, estou pensando, estamos afirmando um despropósito e não estamos de acordo com a doutrina do Dragão Amarelo porque o Ser não precisa pensar e não precisa raciocinar. Quem raciocina é a mente. O Ser é o Ser e a razão de ser do Ser é o próprio Ser. Ele é o que é, o que sempre foi e o que sempre será. O Ser é a vida que palpita em cada átomo e que palpita em cada sol. O que pensa não é o Ser. Quem raciocina não é o Ser. Nós não temos encarnado todo o Ser, mas temos uma parte do Ser encarnada, que é a essência ou Budata, isso que há de alma em nós, o anímico, o material psíquico. É necessário que esta essência vivente se imponha sobre a mente.

Aquilo que analisa em nós são os eus. Os eus nada mais são do que formas da mente, formas mentais que têm de ser desintegradas e reduzidas a poeira cósmica.

Estudemos neste momento algo muito especial. Poderia se dar o caso de que alguém dissolvesse os eus, os eliminasse. Poderia também se dar o caso de que esse alguém, além de dissolver os eus, fabricasse um corpo mental. Obviamente, teria adquirido individualidade intelectual, mas teria que se libertar até mesmo desse corpo mental porque ele, por mais perfeito que fosse, também raciocinaria, também pensaria, e a forma mais elevada de pensar é não pensar. Quando se pensa, não se está na forma mais elevada de pensar.

O Ser não precisa pensar. Ele é o que sempre foi e o que sempre será. Assim, pois, em síntese, temos de submeter a mente, interrogá-la... Não precisamos submeter as mentes alheias porque isso é magia negra. Não precisamos dominar a mente de ninguém porque isso é bruxaria da pior espécie. O que precisamos é submeter a nossa própria mente, dominá-la...

Durante a meditação, repito, surgem duas partes: a que está atenta e a que está desatenta. Precisamos nos tornar conscientes do que há de desatento em nós. Ao nos fazermos conscientes, poderemos evidenciar que o desatento tem muitos fatores. Dúvida... há muitas dúvidas. São muitas as dúvidas que existem na mente humana. De onde vêm essas dúvidas?

Vejamos, por exemplo, o ateísmo, o materialismo, o ceticismo... Se os desmembramos, vemos que existem muitas formas de ceticismo, muitas formas de ateísmo e muitas formas de materialismo. Há pessoas que se declaram materialistas e ateus e, no entanto, temem, por exemplo, as feitiçarias e as bruxarias. Respeitam a natureza, sabem ver Deus na natureza, porém ao seu modo. Quando se lhes fala de assuntos espirituais ou religiosos, declaram-se ateus e materialistas. Seu ateísmo não passa de uma forma incipiente.

Há outro tipo de materialismo e ateísmo: o do sujeito marxista-leninista. Ele é incrédulo e cético. No fundo, esse ateu materialista busca algo: ele quer simplesmente desaparecer, não existir, aniquilar-se integralmente, não quer nada com a divina Mônada; a odeia. Obviamente, ao agir assim, se desintegrará como ele quer. Esta é a sua vontade. Deixará de existir, descerá pelos mundos infernais até o centro de gravidade deste planeta. Esta é a sua vontade: autodestruir-se. Perecerá, mas, no fundo, continuará. Sim, a essência se libertará e voltará para novas evoluções. Passará por outras involuções, tornará uma e outra vez aos diferentes ciclos de manifestação, sempre caindo no mesmo ceticismo e materialismo. Ao longo do tempo tira o resultado. Qual? No dia em que todas as portas se fecham definitivamente, quando os 3000 ciclos se esgotarem, essa essência será absorvida pela Mônada que por sua vez entrará no Seio Espiritual Universal da Vida, porém sem o mestrado.

O que é que quer realmente essa essência? O que é que procura com seu ateísmo? Qual é o seu desejo? Seu desejo é rechaçar o mestrado. No fundo é isto que ela quer e o consegue. Não se valoriza e, por fim, termina como uma chispa divina, porém sem o mestrado.

São várias as formas de ceticismo. Há gente que se diz católica apostólica romana e, no entanto, em suas exposições são cruamente materialistas e ateístas. Contudo, vão à missa nos domingos, se confessam e comungam... Esta é outra forma de ceticismo!

Se analisarmos todas as formas havidas e por haver de ceticismo e materialismo, descobrimos que não há só um tipo de materialismo ou de ceticismo. A realidade é que são milhares as formas de ceticismo e materialismo. Milhões, porque simplesmente são seres mentais, preocupados com coisas da mente, isto é, o ceticismo e o materialismo são da mente e não do Ser.

Quando alguém passa para além da mente, torna-se consciente da verdade que não é do tempo. Obviamente, já não pode ser materialista nem ateu.

Aquele que alguma vez escutou o Verbo, está além do tempo e além da mente.

O ateísmo é da mente e pertence à mente, a qual é como um leque. As formas de materialismo e de ateísmo são tantas que se assemelham a um grande leque. Tudo que existe de real está além da mente.

O ateu e o materialista são ignorantes. Jamais escutaram o Verbo, nunca conheceram a Palavra Divina e jamais entraram na corrente do som.

O ateísmo e o materialismo são gerados na mente. Ambos são formas da mente, formas ilusórias que não têm realidade alguma. O que verdadeiramente é real não pertence à mente. O que certamente é real está além da mente.

É importante tornar-se independente da mente para conhecer o real; não para conhecê-lo intelectualmente e sim para experimentá-lo real e verdadeiramente.

Ao se pôr atenção no que há de desatento, poderemos ver diferentes formas de ceticismo, de incredulidade, de dúvida, etc. Descobrimos qualquer dúvida, de qualquer tipo, temos de desmembrá-la, de dissecá-la, para saber o que ela quer de verdade. Uma vez que a tenhamos desmembrado totalmente, ela desaparece não deixando na mente rastro algum, não deixando na memória nem o mais insignificante vestígio.

Quando observamos o que há de desatento em nós, vemos também a luta das antíteses na mente. Então, temos de desmembrar essas antíteses para ver o que têm de verdade. Também deverá ser feita a dissecação das recordações, desejos, emoções e preocupações. Que origem têm, pois não se sabe de onde vêm nem por que vêm?

Quando judiciosamente vemos que há necessidade de se chamar a atenção da mente e chegamos ao ponto crítico em que já nos cansamos dela, porque não quer obedecer de forma alguma, não resta outro remédio do que recriá-la, falar-lhe duramente, enfrentá-la frente a frente, cara a cara, como a um tipo estranho e inoportuno. Temos que açoitá-la com o látigo da vontade e recriá-la com palavras duras até que obedeça. Há que se dialogar muitas vezes com a mente para que entenda. Se não entende, pois temos de chamá-la à ordem severamente.

É indispensável não se identificar com a mente. Há que se açoitá-la, subjugá-la. Se ela prossegue violenta, pois temos de voltar a açoitá-la. Assim, saímos da mente e chegamos à Verdade, Aquilo que certamente não é do tempo.

Quando conseguimos, atingimos isso que não é do tempo e experimentamos um elemento que transforma radicalmente. Existe um certo elemento transformador que não é do tempo e que somente se pode experimentá-lo quando saímos da mente. Temos de lutar intensamente até conseguir sair da mente para se conquistar a Autorrealização Íntima do Ser.

Uma e outra vez precisamos nos tornar independentes da mente e entrar na corrente do som, o mundo da música, o mundo onde ressoa a palavra dos Elohim, onde a Verdade certamente reina.

Enquanto estivermos engarrafados na mente, o que poderemos saber da verdade? O que os outros dizem, mas o que sabemos nós? O importante não é o que os outros dizem e sim o que nós experimentamos por nós mesmos. Nosso problema é como saímos da mente. Para isso, precisamos de uma ciência, de uma sabedoria que nos emancipe, e esta se acha na Gnosis.

Quando julgamos que a mente está quieta, quando cremos que está em silêncio, e, no entanto, não vem nenhuma experiência divina, é porque não está quieta nem em silêncio. No fundo ela continua lutando, no fundo ela está conversando...

Então, através da meditação, temos de encará-la, dialogar com ela, recriminá-la e interrogá-la para saber o que quer. Devemos dizer: Mente, por que não ficas quieta? Por que não me deixas em paz? A mente dará alguma resposta e nós contestaremos com outra explicação, tratando de convencê-la. Se não quiser se convencer, não restará outro remédio senão submetê-la por meio de recriminações e usando o látigo da vontade.

O domínio da mente vai além da meditação nos opostos. Assim que, por exemplo, nos assalta um pensamento de ódio, uma lembrança malvada, temos de tratar de compreendê-lo, tratar de ver sua antítese: o amor. Se há amor, para que esse ódio? Com que objetivo?

Surge, por exemplo, a lembrança de um ato luxurioso. Temos de passar pela mente o cálice sagrado e a santa lança, dizendo: Por que hei de profanar o santo com os meus pensamentos morbosos?

Se surgir a imagem de uma pessoa alta, se deve vê-la baixinha e isso seria o correto, posto que na síntese está a chave.

Saber buscar sempre a síntese é benéfico porque da tese se passa para a antítese, porém a verdade não se encontra na tese nem na antítese. Na tese e na antítese há discussão e isso é realmente o que se quer: afirmação, negação, discussão e solução. Afirmação de um mau pensamento e negação do mesmo mediante a compreensão de seu oposto. Discussão: temos de discutir para ver o que há de real num e noutro até se chegar à sabedoria e deixar a mente quieta e em silêncio. Assim é como se deve praticar.

Tudo isto faz parte das práticas conscientes, da observação do que há de desatento. Se dissermos simplesmente: é a lembrança de uma pessoa alta e lhe antepormos uma pessoa baixinha e pronto, isso não estará certo. O correto seria dizer: o alto e o baixo não são senão dois aspectos de uma mesma coisa, o que importa não é o alto nem o baixo e sim o que há de verdade por trás de tudo isto. O alto e o baixo são dois fenômenos ilusórios da mente. Assim é como se chega à síntese e à solução.

O desatento em alguém é o que está formado pelo subconsciente, pelo incoerente, pela quantidade de recordações que surgem na mente, pelas memórias do passado que assaltam uma e outra vez, pelos resíduos da memória, etc.

Não temos que rechaçar nem aceitar os elementos que constituem o subconsciente. Simplesmente, temos de nos tornar conscientes do que há de desatento, ficando assim o desatento, atento. De forma espontânea e natural o desatento fica atento.

Há que se fazer da vida comum uma contínua meditação. Não somente é meditação aquela ação de aquietar a mente quando estamos em casa ou nos Lumisiais, mas também aquela que transcorre no viver diário. Assim, nossa vida se converte de fato numa constante meditação. Eis como nos chega realmente a verdade.

A mente em si é o Ego. É urgente a destruição do Ego para que a substância mental fique livre e com a qual se poderá fabricar o corpo mental. Porém, no final, sempre restará a mente. O importante é livrar-se da mente. Ficando-se livres dela, deveremos aprender a nos desenvolver no mundo do Espírito Puro sem ela. Há que se saber viver nessa corrente do som que está além da mente e que não é do tempo.

Na mente, o que há é ignorância. A sabedoria real não está na mente, está além da mente. A mente é ignorante e por isso cai e cai em tantos erros graves.

Quão néscios são aqueles que fazem propagandas mentalistas! Aqueles que prometem poderes mentais, que ensinam os outros a dominar a mente alheia, etc. A mente não fez feliz a ninguém. A verdadeira felicidade está muito além da mente. Ninguém pode chegar a conhecer a felicidade até que se torne independente da mente.

Os sonhos são próprios da inconsciência. Quando alguém desperta a consciência, deixa os sonhos. Os sonhos nada mais são do que projeções da mente. Lembro-me de certo caso vivido por mim nos mundos superiores. Foi somente um instante de descuido, porém vi como me saiu da mente um sonho. Já ia começar a sonhar, quando reagi dentro o sonho que me escapara por um segundo. Como me dei conta do processo, rapidamente me afastei daquela forma petrificada que escapara da minha própria mente. Que tal se tivesse ficado adormecido? Teria ficado enredado naquela forma mental. Quando alguém está desperto, sabe naturalmente que de um momento de desatenção pode escapar um sonho e nele ficará enredado toda noite até o amanhecer.

O que importa é despertar a consciência para se deixar de sonhar, para se deixar de pensar. Este pensar, que é matéria cósmica, é a mente. Até o próprio astral não é mais do que cristalização da matéria mental e o nosso mundo físico também é mente condensada. Assim, pois, a mente é matéria e bem grosseira seja no estado físico ou no estado chamado astral, manásico, como dizem os hindus. De qualquer forma, a mente é grosseira e material tanto no astral como no físico.

A mente é matéria física ou metafísica, porém matéria. Portanto, não pode nos fazer felizes. Para conhecer a autêntica felicidade, a verdadeira sabedoria, devemos sair da mente e viver no mundo do Ser. Isto é o importante!

Não negamos o poder criador da mente. Claro que tudo que existe é mente condensada. Porém, o que ganhamos com isso? Por acaso, a mente nos deu felicidade? Podemos fazer maravilhas com a mente, podemos criar muitas coisas na vida, os grandes inventos são mente condensada, mas esse tipo de criações não nos fez felizes.

O que precisamos é de independência, temos de sair desse calabouço de matéria, porquanto a mente é matéria. Temos de sair da matéria e viver em função do espírito como seres, como criaturas felizes, além da matéria. A matéria não fez feliz a ninguém porque a matéria é sempre grosseira, ainda que possa assumir formas bonitas.

Se estamos buscando a autêntica felicidade, não a encontraremos na matéria e sim no espírito. Precisamos nos libertar da mente. A verdadeira felicidade vem a nós quando saímos do calabouço da mente. Não negamos que a mente possa ser criadora de coisas, de inventos, de maravilhas e de prodígios, porém, por acaso, isso nos torna felizes? Quem de nós é feliz?

Se a mente não nos trouxe a felicidade, temos de sair da mente e buscá-la em outro lugar. Obviamente, a encontraremos no mundo do espírito. Porém, temos de saber como é que escaparemos da mente, como é que nos libertaremos da mente. Pois este é o objetivo de nossas práticas e estudos, os quais temos entregado nos livros gnósticos e neste tratado da Revolução da Dialética.

Em nós há apenas uns 3% de consciência e uns 97% de subconsciência. O que temos de consciente deve dirigir-se ao que temos de inconsciente ou subconsciente a fim de recriminar e fazer ver que tem de tornar-se consciente. Há necessidade que a parte consciente recrimine a parte subconsciente. Isto de que a parte consciente se dirija à parte subconsciente é um exercício psicológico muito importante que se pode praticar na aurora.

Assim, as partes inconscientes vão pouco a pouco se tornando conscientes.

PROBISTMO

Probistmo é a ciência que estuda as essências mentais que encarceram a alma. Probistmo é a ciência das provas esotéricas.

Probistmo é aquela sabedoria interna que nos permite estudar os cárceres do entendimento.

Probismo é a ciência pura que nos permite conhecer a fundo os erros das mentes individuais.

A mente humana deve se libertar do medo e dos apetites. A mente humana deve se libertar das ânsias de acumulação, dos apegos, dos ódios, dos egoísmos, das violências, etc.

A mente humana deve se libertar dos processos do raciocínio que dividem a mente no batalhar das antíteses.

A mente dividida pelo deprimente processo de opção não pode servir de instrumento ao Íntimo.

Há que se trocar o processo de raciocinar pela beleza da compreensão.

O processo da escolha conceitual divide a mente e dá nascimento à ação errada e ao esforço inútil.

O desejo e os apetites são travas para a mente. Essas travas conduzem o homem a toda espécie de erros cujo resultado é o carma.

O medo faz surgir na mente o desejo de segurança. O desejo de segurança escraviza a vontade convertendo-a numa prisioneira de autobarreiras definitivas; dentro delas escondem-se todas as misérias humanas.

O medo produz todo tipo de complexo de inferioridade. O medo à morte faz com que os homens se armem e se assassinem uns aos outros. O homem que carrega um revólver no cinto é um covarde, um medroso. O homem valente não carrega armas porque não teme a ninguém.

O medo da vida, o medo da morte, o medo da fome, o medo da miséria, o medo do frio e da nudez, etc., geram todo tipo de complexos de inferioridade. O medo conduz os homens a violência, ao ódio, à exploração, etc.

A mente dos homens vive de prisão em prisão. Cada escola, cada religião, cada conceito errado, cada preconceito, cada desejo, cada opinião, etc., é uma prisão.

A mente humana deve aprender a fluir serenamente, de forma integral, sem o doloroso processo dos raciocínios que a dividem com o batalhar das antíteses.

A mente deve se tornar como uma criança para que possa servir de instrumento ao Íntimo.

Devemos viver sempre no presente porque a vida é tão somente um instante eterno.

Devemos nos libertar de toda espécie de preconceitos e desejos. Devemos nos mover unicamente sob os impulsos do Íntimo. A cobiça, a ira e a luxúria têm sua guarida na mente. A cobiça, a ira e a luxúria levam as almas ao Avitchi.

O homem não é a mente. A mente é tão só um dos quatro corpos do pecado. Quando o homem se identifica com a mente vai para o abismo.

A mente é tão só um asno em que devemos montar para entrar na Jerusalém Celestial em um Domingo de Ramos.

Quando a mente nos assediar com representações inúteis, falemos-lhe assim: Mente, retira essas representações, não as aceito. Tu és minha escrava e eu sou teu senhor!

Quando a mente nos assediar com representações de ódio, medo, cólera, apetites, cobiça, luxúria, etc., falemos-lhe assim: Mente, retira essas coisas, não as aceito. Eu sou teu amo, teu senhor e tu deves me obedecer, porque és minha escrava até a consumação dos séculos!

Agora, precisamos de homens de Thelema, homens de vontade que não se deixem escravizar pela mente.

CAPÍTULO 4

O INTELECTO

O que se estuda tem de ser tornado consciência mediante a meditação espontânea. Do contrário, destrói o intelecto.

Há que se praticar a meditação integral, não dividida, e a qualquer hora. A meditação não deve ser mecânica.

Há que se conseguir o equilíbrio matemático entre o ser e o saber: $20+20=40$; $40-20=20$.

O intelectual só vê as coisas através de suas teorias. Existem duas categorias de intelecto: o intelecto sensual, comumente conhecido, e o intelecto que é dado pelo Ser e que é um intelecto consciente.

Há graus na razão objetiva do Ser que são medidos segundo o número de tridentes nos cornos de Lúcifer.

Quando se abre a mente interior, não mais se precisa verbalizar teorias, hipóteses ou conjecturas.

A ciência subjetiva é a ciência dos que estão encerrados na mente sensual e que vivem em suas suposições. (Veja-se o capítulo XII de “A GRANDE REBELIÃO” do mesmo autor).

A ciência pura só está ao alcance dos que têm a mente interior e dos que se desenvolvem entre triângulos, octógonos e esquadros.

A INTELIGÊNCIA

Não há porque se confundir a inteligência com a mente. Em toda mente existe uma certa soma de valores inteligentes.

Não precisamos buscar fora de nós mesmos os valores inteligentes; eles estão dentro de nós.

Os valores inteligentes de qualquer ser humano não mudam nem se esgotam. A reserva de inteligência é uma constante.

Quando um valor positivo aparece, de fato é recebido com alegria pela inteligência.

Necessitamos de uma nova pedagogia revolucionária, cujo único objetivo seja fazer-nos conscientes do que já sabemos.

Identificação, valores e imagem: identificar-se, imaginar-se e valorizar-se exatamente resulta impostergável quando queremos fazer um inventário de nós mesmos.

INTELECÇÃO ILUMINADA

Aqueles que chegam a desintegrar os cadáveres do Ego obtêm a intelecção iluminada.

Intelecção iluminada é o intelecto posto a serviço do espírito.

Jesus Cristo teve intelecção iluminada; pôs seu intelecto a serviço do espírito.

O grande erro dos materialistas consiste justamente em crer que a realidade necessita dos fenômenos físicos. Porém, a sua realidade, ao fim e ao cabo, é que é fruto do seu intelecto materialista e não da intelecção iluminada.

Tanto o físico como o espiritual são energia. Por isso, o espírito é tão real quanto a matéria.

A matéria é tão sagrada quanto o espírito. Enquanto o intelecto materialista não se converter em intelecção iluminada mediante a Revolução da Dialética, não conseguirá compreender que o material e o espiritual se comportam de forma correlacionada e dialética.

O TEMPO

O tempo é vida. Aquilo que não depende do tempo controla a vida.

O correr da existência se apresenta de escassa duração para deixá-lo transcorrer dentro da “pequenez”.

A brevidade da vida é motivo suficiente para nos alentar a engrandecê-la com a Revolução Integral.

Devemos aproveitar ao máximo, com inteligência, o tempo vital para que sua “curteza” seja aumentada e não “empequenecida” com as torpes e mesquinhinhas obras do Ego.

CAPÍTULO 5

A COMPREENSÃO

Nesse mundo, no da compreensão, tudo é abstrato e aparentemente incoerente. Isto da incoerência aparece quando se dá os primeiros passos no mundo da compreensão.

A mente e o universo psicológico encontram-se num grande caos. Por isso, não há concatenação de ideias, sentimentos, etc.

Nos 49 níveis do subconsciente, encontra-se uma grande quantidade de arquivos com poderosa informação, porém, lamentavelmente, em desordem e anarquia.

Quando se trabalha no mundo da compreensão, as imagens e palavras surgem na forma de koans.

Nos primeiros trabalhos sobre a compreensão dos defeitos, faz-se necessária a ajuda do sonho. Nesta ação compreensiva, chega-se a níveis confusos onde as imagens não têm coerência e onde a cor ainda não possui nitidez, isto é, não possui muito brilho.

Um dos principais obstáculos na compreensão de um defeito é o de não se poder fixar o elemento psicológico em estudo porque a mente tende à distração.

No mundo da compreensão, quando se trata de trabalhar sobre um eu, tudo se torna obscuro, não se consegue ver absolutamente nada e a consciência perde, por momentos, sua lucidez, caindo rapidamente na fascinação.

A corrente de pensamentos e sentimentos é um obstáculo para se chegar a compreender um defeito.

Ao querer compreender um eu, caímos num vazio obscuro, em uma espécie de amnésia, na qual não sabemos o que estamos fazendo, quem somos nós e onde estamos.

A força de Eros e a energia criadora são os ajudantes mais perfeitos para a compreensão.

A energia criadora, transmutada ou sublimada durante a magia sexual – em que não há a ejaculação da entidade do sêmen – abre os 49 níveis, do subconsciente fazendo sair deles todos os eus que temos escondidos. Esses agregados psíquicos surgem na forma de dramas, comédias, tragédias e através de símbolos e parábolas.

Está escrito que a chave da compreensão está nestes três graus psicológicos: imaginação, inspiração e intuição.

IMAGINAÇÃO

Para o sábio, imaginar é ver. A imaginação é o translúcido da alma.

Para se conseguir a imaginação, é preciso se aprender a concentrar o pensamento numa única coisa. Aquele que aprende a concentrar o pensamento numa única coisa faz maravilhas e prodígios.

O gnóstico que quiser alcançar o conhecimento imaginativo tem de aprender a se concentrar e saber meditar. O gnóstico deve provocar o sono durante a prática de meditação.

A meditação deve ser correta. A mente deve ser exata. Precisamos de pensamento lógico e de conceito exato a fim de que os sentidos internos se desenvolvam totalmente perfeitos.

O gnóstico precisa de muita paciência porque qualquer ato de impaciência o leva ao fracasso.

No caminho da Revolução da Dialética, necessitamos de paciência, vontade e fé totalmente conscientes.

Um dia qualquer, entre sonhos, surge durante a meditação uma cena longínqua, uma paisagem, um rosto, um número, um símbolo, etc. Este é o sinal de que já estamos progredindo.

O gnóstico eleva-se pouco a pouco até o conhecimento imaginativo. O gnóstico vai rasgando o véu de Ísis pouco a pouco.

Aquele que desperta a consciência chegou ao conhecimento imaginativo e movimenta-se num mundo de imagens simbólicas.

Aqueles símbolos que via quando sonhava, quando tratava de compreender o Ego durante a meditação, agora os vê sem sonhar. Antes os via com a consciência adormecida, porém agora se movimenta entre eles com consciência de vigília, ainda que seu corpo continue profundamente adormecido.

INSPIRAÇÃO

Ao chegar ao conhecimento imaginativo, o gnóstico vê os símbolos, mas não os entende. Compreende que toda a natureza e o Ego são uma escritura vivente que ele não conhece. Precisa então elevar-se ao conhecimento inspirativo para interpretar os símbolos sagrados da natureza e a linguagem abstrata do Ego.

O conhecimento inspirado confere-nos o poder de interpretar os símbolos da natureza e a linguagem confusa do Ego.

A interpretação de símbolos é muito delicada. Os símbolos devem ser analisados friamente, sem superstição, malícia, desconfiança, orgulho, vaidade, fanatismo, preconceitos, prejulgamentos, ódio, inveja, cobiça, ciúmes, etc., já que todos estes fatores são do eu.

Quando o eu intervém traduzindo e interpretando os símbolos, altera o significado da escritura secreta e a orientação que o Ser nos quer dar simbolicamente sobre o nosso estado psicológico interior.

A interpretação deve ser tremendamente analítica, altamente científica e essencialmente mística. Há que se aprender a ver e a interpretar na ausência da catexe solta, o Ego, o mim mesmo.

Há que se saber interpretar os símbolos da natureza e os da catexe ligada, o Ser, na absoluta ausência do eu. Porém, a autocrítica deve ser multiplicada porque, quando o eu do gnóstico julga que sabe muito, se sente infalível e sábio e até supõe que vê e interpreta na ausência do eu.

Para saber interpretar, temos de nos basear na lei das analogias filosóficas, na lei das correspondências e na cabala numérica. Recomendamos os livros “A CABALA MÍSTICA” de Dion Fortune e o de minha autoria “TARÔ E KABALA”. Estudem-nos.

Aquele que tem ódio, ressentimento, ciúmes, inveja, orgulho, etc., não conseguirá elevar-se até o conhecimento inspirado.

Quando nos elevamos ao conhecimento inspirado, entendemos e compreendemos que a acumulação accidental de objetos não existe. Realmente, todos os fenômenos psicológicos da natureza e de todos os objetos acham-se intimamente ligados entre si, dependendo internamente uns dos outros e condicionando-se entre si mutuamente. Realmente, nenhum fenômeno psicológico e da natureza pode ser compreendido integralmente se o considerarmos isoladamente.

Tudo está em incessante movimento, tudo muda, nada está parado. Em todo objeto existe uma luta interna. O objeto é positivo e negativo ao mesmo tempo. O quantitativo se transforma em qualitativo. O conhecimento inspirado permite que conheçamos a inter-relação entre o que foi, o que é e o que será.

A matéria não é senão energia condensada. As infinitas modificações da energia são completamente desconhecidas tanto para o materialismo histórico como para o materialismo dialético.

Energia é igual à massa vezes a velocidade da luz ao quadrado. Nós gnósticos nos afastamos da luta antitética que existe entre a metafísica e o materialismo dialético. Esses são os dois polos da ignorância, as duas antíteses do erro.

Nós vamos por outro caminho. Somos gnósticos e consideramos a vida como um todo. O objeto é um ponto no espaço que serve de veículo a determinadas somas de valores.

O conhecimento inspirado permite-nos estudar a íntima relação existente entre todas as formas, os valores psicológicos e a natureza.

O materialismo dialético não conhece os valores; só estuda o objeto. A metafísica não conhece os valores e tampouco conhece o objeto.

Nós, gnósticos, nos afastamos das duas antíteses da Ignorância e estudamos o homem e a natureza integralmente, buscando a revolução integral.

O gnóstico que quiser chegar ao conhecimento inspirado deve se concentrar profundamente na música. A FLAUTA ENCANTADA de Mozart, que nos lembra uma iniciação egípcia, as nove sinfonias de Beethoven, o PARSIFAL de Wagner e muitas outras grandes composições clássicas nos elevarão ao conhecimento inspirado.

O gnóstico, profundamente concentrado na música, deverá se absorver nela como a abelha no mel, produto de todo seu trabalho.

Quando o gnóstico tenha chegado ao conhecimento inspirado, deve se preparar para o conhecimento intuitivo.

INTUIÇÃO

O mundo da intuição é o mundo das matemáticas. O gnóstico que quiser se elevar ao mundo da intuição deve ser matemático ou, pelo menos, ter noções de aritmética.

As fórmulas matemáticas conferem o conhecimento intuitivo. As fórmulas de Kepler e de Newton podem servir para nos exercitar no desenvolvimento do conhecimento intuitivo.

Se o gnóstico pratica com tenacidade e suprema paciência, seu próprio Ser interno, catexe ligada, o ensinará e o instruirá na Grande Obra. Então, estudará aos pés do Mestre e se elevará ao conhecimento intuitivo.

Imaginação, inspiração e intuição são os três passos obrigatórios da Revolução da Dialética. Aquele que deu estes três passos do conhecimento direto conseguiu a supraconsciência.

No mundo da intuição só achamos onisciência. O mundo da intuição é o mundo do Ser, é o mundo do Íntimo.

Nesse mundo o eu, o Ego, a catexe solta, não pode entrar. O mundo da intuição é o mundo do Espírito Universal da Vida.

OS PROBLEMAS HUMANOS

O intelecto luciférico, astuto e repugnante cria problemas, porém não é capaz de resolvê-los.

Existem teorias em quantidade que nada resolvem e a tudo complicam. Os problemas vitais da existência continuam como sempre e o mundo encontra-se muito perto da terceira guerra mundial.

O animal intelectual falsamente chamado homem se sente muito orgulhoso de seu raciocínio subjetivo e miserável que nada resolve e a tudo complica.

O tremendo batalhar do pensamento demonstrou na prática ser precisamente o menos indicado para resolver problemas.

O que abunda muito nestas épocas de crise mundial são os sabichões que tudo querem resolver e nada resolvem.

Os sabichões danificam os frutos da terra com seus enxertos absurdos, infectam as crianças com suas vacinas de tuberculose, poliomielite, tifo, etc. Tudo sabem os sabichões e nada sabem. Causam danos em tudo o que foi criado e ainda se presumem de sapientes. A mente cria problemas que não é capaz de resolver. Esta é uma brincadeira de mau gosto.

Hoje, como ontem, o pobre bípede humano, o pobre e miserável símio, não é mais do que um brinquedo mecânico movido por forças que desconhece.

Qualquer acontecimento cósmico, qualquer catástrofe sideral, determina ondas de certo tipo que ao serem captadas pelo infeliz animal chamado homem se convertem em guerras mundiais. Milhões de máquinas humanas se lançam inconscientemente na estúpida tarefa de destruir outros tantos milhões de máquinas humanas.

O cômico e o trágico sempre andam juntos e o cômico deste caso são as bandeiras, lemas e todo tipo de frases inventados por essas máquinas inconscientes. Dizem que vão à guerra para defender a democracia, a liberdade, a pátria, etc.

Ignoram os grandes pensadores, ignoram as prostitutas da inteligência, conhecidas mundialmente como jornalistas, que essas guerras são o resultado de certas ondas cósmicas em ação e que os exércitos no campo de batalha se movimentam como bonecos automáticos sob o dinâmico impulso dessas forças desconhecidas.

Nenhum problema fundamental foi resolvido pelo pensamento dos pobres animais intelectuais. O intelecto é a faculdade que permite compreender que tudo lhe é incompreensível.

Os grandes intelectuais fracassaram totalmente, como o está demonstrando até a saciedade o estado catastrófico em que nos encontramos. Senhores intelectuais, aqui tendes o vosso mundo, o mundo caótico e miserável que vós criastes com todas as vossas teorias! Os fatos estão falando... Haveis fracassado, orgulhosos intelectuais!

O batalhar dos raciocínios é egocêntrico em sua natureza íntima. Necessitamos de uma nova faculdade que não seja egocêntrica.

Necessitamos que a batalha passe e que o pensamento fique quieto e sereno. Isto só é possível se compreendendo muito a fundo todo o mecanismo da miserável razão subjetiva.

Na serenidade do pensamento nasce em nós uma nova faculdade. O nome de dita faculdade é intuição. Somente a intuição consegue resolver problemas.

É óbvio que se quisermos desenvolver esta nova faculdade precisaremos primeiro compreender a fundo esse complicado mecanismo associativo da razão subjetiva. O centro básico da mecânica raciocinativa é o Eu Psicológico. Dito centro é egoísta. Por isso, jamais poderá resolver problemas.

A intuição nada tem que ver com esse centro do raciocínio. A intuição é cristocêntrica.

Todo problema foi criado pela mente e existe enquanto a mente o sustenta. Todo problema é uma forma mental que a mente sustenta. Toda forma mental tem um tríplice processo: surgimento, subsistência e dissipação.

Todo problema surge, subsiste e depois se dissipa. O problema surge porque a mente o cria, subsiste enquanto a mente não o esquece e se dissipa ou se dissolve quando a mente o esquece.

Quando o pensamento cessa, nasce em nós a beatitude e depois a iluminação. Antes de se chegar à iluminação, temos de passar pela beatitude. São três as fases da transformação: não pensamento, beatitude e iluminação. A intuição é iluminação. Todo Iluminado resolve os mais difíceis problemas.

Realmente, os problemas deixam de existir quando os esquecemos. Não devemos tratar de resolver problemas; devemos dissolvê-los. Eles se dissolvem quando são esquecidos. O problema é uma forma mental ultrasensível com dois polos: um positivo e outro negativo.

Não tenha medo, esqueça o problema. Assim, ele se dissolverá. Você sabe jogar xadrez? Uma partida de xadrez não lhe resultaria má para esquecer o problema. Ou então, tome um bom café ou um bom chá e depois vá a uma piscina nadar. Ou ainda, suba numa montanha ou ria um pouco. Rir o fará se sentir bem e fará com que se esqueça do problema. A qualquer instante uma “coraçonada”, e o problema ficou resolvido. Talvez a solução não seja do seu agrado, mas o certo é que se resolveu o problema. Diríamos melhor: se dissolveu.

Um sábio disse: Ocupa-te da coisa antes que chegue a existir; ali está a solução. Porque o problema, não o esqueçamos, nasceu e tem sua existência na mente. Chove e você deixou seu guarda-chuva em casa. Isto, em si mesmo, não é problema. Tampouco o é o fato de que tenha dívidas, que tenha perdido seu emprego e que o estejam constrangendo para que as pague. Estes fatos são relativamente certos num mundo relativo, porém os problemas são algo que você deve matar antes de que nasçam, ou então, solucioná-los mais tarde, recordando que quanto mais tempo deixemos passar, maior será o gigante que teremos de abater.

O medo é o nosso pior inimigo. Ao demônio do medo não agrada que nós resolvamos problemas. Você tem medo de que o joguem na rua por não ter dinheiro para pagar o aluguel da casa? E se o jogam? E então? Por acaso, você não sabe que novas portas se abrirão? A intuição, sim, o sabe! Por isso, o intuitivo não tem medo. A intuição dissolve problemas.

Você tem medo de perder o emprego? E se o perder? E então? Por acaso, você não sabe que lhe será dada uma nova oportunidade? A intuição sabe! Por isso, o intuitivo não teme.

Quando o batalhar do pensamento termina, nasce a intuição e termina o medo. A intuição dissolve os problemas por mais difíceis que sejam.

CAPÍTULO 6

UMA APOSTA COM O DIABO

Napoleão sucumbira na luta contra o diabo. Uma coisa é estar no campo de batalha lutando com outros machos e outra coisa é a lida contra si mesmo.

Satã é um inimigo de ouro e é muito útil. O diabo é escada para baixar e também escada para subir.

Os doze trabalhos de Hércules são com o diabo. O pacto com o diabo é a própria aposta e o triunfo é a capacidade de fabricar ouro.

A força elétrica é a cruz em movimento, a suástica; é o movimento contínuo. A eletricidade transcendente que gira como um torvelinho serviu para que eu pudesse formar o Movimento Gnóstico.

A cruz nos profanos e profanadores não é uma suástica porque terminada a cópula química termina o movimento. Em troca, na cruz gnóstica, o movimento não termina porque a eletricidade continua se transmutando.

O normal no trabalho sexual deve ser no mínimo uma hora.

Na Índia, mede-se o grau de cultura de acordo com o tempo que se leva para realizar a cópula química; quem durar três horas é respeitado, é um senhor.

A suástica em movimento gera a eletricidade sexual transcendente.

Hitler entendeu todas estas coisas, por isso tomou a suástica como símbolo do seu partido. O homem das luvas verdes pertenceu ao clã dos Dag Dugpas. Hitler deixou-se dirigir por este homem que lhe ensinou a cristalizar tudo negativamente.

Quando Von Litz capitulou em Lhasa, os monges dos Dag Dugpas lançaram-se às ruas celebrando a capitulação de Berlim.

A Segunda Guerra Mundial foi um duelo entre os ensinamentos de Gurdjieff e os dos Dag Dugpas. Este duelo foi importado do Tibete e foi uma verdadeira luta entre os magos brancos e os magos negros do Tibet.

A SUPERDINÂMICA SEXUAL

De nada servirá se possuir toda a erudição deste mundo se não se morrer em si mesmo.

Quebrantar aos agregados psíquicos só é possível na Forja dos Ciclopes, em pleno coito químico.

Homem e mulher, quando unidos sexualmente, ficam rodeados de terríveis forças cósmicas. Homem e mulher, quando sexualmente unidos, ficam envoltos pelas poderosas forças que deram existência ao universo.

O homem e a força positiva e a mulher a força negativa. A força neutra concilia a ambos.

Se as três forças se dirigem contra um agregado psíquico, este é reduzido a poeira cósmica.

O homem, em pleno coito químico, deve ajudar a sua mulher tomando os agregados psíquicos dela como se fossem seus próprios. A mulher também deve tomar os agregados psicológicos do homem como se fossem dela. Assim, as forças positiva, negativa e neutra, devidamente unidas, se dirigirão contra qualquer agregado. Esta é a chave da superdinâmica sexual para se desintegrar os agregados psíquicos.

Homem e mulher, sexualmente unidos, devem orar a Devi Kundalini pedindo-lhe que desintegre tal ou qual agregado psíquico previamente compreendido a fundo.

Se o homem quiser desintegrar um agregado psíquico, seja de ódio, luxúria, ciúmes, etc., clamará à Divina Mãe Kundalini rogando-lhe que desintegre tal agregado e sua mulher o ajudará com a mesma súplica, como se o agregado fosse dela. Assim também procederá o homem com os agregados psíquicos de sua mulher, tomando-os como se fossem seus.

A totalidade das forças do homem e da mulher, durante a cópula metafísica, deve ser dirigida contra os agregados psíquicos do homem e contra os agregados psíquicos da mulher; assim acabarão com o Ego.

Esta é a chave da superdinâmica sexual: conexão do lingam-yoni, sem ejaculação da entidade do sêmen, dirigindo as três forças contra cada agregado psíquico.

Não esqueçamos que durante o coito químico o homem e a mulher unidos são, na verdade, um andrógino divino onipotente e terrível.

O MERCÚRIO

Quem possuir o Mercúrio dos Sábios conseguirá a liberação final. Não seria possível a alguém conseguir a Pedra Filosofal se não chegar primeiramente a conhecer a si mesmo.

A preparação do mercúrio costuma ser difícil. O mercúrio resulta da transformação do Exiohehari ou azougue bruto.

O azougue bruto representa o esperma sagrado. São muitos os minerais que se convertem em mercúrio, porém nem todos podem se converter nele.

A preparação do mercúrio é similar à assimilação dos alimentos.

O mercúrio seco, a contratransferência, o Ego, deve ser eliminado, se é que de verdade queremos um mercúrio limpo e puro para a Grande Obra.

Vinte é a média diferencial matemática de duas quantidades. Se não se elimina o mercúrio seco, a média diferencial não poderá existir.

Há que se passar psicologicamente pelas etapas de terra, água, ar e fogo.

Através da compreensão psicológica e eliminação do mercúrio seco, consegue-se afinal o Sacramento da Igreja de Roma.

A rosa ígnea interior, impregnada de enxofre-fogo, sobe gloriosamente pela medula espinhal dando-nos compreensão ou luz para entender os mecanismos do Ego.

O mercúrio converte-nos em Cavaleiros da Vida e da Morte.

Há também o mercúrio universal. Os Cosmocratores tiveram de trabalhar na Forja dos Ciclopes - o sexo no início do Mahavantara. Isto os seguidores da dialética da natureza de Engels não compreendem.

No caos, o mineral bruto, o Exército da Palavra, os casais, trabalham para desintegrar o mercúrio seco.

Na antiga Terra-Lua, teve que se eliminar muito mercúrio seco.

Na revolução dialética, na revolução integral, temos de fazer em pequeno o que fez o Logos em grande.

Os seres humanos que fazem a Grande Obra são interiormente bem diferentes dos humanoides, ainda que exteriormente não se perceba diferenças radicais; os primeiros eliminaram o mercúrio seco de si mesmos.

O excedente de mercúrio puro e limpo forma uma oitava superior nos diferentes corpos existenciais. Para se obter esse efeito, há que se trabalhar no laboratório do Terceiro Logos.

Para se entender objetivamente a Revolução da Dialética, precisa-se do Donum Dei, isto é, o Dom de Deus.

Não existe nenhum amanhã para a personalidade dos desencarnados. A personalidade é uma forma do mercúrio seco na qual gastamos muita energia. É esta a energia que devemos usar para fortalecer e fazer em nós a transferência da consciência.

Uma forte individualidade substitui totalmente a personalidade que é uma forma grotesca do mercúrio seco.

A energia que gastamos na personalidade tem de ser utilizada para eliminar tudo aquilo que não pertença ao Ser; tal é o caso dos costumes negativos que também são formas do mercúrio seco.

Desintegrando o mercúrio seco através da superdinâmica sexual e do autorrespeito, nos acostumamos, pois, a viver de uma maneira impessoal.

CAPÍTULO 7

EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL

Jamais me cansarei de enfatizar que os sistemas acadêmicos de ensino destes tempos degenerados só servem para adular os autênticos valores do Ser.

Os fatos somente têm demonstrado que tenho razão. Durante cada ano escolar, aproximadamente 500 crianças alemãs ocidentais se suicidaram, segundo as estatísticas de anos precedentes.

Estima-se que 14 mil adolescentes tratarão de tirar a vida e um alto número deles – 1 a cada 3 estudantes menores de 16 anos – terão graves sintomas de tensão, causados pelo que os alemães denominam de *schulangst*: ansiedade escolar aguda.

As pressões e tensões da própria escola, que alguns alunos encontram e que não conseguem combater, são responsáveis por uma das mais sérias situações que os jovens estão enfrentando.

A *schulangst* parece ser mais um fenômeno social: o resultado de um sistema escolar altamente competitivo, o que ocorre não somente na Alemanha, mas em todos os países do mundo. Some-se a isto o alto nível de desemprego e uma sociedade que venera os idiotas títulos acadêmicos como contrassenha para obter empregos bem remunerados e que ainda os considera como símbolos de status.

O número de crianças em idade escolar que se defrontam com este tipo de ansiedade é imenso; elas sentem que os estados de tensão são insuportáveis.

De acordo com um estudo realizado por Karl Stritt Matter, um professor de ciências educativas, um de cada três rapazes menores de 16 anos sofre de problemas estomacais crônicos, urinam na cama enquanto dormem ou padecem de fortes dores de cabeça. Um de cada cinco estudantes está sob tratamento psiquiátrico e foi encontrado ainda estudantes de nove anos que já padecem de úlceras por causa da tensão escolar.

O impressionante do caso são as estatísticas sobre o suicídio escolar, particularmente desalentadoras, devido à idade das vítimas. Dos 517 estudantes menores de 18 anos que se suicidaram na Alemanha em 1976, 103 tinham entre 10 e 15 anos, isto é, aproximadamente 3,3 de cada cem mil estudantes da Alemanha Ocidental. Índice 50% mais alto que nos Estados Unidos onde o suicídio entre adolescentes também é um problema alarmante.

Enquanto não se trabalhe com uma Educação Fundamental baseada nos princípios sólidos da livre iniciativa, não imitação, liberdade criadora, atenção consciente, coragem, amor, como pensar, saber escutar, sabedoria, generosidade, compreensão, integração, simplicidade, paz, veracidade, inteligência, vocação, etc., expostos em meu livro *EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL*, continuará, não só nas crianças e adolescentes, mas também nos adultos, a ansiedade aguda e o aumento monstruoso do índice de suicídios.

A IMPRENSA

Todos os jornais estão cheios de ideias que na realidade falseiam a mente. Neste caminho da libertação psicológica, não é conveniente falsear a mente.

Parece-me que para haver uma verdadeira saúde mental, precisa-se de fé consciente.

A imprensa enche a mente de ceticismo e este último altera o equilíbrio da mente porque a enferma.

Os jornalistas são céticos por natureza em 100%.

A saúde mental não é possível se não houver fé consciente.

O ceticismo dos jornalistas é contagioso e destrói a mente.

Em vez de as crianças estarem lendo tolices, deviam ser levadas ao campo e deviam contar-lhes contos de fadas ou de antigamente. Assim, sua mente se manteria aberta e livre dos preconceitos destes tempos decadentes e degenerados.

Nestes tempos decrepitos e mecanicistas, torna-se imprescindível recuperar a capacidade de assombro.

Lamentavelmente, a gente moderna perdeu esta capacidade.

A TELEVISÃO

O importante na vida é não encher a mente de ideias alheias como as que se vê na televisão, posto que com o tempo se convertem em efígies.

As imagens que se vê na televisão se reproduzem na mente transformando-se em representações que chegam a tomar realidade psicológica.

É necessário manter a mente limpa para que o Ser possa officiar em nosso universo psicológico livre dos grilhões do Ego.

Os que buscam a revolução integral podem ver filmes úteis que se relacionem com a natureza, com a realidade palpável, conseguindo assim benefícios objetivos para a consciência superlativa do Ser.

A MÚSICA ULTRAMODERNA

A música moderna não tem harmonia nem melodia autêntica, da mesma forma que carece de ritmo preciso.

Considero a música moderna inarmônica. Exprime uns tipos de sons estridentes que prejudicam todos os cinco cilindros da máquina humana.

A música do tipo ultramoderno danifica o sistema nervoso e altera todos os órgãos da fisiologia humana. A música moderna não guarda concordância com as melodias do infinito.

Se se destrói o Ego, se vibrará com a música cósmica e com a do mundo das esferas.

A música romântica está relacionada com as coisas do tempo e é ilusória!

A música clássica leva-nos à comunhão com o Inefável que não é do tempo e que é o Eterno!

SOLIOONENSIUS

O grande sábio russo Jorge Lakoski, depois de ter estudado profundamente as manchas solares, chegou a descobrir que existe uma íntima relação entre elas e as guerras.

Nesta época de foguetes teledirigidos, fizeram-se profundos estudos sobre os raios cósmicos e suas influências sobre a célula viva e sobre os organismos em geral.

O complexo mecanismo dos foguetes teledirigidos pode ser controlado à distância por meio de ondas radioativas. Já não se pode negar a radioatividade dos planetas no espaço nem sua influência eletromagnética sobre os organismos vivos.

Existe uma lei cósmica chamada solioonensius, a qual já se manifestou em nosso planeta Terra quarenta vezes depois da submersão da Atlântida. Dita lei cósmica resulta da tensão eletromagnética dos mundos.

Nosso sistema solar de Ors tem um sistema solar vizinho chamado Baleooto. Existe também no cosmos o famoso cometa Solni que costuma se aproximar, às vezes de forma perigosa, do resplandecente sol Baleooto.

Dito sol resplandecente viu-se muitas vezes obrigado a desencadear uma forte tensão eletromagnética para poder manter com firmeza seu sendeiro cósmico habitual. Essa tensão, como é muito natural e lógico, provoca idêntica tensão em todos os sóis vizinhos, entre os quais se encontra o nosso sol chamado Ors.

Quando nosso sol Ors põe-se em tensão eletromagnética com o propósito de não permitir que seja desviado do seu sendeiro cósmico, dá origem a idêntica tensão em todos os planetas do seu sistema, incluindo o nosso planeta Terra. Este é o solioonensius cósmico, a grande lei que age em nossa Terra a intervalos bem longos.

Normalmente, esta grande lei produz religiosidade intensa e desejo profundo de Autorrealização Íntima, mas quando a humanidade não está preparada psicologicamente para a ação desta lei, o resultado costuma ser catastrófico.

No ano de 1917, a mencionada lei cósmica se manifestou intensamente, mas como o proletariado russo estava cheio de profundos ressentimentos e amarguras, o solioonensius combinou de forma anormal e negativa com a psique de cada indivíduo. O resultado dessa combinação negativa foi a revolução bolchevista.

Já fazia tempo que a Rússia vinha se preparando psicologicamente para esta revolução sangrenta. A revolução bolchevista foi certamente o resultado de uma péssima combinação do solioonensius com a idiossincrasia psicológica de cada indivíduo. Uma das características desta lei em ação é o desejo de liberdade.

No entanto, houve na Rússia, por aquelas épocas da revolução bolchevista, umas quantas pessoas que souberam aproveitar inteligentemente o solioonensius para desenvolver a razão objetiva, a autoconsciência individual e a Revolução da Dialética, que também surgirá por estes tempos.

Já se passaram muitos anos e não sabemos ainda quando voltará o solioonensius. O que sabemos é que devemos nos preparar para recebê-lo de forma inteligente e conseguir, com a sua ajuda, a revolução integral que proponho de maneira objetiva neste tratado.

É apenas lógico pensar que se o solioonensius nos pega sem preparação psicológica, o resultado será uma catástrofe.

É bom gravar na memória e não esquecer jamais que a revolução bolchevista e a guerra dos sete dias foram realmente uma catástrofe social.

Nós devemos aspirar realizar sobre a Terra a Revolução da Dialética. Para tanto, temos de nos preparar psicologicamente o melhor possível. Seria lamentável se o próximo solioonensius nos encontrasse sem preparação psicológica de espécie alguma.

No passado, toda vez que o solioonensius se manifestou foi catastrófico, quando a humanidade não estava preparada. Lembremo-nos do velho Egito, entre dinastia e dinastia havia acontecimentos terríveis. Duas vezes se manifestou o solioonensius de forma catastrófica no ensolarado país de Kem.

Na primeira, o povo em sangrenta revolução elegeu seus governantes mediante sangue e morte. O candidato que tivesse em seu copo sagrado a maior quantidade de olhos pertencentes à classe de governantes legitimamente constituídos seria eleito o novo governante. É claro que foram horríveis as cenas de semelhante revolta.

Na segunda manifestação desta lei cósmica, o povo egípcio enfurecido levantou-se contra seus governantes e os matou atravessando-os de lado a lado com um cabo metálico sagrado. Nesse propósito, não se respeitou sexo nem idade. Aquele cabo mais parecia um colar macabro que depois foi arrastado pelos animais e jogado no Nilo.

O solioonensius produz ânsias de libertação e revolução da consciência. Porém, quando o ser humano não está preparado, só lhe ocorre matar os governantes, assassiná-los, destronar os reis, fazer guerras, etc.

Devemos nos preparar psicologicamente para o solioonensius. Precisamos nos tornar autoconscientes e realizar sobre a superfície da Terra a Revolução da Dialética.

OS PRINCÍPIOS RELIGIOSOS

Todas as religiões são pedras preciosas engastadas no fio de ouro da divindade.

As religiões conservam os valores eternos; não existem religiões falsas.

Todas as religiões são necessárias; todas as religiões cumprem sua missão na vida.

É absurdo dizer que a religião do vizinho não serve e que só a nossa é verdadeira. Se a religião do vizinho não serve, então a nossa também não serve porque os valores são sempre os mesmos.

É estúpido dizer que a religião das tribos indígenas da América é idólatra porque eles também podem dizer que a nossa religião é idólatra. Se nós rimos deles, eles também podem rir de nós. Se dissermos que eles adoram ou adoravam ídolos, eles também podem afirmar que nós adoramos ídolos.

Não podemos desacreditar a religião dos outros sem desacreditar a nossa também porque os princípios são sempre os mesmos. Todas as religiões têm os mesmos princípios.

Sob o sol, toda religião nasce, desenvolve-se, multiplica-se em muitas seitas e morre. Assim tem sido sempre e assim será sempre.

Os princípios religiosos nunca morrem. Podem morrer as formas religiosas, mas os princípios religiosos, isto é, os valores eternos, não morrem jamais. Eles continuam, apenas se revestem de novas formas.

A religião é inerente à vida como a umidade é inerente à água.

Há homens profundamente religiosos que não pertencem a nenhuma forma religiosa.

As pessoas sem religião são conservadoras e reacionárias por natureza. Só o homem religioso consegue a Revolução da Dialética.

Não há motivos que justifiquem as guerras religiosas como as da Irlanda. É absurdo qualificar os outros de infiéis, hereges ou pagãos pelo simples fato de não pertencer à nossa religião.

O bruxo que no coração das selvas africanas exerce seu sacerdócio diante da tribo de canibais e o aristocrata arcebispo cristão que oficia na Catedral Metropolitana de Londres, Paris ou Roma apoiam-se nos mesmos princípios, só variam as formas religiosas.

Jesus, o Divino Rabi da Galileia, ensinou a todos os seres humanos o caminho da Verdade e da Revolução da Dialética.

A Verdade fez-se carne em Jesus e se fará carne em todo homem que conseguir a revolução integral.

Se estudarmos as religiões, se fizermos um estudo comparativo das religiões, em todas elas encontraremos o culto ao Cristo. A única coisa que varia são os nomes dados ao Cristo.

O Divino Rabi da Galileia tem os mesmos atributos de Zeus, Apolo, Krishna, Quetzalcoatl, Lao-Tsé, FuXi, o Cristo chinês, Buda, etc.

Qualquer um fica assombrado quando faz um estudo comparativo das religiões. Todos os sagrados personagens religiosos que personificam o Cristo nascem no dia 24 de dezembro às 12 horas da noite.

Todos esses sagrados personagens são filhos de imaculadas concepções. Todos eles nascem por obra e graça do Espírito Santo. Todos eles nascem de Virgens, imaculadas antes do parto, no parto e depois do parto.

A pobre e desconhecida mulher hebreia Maria, mãe do Adorável Salvador Jesus Cristo, recebeu os mesmos atributos e poderes cósmicos da deusa Ísis, de Juno, Deméter, Ceres, Vesta, Maia, Monja, Insoberta, Réia, Cibele, Tonantzin, etc.

Todas essas deidades femininas representam sempre a Mãe Divina, o Eterno Feminino Cósmico.

O Cristo é sempre filho da Mãe Divina e a ela rendem culto todas as santas religiões.

Maria é fecundada pelo Espírito Santo. Conta a tradição que o Terceiro Logos na forma de uma pomba tornou fecundo o ventre imaculado de Maria.

A pomba é sempre um símbolo fálico. Recordemos a Perístera, ninfa do cortejo de Vênus que foi transformada em pomba pelo amor.

Entre os chineses o Cristo é Fu-Xi. O Cristo chinês também nasce milagrosamente por obra e graça do Espírito Santo.

Passeando a virgem chamada Hua-Tsé pelas margens do rio, pôs seu pé sobre a pegada do Grande Homem. Imediatamente se moveu, vendo-se rodeada por um esplendor maravilhoso e suas entranhas conceberam. Transcorridos doze anos, no quarto dia da décima lua, à meia-noite, nasceu Fu-Xi, assim chamado em memória ao rio a cujas margens foi concebido.

No antigo México, Cristo é Quetzalcoatl, o qual foi o Messias e o transformador dos toltecas.

Estando um dia Chimamatl só com suas duas irmãs, apareceu-lhes um enviado do céu. As irmãs ao vê-lo, morrem de espanto. Ela, ao ouvir da boca do anjo que conceberia um filho, concebeu naquele instante, sem obra de varão, a Quetzalcoatl, o Cristo mexicano.

Entre os japoneses, o Cristo é Amida que intercede diante da deusa suprema Ten Sic Dai Tain rogando por todos os pecadores.

Amida, o Cristo japonês da religião xintoísta, é quem tem os poderes para abrir as portas do Gokurat, o paraíso.

Os Eddas germânicos citam a Khristos, o deus de sua teogonia, semelhante a Jesus, porquanto também nasceu no dia 24 de dezembro à meia-noite, da mesma forma que Odin, Wotan e Beleno.

Quando alguém estuda o evangelho de Krishna, o Cristo hindu, fica assombrado ao descobrir o mesmo evangelho de Jesus. No entanto, Krishna nasceu muitos séculos antes de Jesus.

Devaki, a virgem hindu, concebeu a Krishna por obra e graça do Espírito Santo. O menino-deus Krishna foi transportado ao estábulo de Nanden e os deuses e os anjos vieram adorá-lo. A vida, paixão e morte de Krishna é similar à de Jesus.

Vale à pena estudar todas as religiões. O estudo comparativo das religiões leva-nos a compreender que todas as religiões conservam os valores eternos, que nenhuma religião é falsa e que todas são verdadeiras.

Todas as religiões falam da alma, do céu, do inferno, etc. Os princípios são sempre os mesmos.

Entre os romanos o inferno era o Averno. Entre os gregos era o Tártaro e entre os hindus, o Avitchi.

O céu para os gregos e os romanos era o Olimpo. Cada religião tem seu céu.

Quando terminou a religião dos romanos, quando se degenerou, os sacerdotes converteram-se em adivinhos, marionetes, etc. Porém, os princípios eternos não morreram. Eles revestiram-se com a nova forma religiosa do cristianismo.

Os sacerdotes pagãos que se chamavam augures, druidas, flamens, hierofantes, dionísios ou sacrificadores foram rebatizados no cristianismo com os sagrados títulos de clérigos, pastores, prelados, papas, ungidos, abades, teólogos, etc.

As sibilas, vestais, druidesas, papisas, diaconisas, mênades, pitonisas, etc., foram denominadas no cristianismo com os nomes de noviças, abadesas, preladas superiores, canonisas, reverendas, irmãs, freiras, etc.

Os deuses, semideuses, titãs, deusas, sílfides, ciclopes, mensageiros dos deuses, etc., das antigas religiões, foram rebatizados com os nomes de anjos, arcanjos, serafins, potestades, virtudes, tronos, etc.

Se antigamente se adorava aos deuses, agora seguem sendo adorados, apenas que com outros nomes.

As formas religiosas mudam segundo as épocas históricas e as raças. Cada raça precisa de sua forma religiosa especial.

Os povos precisam de religião. Um povo sem religião é de fato um povo totalmente bárbaro, cruel e impiedoso.

A QUARTA UNIDADE DO RACIOCÍNIO

Os comunistas fanáticos odeiam mortalmente tudo o que tenha gosto de divindade.

Os materialistas fanáticos julgam que com seu raciocínio tridimensional podem resolver todos os problemas do cosmos. O pior do caso é que sequer conhecem a si mesmos.

O deus matéria dos senhores materialistas não resiste a uma análise de fundo. Até agora, os fanáticos da dialética marxista não puderam demonstrar realmente a existência da matéria.

Durante o século passado e parte do século XX, os fanáticos materialistas perderam seu tempo discutindo sobre o já cansativo e aborrecedor tema matéria e energia.

Falou-se muito sobre matéria e energia, porém elas continuaram, apesar de todas as especulações, sendo realmente os X e Y desconhecidos. Então, no que ficou?

O engraçado do assunto é que os sequazes reacionários do famoso materialismo dialético trataram sempre de definir uma incógnita pela outra. Resulta certamente ridículo definir o desconhecido pelo desconhecido.

Às pobres crianças sequestradas do Tibete se ensina em Pequim frases como esta: Matéria é aquilo em que ocorre mudanças chamadas movimento. E movimento, é aquela mudança que ocorrem na matéria. Esta é a identidade do desconhecido: $X=Y$ e $Y=X$. Total: um círculo vicioso; ignorância e absurdo.

Quem teve alguma vez na palma da sua mão um pedaço de matéria sem forma alguma? Quem conheceu a matéria livre de toda forma? Quem conheceu alguma vez a energia livre do conceito de movimento? A matéria em si mesma, a energia em si mesma, quem conheceu?

Ninguém viu a matéria e ninguém viu a energia. O ser humano só percebe fenômenos, coisas, formas, imagens, etc. Ele jamais viu a substância das coisas.

Os senhores materialistas ignoram totalmente o que é uma substância dada e dogmaticamente chamam-na de matéria, quando na realidade só viram madeira, cobre, ouro, pedra, etc.

Realmente, a chamada matéria é um conceito tão abstrato como os de beleza, bondade, coragem... Nenhum fanático da dialética materialista viu jamais a substância das coisas em si mesma, tal qual é a coisa em si. Não negamos que eles fazem uso do que eles chamam dogmaticamente matéria. O burro também usa o pasto para sua alimentação sem o conhecer, porém isso não é ciência, isso não é sabedoria, isso não é nada. Os fanáticos da dialética materialista querem converter todos os seres humanos em burrinhos? Pelo que estamos vendo, assim é! O que mais se pode esperar daqueles que não querem conhecer as coisas em si mesmas?

A ARTE

Conforme o ser humano foi se precipitando pelo caminho da involução e da degeneração, conforme foi se tornando cada vez mais materialista, seus sentidos também foram se deteriorando e degenerando.

Vem-nos à memória uma escola da Babilônia que se dedicava a estudar tudo o que se relacionava com o olfato. Eles tinham um lema que dizia: Buscar a verdade nos matizes dos odores obtidos entre o momento da ação do frio congelado e o momento da ação em decomposição cálida.

Essa escola foi perseguida e destruída por um chefe terrível. Dito chefe mantinha negócios duvidosos e logo foi denunciado indiretamente pelos afiliados da escola.

O sentido do olfato extraordinariamente desenvolvido permitia aos alunos daquela escola descobrir muitas coisas que não convinha aos chefes do governo.

Havia uma outra escola muito importante na Babilônia: a Escola dos Pintores. Essa escola tinha como lema: Descobrir e elucidar a verdade só por meio das tonalidades existentes entre o branco e o negro.

Por aquelas épocas, os afiliados dessa escola podiam utilizar normalmente e sem dificuldade cerca de 1.500 matizes da cor cinza.

Do período babilônico até estes tristes dias em que milagrosamente sobrevivemos, os sentidos humanos têm se degenerado espantosamente devido ao materialismo que Marx justifica ao seu modo através da barata sofisticação de sua dialética.

O eu continua depois da morte e perpetua-se em seus descendentes. O eu complica-se com as experiências materialistas e robustece-se às custas das faculdades humanas.

Conforme o eu se fortaleceu através dos séculos, as faculdades humanas foram se degenerando cada vez mais.

As danças sagradas eram verdadeiros livros de informação e que transmitiam deliberadamente certos conhecimentos cósmicos transcendentais.

Os dervixes dançantes não ignoravam as sete tentações mutuamente equilibradas dos organismos vivos.

Os antigos dançarinos conheciam as sete partes independentes do corpo e sabiam muito bem o que são as sete linhas distintas do movimento. Os dançarinos sagrados sabiam muito bem que cada uma das sete linhas do movimento possui sete pontos de concentração dinâmica.

Os dançarinos da Babilônia, da Grécia e do Egito não ignoravam que tudo isto se cristaliza no átomo dançarino e no gigantesco planeta que dança ao redor de seu centro de gravitação cósmica.

Se pudéssemos inventar uma máquina que imitasse com plena exatidão todos os movimentos dos sete planetas do nosso sistema solar ao redor de seu sol, descobriríamos com assombro o segredo dos dervixes dançantes. Realmente, os dervixes dançantes imitavam perfeitamente todos os movimentos dos planetas ao redor do sol.

As danças sagradas dos tempos do Egito, Babilônia, Grécia, etc., vão ainda mais longe. Transmitem tremendas verdades cósmicas, antropogenéticas, psicobiológicas, matemáticas, etc.

Quando na Babilônia, começaram a aparecer os primeiros sintomas do ateísmo, do ceticismo e do materialismo, a degeneração dos cinco sentidos se acelerou de forma espantosa.

Está perfeitamente demonstrado que somos o que pensamos. Se pensarmos como materialistas, degeneramos e nos fossilizamos.

Marx cometeu um crime imperdoável. Tirou os valores espirituais da humanidade. O marxismo desatou a perseguição religiosa. O marxismo precipitou a humanidade na degeneração total.

As ideias marxistas, materialistas, infiltraram-se em todas as partes: nas escolas, nos lares, nos templos, nas fábricas, etc.

Os artistas, a cada nova geração, vêm se convertendo em verdadeiros apologistas da dialética materialista. Todo ar de espiritualidade desapareceu da arte ultramoderna.

Os modernos artistas já nada sabem sobre a lei do sete, já nada sabem de dramas cósmicos, já nada sabem sobre as danças sagradas dos antigos Mistérios.

Os tenebrosos roubaram tudo do cenário do teatro; profanaram-no miseravelmente e prostituíram-no totalmente.

O sábado, o dia do teatro, o dia dos mistérios, era muito popular nos antigos templos. Neles eram representados dramas cósmicos maravilhosos.

O drama serviu para a transmissão de valiosos conhecimentos aos Iniciados. Por meio do drama, transmitia-se aos Iniciados diversas formas de experiência do Ser e de manifestações do Ser.

Entre os dramas, o mais antigo é o do Cristo Cósmico. Os Iniciados sabiam muito bem que cada um de nós deve se converter no Cristo de dito drama, se é que realmente aspira o reino do super-homem.

Os dramas cósmicos baseiam-se na lei do sete. Certos desvios inteligentes dessa lei foram usados sempre para transmitir ao neófito conhecimentos transcendentais.

É bem sabido em música que certas notas podem produzir alegria no centro pensante, que outras podem causar pesar no centro sensível e que por fim outras podem produzir religiosidade no centro motor.

Realmente, os velhos hierofantes jamais ignoraram que o conhecimento integral só pode ser adquirido através dos três cérebros; um único cérebro não pode dar informação completa.

A dança sagrada e o drama cósmico sabiamente combinados com a música serviram para transmitir aos neófitos tremendos conhecimentos arcaicos de tipo cosmogênico, psicobiológico, físico-químico, metafísico, etc.

Cabe aqui mencionar também a escultura. Ela foi grandiosa em outros tempos. Os seres alegóricos cinzelados na dura rocha revelam que os velhos Mestres não ignoraram nunca a lei do sete.

Recordemos a esfinge de Gizé, no Egito. Ela nos fala dos quatro elementos da natureza e das quatro condições básicas do super-homem.

Depois da segunda guerra mundial, nasceram a arte e a filosofia existencialistas. Quando vimos os atores existencialistas em cena, chegamos à conclusão de que são verdadeiros enfermos: maníacos e perversos.

Se o marxismo continuar se difundindo, o ser humano terminará por perder totalmente seus cinco sentidos, os quais estão em processo de degeneração.

Já está comprovado pela observação e pela experiência que a ausência de valores espirituais produz degeneração.

A pintura atual, a música, a escultura, o drama, etc., não são senão o produto da degeneração.

Já não aparecem no cenário os Iniciados de outros tempos, as dançarinas sagradas, os verdadeiros artistas dos grandes templos... Agora, só aparecem nos palcos autômatos enfermos, cantores degenerados, rebeldes sem causa, etc.

Os teatros ultramodernos são a antítese dos sagrados teatros dos grandes Mistérios do Egito, da Grécia e da Índia.

A arte destes tempos é tenebrosa, é a antítese da luz. Os modernos artistas são tenebrosos.

A pintura surrealista é marxista, a escultura ultramoderna, a música afrocubana e as bailarinas modernas são o resultado da degeneração humana.

Os rapazes e as moças das novas gerações recebem por meio de seus três cérebros degenerados dados suficientes para se converterem em vigaristas, ladrões, assassinos, bandidos, homossexuais, prostitutas, etc.

Ninguém faz nada para acabar com a má arte e tudo caminha para uma catástrofe final por falta de uma Revolução da Dialética.

A CIÊNCIA MATERIALISTA

Em certa ocasião, discutiam um ateu materialista, inimigo do Eterno Deus Vivo, e um sujeito religioso. Discutiam sobre aquele tema de: Quem apareceu primeiro, o ovo ou a galinha? Claro que quando um diz: Foi o ovo, o outro replica: Está bem, foi o ovo! E quem pôs o ovo? Pois, foi a galinha! E o outro insiste: E de onde saiu a galinha? Pois, do ovo... Ora, esta é uma história que não termina nunca.

Por fim, um pouco impaciente, o religioso disse: Você poderia fazer um ovo como o que Deus fez? O materialista respondeu: Sim, eu faço! Pois, faça-o, exclamou o religioso. E o materialista fez um ovo igualzinho ao de uma galinha com a gema, a clara e a casca. Vendo aquilo, o religioso falou: Você fez um ovo maravilhoso. Será que dará um pintinho? Vamos pôr o ovo na incubadora para que saia. Aceito, disse o materialista. Puseram o ovo na incubadora, mas daquele ovo não saiu nada.

O sábio dom Alfonso Herrera, autor da plasmogenia, conseguiu criar uma célula, porém uma célula morta que nunca teve vida.

Fazem enxertos... a um ramo lhe enxertam outro de um vegetal específico - dizem que é para melhorar o fruto. Os sabichões querem corrigir a natureza. O que estão fazendo são despropósitos. Os enxertos não têm a mesma força natural viva do Megalocosmos. Os frutos adulterados quando ingeridos vêm a prejudicar o corpo humano do ponto de vista energético.

No entanto, os sabichões estão satisfeitos com os seus experimentos. Não entendem que cada árvore capta energia, transforma-a e retransmite-a aos frutos. Ao alterarem a árvore, alteram as energias do Megalocosmos e aqueles frutos já não serão mais os mesmos. Eles serão o resultado de um adultério que irá prejudicar os organismos.

Porém, os cientistas materialistas pensam que sabem, quando na realidade e de verdade não sabem. Não só ignoram, como ainda ignoram que ignoram, o que é bem pior.

Fazem inseminações artificiais... extraem de um organismo as células vivificantes, o famoso zoosperma... e só por isso julgam que estão criando vida. Esses sabichões não se dão conta de que só estão utilizando o que a natureza já fez.

Ponhamos sobre a mesa do laboratório os elementos químicos necessários para se fabricar um zoosperma e um óvulo. Digamos aos cientistas para fazerem um óvulo e um zoosperma. Fariam-no? Eu digo que sim, mas teria vida? Poderia sair dali uma criatura viva? Nunca, jamais, porque eles não sabem criar vida. Então, com que provas negam a existência de inteligências superiores ou criadoras? Se não são capazes sequer de criar uma semente de árvore; uma semente que venha a germinar!

Qual é a base em que se apoiam os materialistas para negarem as inteligências criadoras? Por que se pronunciam contra o Eterno?

Conseguiu algum cientista materialista criar vida? Quando?

Jogar com o que a natureza já fez é coisa fácil, mas fazer vida é diferente. Nenhum cientista conseguiu fazê-la...

Dividir uma ameba em duas, separar suas partes em uma mesa de laboratório e uni-las com outros pedaços de micro-organismos, eles fazem. Depois, dizem: Eureka! Eureka! Eureka! Estamos criando vida! Porém, não são capazes de criar uma ameba. Onde está a ciência desses senhores materialistas? Quando eles demonstraram que podem substituir a divindade? A realidade dos fatos é que não só ignoram, como ainda, o que é pior, ignoram que ignoram. O que conta são os fatos e até agora eles não demonstraram nada.

Dizem que o homem veio do macaco. Saem com a teoria do cinocéfalos com rabo, o macaco sem rabo e do homem arbóreo, filhos do neopitecóide, etc. Mas, onde estaria o elo perdido? Já o encontraram? Quando e aonde? Em que dia se achou um macaco capaz de falar, dotado de linguagem? Até agora não apareceu. São ridículos esses senhores materialistas, estão nos apresentando suposições e não fatos.

Meçamos o volume do cérebro do melhor dos monos e o comparemos com o cérebro do homem mais atrasado que se ache, por exemplo, entre as tribos da Austrália. É óbvio que esse mono não alcançaria a capacidade de falar.

Não estão então os materialistas refutando as teorias do próprio Darwin e de seus sequazes? O homem vem do macaco? Sobre que bases se sustentam? Como o demonstram? Até quando vamos esperar pelo suposto elo perdido? Queremos ver essa espécie de macaco que fala como gente. Ainda não apareceu? Pois, então, é uma suposição, uma tolice que não tem realidade.

Por que falam coisas que não sabem? Por que tantas utopias baratas? Simplesmente porque têm a consciência adormecida, porque nunca se interessaram em fazer uma revolução psicológica dentro de si mesmos e porque lhes falta praticar a superdinâmica sexual. A crua realidade dos fatos é que estão hipnotizados.

Quem não praticar os ensinamentos da Revolução da Dialética, cairá nos mesmos erros dos cientistas materialistas.

Os cientistas materialistas saem continuamente com muitas teorias. Como exemplo, citaremos a da seleção das espécies: um insignificante molusco vai se desenvolvendo e dele saem outras espécies vivas mediante o processo de seleção até chegar ao homem. Podem demonstrar esta teoria? Claro que não!

Não negamos que em cada espécie existam certos processos seletivos. Há aves, por exemplo, que emigram em determinadas épocas. As pessoas ficam admiradas ao vê-las todas reunidas; que estranhas se tornam!

Depois, levantam voo para atravessar o oceano. Muitas morrem pelo caminho sobrevivendo apenas as mais fortes. Essas que sobrevivem transmitem suas características aos seus descendentes. Assim age a lei seletiva.

Há espécies que lutam incessantemente contra monstros marinhos e à força de tanto lutar, se tornam fortes e transmitem suas características aos seus descendentes.

Há animais que à força de tanto lutar vão se fazendo cada vez mais fortes, transmitindo suas características psicológicas aos seus descendentes.

A seleção natural nunca pôde apresentar uma nova espécie sobre o tapete da existência. No entanto, foram muitos os que atribuíram à seleção características criadoras.

Muito se falou também sobre o protoplasma. Do protoplasma que se acha submerso no mar salgado há milhões de anos e que dele veio a vida universal.

Os protistas materialistas fazem seus sequazes crer, ignorantes como eles, que o desenvolvimento psicológico do animal intelectual equivocadamente chamado homem provém do desenvolvimento molecular desse protoplasma e que caminha paralelamente com os processos do mesmo.

Os protistas querem que a consciência, ou como quer que a chamem, seja o resultado da evolução do protoplasma através dos séculos. Assim pensam os protistas, os paradigmas de sapiência.

Chega-me à memória a monera atômica de Haeckel, aquele átomo submerso lá no abismo aquoso de onde surge toda a vida. Assim pensam Haeckel e seus sequazes.

Não se organizou nada complicado que não tenha tido que passar por diferentes processos cósmicos universais.

A realidade é que os cientistas não sabem nada da vida nem da morte. Não sabem de onde viemos, para onde vamos e muito menos qual é o objetivo da existência. Por quê? Porque simplesmente têm a consciência adormecida, porque não fizeram a Revolução da Dialética interior e porque estão no nível da hipnose coletiva – massiva – por falta da revolução integral que ensinamos nesta obra.

A ciência materialista marcha pelo caminho do erro. Nada sabe sobre a origem do homem e muito menos de sua psicologia interior.

Que a lei de seleção natural tenha existido não negamos, porém ela nada criou de novo. Que as espécies variem através do tempo não o negamos, porém os fatores de variabilidade de qualquer espécie só entram em ação depois que os protótipos originais se cristalizaram no mundo físico. Os protótipos originais de qualquer espécie viva se desenvolvem previamente no espaço psicológico, nas dimensões superiores da natureza, nas dimensões superiores que os cientistas materialistas negam porque não as percebem. Por que não as percebem? Porque estão psicologicamente hipnotizados.

Se primeiro eles saíssem do seu estado hipnótico e depois falassem, seus conceitos seriam diferentes. Porém dormem por falta de uma dinâmica mental e sexual.

Se alguém quiser saber sobre a origem do ser humano, terá que observar a ontogenia. A ontogenia é uma recapitulação da filogenia.

O que é a ontogenia dentro da antropologia? É o processo de desenvolvimento do feto dentro do claustro materno. Se observarmos os processos de gestação de uma mãe, poderemos evidenciar que a ontogenia é uma recapitulação da filogenia, a qual, por sua vez, é um estado de evolução e transformação pelo qual passou a raça humana através dos séculos.

A ontogenia recapitula esses estados dentro do ventre materno. Uma análise ontogênica levar-nos-ia à conclusão lógica de que a espécie humana e as outras espécies animais têm uma origem parecida e vêm do espaço psicológico.

Porém, isso da seleção natural, das diferentes variantes ou fatores que produzem variação na raça humana, só entram em ação depois que as espécies, quaisquer que sejam, estão cristalizadas fisicamente. Antes da cristalização física, existem processos evolutivos psicológicos que ocorrem no seio vivo da natureza e que são desconhecidos para um Haeckel, um Darwin e seus sequazes, etc., porque nada sabem eles sobre a origem do ser humano.

Como é possível que os sábios materialistas digam que existem certas variações nos diferentes tipos das espécies vivas, seja por acidente ou de forma espontânea? Não resulta isso, por acaso, numa contradição?

Não são eles mesmos que dizem que este universo é o resultado da força, da matéria e da necessidade? Depois, nos falam de variações espontâneas em um universo de força e necessidade. Como é que se contradizem? É possível isso?

Um universo de força, matéria e necessidade não admite variações espontâneas nem acidentais. Essas variações ocorrem nas espécies por causa de algo que eles desconhecem. A ciência materialista não só ignora, como ainda, o que é pior, ignora que ignora.

A antropologia gnóstica – psicanalítica – mergulha profundamente no passado. Esta raça humana que hoje em dia povoa a superfície da Terra não é mais do que uma raça de animais intelectuais equivocadamente chamados de homens. Vocês podem se ofender, se quiserem, mas antes que esta raça de animais intelectuais existisse, houve civilizações de homens lemurianos, hiperbóreos e polares. Os animais intelectuais vêm da Atlântida, nasceram na Atlântida. Os homens reais da Lemúria, em seus últimos tempos, foram se retirando do cenário do mundo e foram deixando seus organismos para os elementos superiores dos reinos animais.

A raça de animais intelectuais foi precedida pelas dos homens que existiram na Lemúria, no continente Hiperbóreo e na calota polar norte que, naquela época, estava situada na zona equatorial. Em que se baseia a antropologia gnóstica psicanalítica para afirmar isto? O que declara? Baseia-se não só nas tradições que estão registradas nos livros do antigo Egito, nas tradições da terra dos incas, da terra dos maias, da antiga Grécia, da Índia, da Pérsia, do Tibete, etc., como ainda nas investigações diretas feitas por aqueles que conseguiram despertar a consciência por meio de uma revolução psicológica.

Estamos entregando através desta obra todos os sistemas que são necessários para o despertar da consciência. Quando vocês despertarem, poderão investigar e comprovar por si mesmos tudo isto que estou afirmando de forma enfática. Porém, é necessário que se desperte para apalpar, ver, ouvir e sentir a fim de não se tornar mais uma vítima das teorias de Haeckel, Darwin, Huxley e seus sequazes.

Existiram três raças de homens, mas como poderiam saber disso se vossa consciência está adormecida? Os que consigam despertar poderão investigar nos arquivos acássicos da natureza.

Como era a primeira raça? De que maneira viviam? Naquelas épocas, há quase 300 milhões de anos, de acordo com as investigações que realizamos, existiram os homens protoplasmáticos. A própria Terra era ainda protoplasma.

Não aquele protoplasma de Haeckel com seu mar salgado e mil e uma tolices mais sem comprovação alguma. Não, a raça protoplasmática era diferente.

Aquela raça humana flutuava no ambiente, ainda não tinha descido para a terra úmida. Como se reproduziam e qual era a sua origem? Aquela raça tinha evoluído e involuído nas dimensões superiores da natureza e do cosmos. Cristalizara-se por fim numa Terra também protoplasmática depois de muitos processos evolutivos;

surgiram de seu germen original situado no caos, no magnus limbus, no hiaster do mundo. Quando essa raça se cristalizou, formou o feixe, o núcleo. Eles podiam assumir tamanhos gigantescos ou reduzir-se a um ponto matemático.

Em que me baseio para afirmar isto? Na minha consciência desperta? Consta-me? Sim, consta-me! Se vocês aceitam a doutrina da reencarnação, tanto melhor, porque eu estive reencarnado naquela raça e como quer que estou desperto, não posso me esquecer dos processos evolutivos e involutivos daquela raça. Por tal razão, dou testemunho diante de vocês, já que estão seguramente adormecidos. Porém, devo expor todos estes dados que lhes são necessários para irem despertando.

Como se multiplicava aquela raça? Como se reproduzia? Não era como a Mestra Blavatsky dizia: que o faziam de forma assexuada, que não precisavam do sexo para isso. Tal afirmação é errônea porque a força do Mahachohan, a energia criadora do Terceiro Logos, flui arrasadora em tudo o que foi e que será. O gênero de reprodução era fissíparo; expressava-se de uma forma sexual diferente: dividiam-se em organismos como se dividem as células vivas. Os estudantes de biologia sabem muito bem como a célula orgânica se divide: o citoplasma se separa com um pedaço do núcleo. Isso não o ignoram.

Desde então, o processo fissíparo ficou no sangue e segue se realizando em nossas células aos milhões. Não é certo isto? Quem se atreve a negar? Apresento fatos! Creem, por acaso, que esse procedimento celular não tem uma raiz, uma origem? Se pensassem assim, seria absurdo porque não há causa sem efeito nem efeito sem causa. Assim que herdamos isso! De quem? Dos homens da primeira raça.

O organismo desprendido podia seguir se desenvolvendo porque prosseguia captando, acumulando, protoplasma do ambiente circundante.

Mais tarde, surgiram os hiperbóreos de quem fala Friedrich Nietzsche. Povos que viveram nessas ferraduras que circundam o polo norte, o país do setentrião. Consta-nos isto? Sim ou não? A vocês que estão adormecidos, não! A mim, sim, consta-me porque estou desperto! Negá-lo? Não o nego! Se me considerarem louco, podem considerar. Porém, tenho de dar testemunho custe o que custar. Tenho de dizer sempre a verdade.

Os hiperbóreos existiram de fato. Já não eram tão gelatinosos como os protoplasmáticos. Ao falar assim, não estou me referindo à célula-alma de Haeckel no mar salgado nem à sua famosa monera atômica. Para trás Haeckel e seus sequazes com suas teorias absurdas.

Agora, quero me referir de forma enfática a essa raça hiperbórea que derivou da protoplasmática. Os hiperbóreos foram uma raça mais psíquica e se reproduziam sexualmente numa forma de brotação. Vocês já viram os corais nos recifes alcantilados do borrascoso oceano? De um coral sai outro e desse, outro... desse outro, outro, etc. Há plantas que mediante seus brotes continuam se multiplicando. Assim também acontecia com os hiperbóreos. Certos brotes que apareciam no pai-mãe operavam a força sexual até que se desprendessem. Tais brotes desprendidos dariam origem a uma nova criatura. Este era o modo de reprodução dos hiperbóreos.

Por fim, aquela raça submergiu no fundo do borrascoso oceano Indico através de milhões de anos de evoluções e involuções desta natureza fecunda.

Do fundo dos mares, surgiu posteriormente um gigantesco continente: a Lemúria, que cobria todo o oceano Pacífico. Foi ali onde pela primeira vez a raça humana se assentou sobre a dura crosta terrestre. O continente lemur apareceu, mas não por geração espontânea, como acreditariam Epicuro e seus sequazes, nem por seleção natural, teoria esta elevada à categoria de um deus criador; maravilhosa retórica do absurdo que se fez... Não! Como surgiu? De que maneira?

Os arbóreos ao cristalizarem, seus corpos humanos tomaram uma forma dura aparecendo os hermafroditas lemurianos, tal como estão simbolizados nas gigantescas esculturas de Tula, Hidalgo, México. Caminharam sobre a superfície da terra... No princípio, reproduziam-se desprendendo do seu organismo uma célula-ovo que se desenvolvia para dar origem a uma nova criatura. Esta é a época em que o falo e o útero ainda não tinham sido formados. Era a época em que o lingam-yoni estava germinando. Era a época em que o ovário ainda não tinha sido desenvolvido.

Os tempos passaram e apareceu na Lemúria o sistema de reprodução por gemação. Tal sistema causou muito assombro naquela época. O ovário recebia uma célula fecundante, isto é, um zoosperma. De maneira que, quando aquele ovo se desprendia do ovário de um hermafrodita, já fora fecundado previamente.

Ao vir o ovo à existência, abria-se depois de um certo tempo de fecundação; dali saía a nova criatura. Por isso, os náhuas diziam: Os filhos do terceiro sol transformaram-se em pássaros. Sábia afirmação da antiga cultura náhua.

Porém, aproximando-se o fim da Lemúria, da terceira ou quarta sub-raça em diante, os seres humanos viram-se divididos em sexos opostos. A partir de lá tornou-se necessária a cooperação para criar. O sistema de cooperação para criar vem da Lemúria. É claro que se precisa de um ovo do ovário fertilizado por uma célula. Somente assim, na união de uma célula fertilizante com um óvulo, pode surgir a célula original com os 48 cromossomos que de forma indiscutível levamos em nosso interior e nos quais estão representadas as 48 leis da nossa criação.

CAPÍTULO 8

A EX-PERSONALIDADE E A TEORIA DOS QUANTAS

O cintilar dos átomos deve-se a pacotes de energia chamados de quanta.

No diamante, os quanta se movem na metade de sua velocidade, a qual vai diminuindo de forma progressiva no ar, na água e na terra.

Um átomo é como um vibrômetro que produz ondas com velocidades próprias de acordo com seu tipo.

O apego emocional dos desencarnados diminui a velocidade dos quantas, de modo que a ex-personalidade dos defuntos pode ser acessível à retina de uma pessoa viva, então a personalidade do morto fica palpável.

O CASO GARCIA PENHA

Certo dia, encontrei a um velho amigo na rua 5 de maio no México, D.F. Cumprimentei-o com a mão para cima e segui meu caminho. Poucos dias depois, encontrei um familiar deste meu amigo e para surpresa minha ele me disse que o senhor Garcia Penha - aquele que eu cumprimentara - havia falecido há dois meses. Indubitavelmente, a ex-personalidade do meu amigo, apegada a este mundo em que vivemos, fizera-se tangível, repetindo mecanicamente as ações a que estava acostumada.

É indubitável que existe uma estreita relação entre a personalidade, energética e atômica, e os quantas, os quais possuem sua própria frequência vibratória. Devido ao seu apego a este mundo tridimensional, os desencarnados costumam diminuir inconscientemente a vibração quântica de suas personalidades fazendo estas palpáveis e perceptíveis.

Quando os quanta são rápidos, não são percebidos e quando são muito lentos, também não.

Normalmente, os quanta viajam à velocidade da luz e em círculo.

O segredo do tempo esconde-se no átomo. O conceito de tempo é negativo. Ninguém pode demonstrar a velocidade do tempo, ele não pode ser encerrado num laboratório.

Nós colocamos o conceito de tempo entre acontecimento e acontecimento. A prova está na existência da grande quantidade de calendários diferentes.

O que diminui a velocidade dos quanta é a atitude que temos em um dado instante. Nas reuniões espíritas acontece o mesmo fenômeno (dos quantas).

Os processos do cosmos realizam-se num eterno agora. A subida e o desaparecimento do sol realizam-se num instante eterno.

Precisamos desenvolver a nossa própria maneira de pensar. Do ponto de vista energético, cada um de nós é um ponto matemático que consente em servir de veículo a determinados valores, sejam eles positivos ou negativos.

Imagem, valores e identidade em alguém que aniquilou o Ego são positivos. Temos de considerar a morte como uma operação matemática.

REINCORPORAÇÃO

Reincorporação é o princípio que explica a incorporação incessante dos valores nos pontos matemáticos.

A energia é indestrutível. Não creio que os quanta possam ser destruídos, porém, sim, é possível que consigam se transformar. Todo homem que se agrada da revolução psicológica deve refletir sobre o que é o fenômeno quântico para extrair do mesmo o autoconceito e a autorreflexão evidente do Ser.

O estudo dos quanta pode ser realizado por aquele que viveu na própria carne a dinâmica mental e que com ela tenha conseguido a emancipação da mente.

A SUPERDISCIPLINA

A superdisciplina é o aperfeiçoamento do corpo físico se consegue através da medicina naturista.

Quando uma superdisciplina existe, é óbvio que com ela podemos obter a sabedoria diretamente dos documentos arqueológicos.

Tendo-se uma superdisciplina, compreendemos e aceitamos que a vida tem de ser tomada como um ginásio da vontade.

Grandes triunfos esperam aqueles que se submetem a uma superdisciplina.

Aqueles que vivem uma superdisciplina têm de ser fortes para suportar a “solidão no caminho”.

A AUTO-REFLEXÃO EVIDENTE

Para compreendermos a autorreflexão evidente, temos de estudar a epístola de Santiago, que é para os que trabalham na Grande Obra, na Revolução da Dialética.

É necessário que a Grande Obra e o trabalho psicológico se protejam com a fé porque a fé manifesta-se nas obras.

Aquele que sabe manejar a língua dominará o corpo e dominará os demais. Por fim, estará caminhando de forma ascendente na Grande Obra e no trabalho psicológico.

À medida que avançamos na prática destes ensinamentos psicológicos, teremos de evitar cair em outro erro psicológico que é o de tornar-se jactancioso. Assim também, não devemos nos tornar presunçosos a fim de triunfarmos na Grande Obra e na autorreflexão evidente.

Todo alquimista, cabalista e psicólogo deve ter fé. A fé não é algo empírico, ela tem de ser fabricada. Se a fábrica estudando a si próprio e experimentando consigo mesmo.

O MISTÉRIO

Os Dharmapalas são os terríveis Senhores da Força que se lançaram contra as aberrações materialistas dos chineses comunistas.

Pessoalmente, estarei no Tibete porque neste sagrado lugar são geradas grandes coisas. Estarei ajudando os tibetanos a acabar com os vestígios da abominação deixada pelos chineses.

Shangri-lá está na quarta dimensão. Ela é uma cidade jinas. Lá se encontra o Venerável Mestre Kut Humi.

O Tibete assemelha-se muito ao Egito e os monges não desconhecem os trabalhos de mumificação. No passado, os monges tibetanos levaram suas múmias para as crateras dos vulcões onde estão suas lamaserias.

Não tenho nenhum tipo de temor ao afirmar que sou um lama tibetano. Se perguntarem como posso me encontrar aqui e lá, respondo que isto é possível graças ao dom da ubiquidade.

Sim, no mesmo momento, encontro-me no vale de Aditattva e aqui no México. Naquele vale são realizadas procissões sagradas. O monastério localiza-se no lado direito do vale. Antes, o monastério achava-se na terceira dimensão, mas, agora, encontra-se submerso na quarta vertical. O edifício tem grandes salões internos onde são realizados trabalhos objetivos. Como lama, tenho uma pequena sala de trabalho. Os Dharmapalas reúnem-se no pátio do monastério.

A ordem é formada por 201 membros. O estado maior é constituído por 72 brâmanes. Esta é a ordem que rege os destinos da humanidade.

O Tibete tem sido invadido sempre por ingleses e chineses, mas sempre tiveram que sair dali devido o terrível poder dos Dharmapalas.

O AVATARA

Os avatares não podem se esquecer da questão social. Por isso, Quetzalcoatl manifestou-se em dois aspectos: o social e o psicológico.

Em meu caso pessoal, tenho-me preocupado com estes dois aspectos. Os problemas humanos, devidamente orientados, tem de ser solucionados através da revolução da consciência de uma maneira dialética. Quanto aos problemas do capital e do trabalho, sua solução encaminha-se através do Poscla.

EXPERIÊNCIA

Entregaram-lhe uma hasta que simbolizava os problemas e fizeram-no entrar num santuário secreto. Nesse santuário encontrou o patriarca Santo Agostinho. O patriarca pegou da estante um volumoso livro e disse-lhe: “Vou te ensinar um mantra para avivar o fogo.” Abriu o livro... Acendeu um braseiro... Pronunciou o mantra M e o fogo avivou-se. Quando saiu, aprendeu a cantar o mantra para avivar a chama.

O patriarca Santo Agostinho voltou-se diante da ara do templo revestido com as vestes sacerdotais; o Mestre Samael também... Puseram uma frigideira em sua mão direita... como que dizendo: Tu tens a frigideira agarrada pelo cabo!

Fizeram uma grande cadeia... Nós te acompanharemos, formando toda esta grande luta.” Assim que, a Irmandade Branca o acompanha...

Infelizmente, os irmãozinhos gnósticos não estudaram, não viveram meu ensinamento que durante tantos anos entreguei para dar-lhes a liberação psicológica. Eles mesmos quiseram sabotar a Grande Obra da Irmandade Branca.

Ao entregar as chaves da psicologia revolucionária e do Poscla, não o fizemos com o propósito de escalar posições nem de viver do orçamento nacional. A única coisa que queremos é ser úteis à humanidade e servir dando normas psicológicas que eu mesmo experimentei a fim de que o animal intelectual consiga a revolução integral...

A missão de um avatara não é somente uma questão religiosa. Ela também abarca a questão política e psicológica das nações.

CAPÍTULO 9

O INDIVÍDUO E A SOCIEDADE

A sociedade é a extensão do indivíduo. Se o indivíduo é cobiçoso, cruel, impiedoso, egoísta, etc., assim será a sociedade. É preciso ser sincero consigo mesmo. Cada um de nós está degenerado, logo a sociedade tem de estar degenerada inevitavelmente. Isto o terrível monstro do materialismo não pode resolver. Isto somente o indivíduo pode resolver à base de uma revolução integral em si.

Chegou a hora de refletir sobre o nosso próprio destino. A violência não resolve nada. A violência só pode nos conduzir ao fracasso. Necessitamos de paz, serenidade, reflexão e compreensão.

O problema do mundo é o problema do indivíduo. As revoluções de sangue não resolvem nada. Só mediante a inteligência resolveremos o problema do engarrafamento da consciência.

Somente através da inteligência conseguiremos converter o animal intelectual primeiro em homem e depois em super-homem. Somente com a Revolução da Dialética conseguiremos vencer o terrível monstro do materialismo.

A sociedade humana é a extensão do indivíduo. Se quisermos realmente uma mudança radical, se quisermos um mundo melhor, teremos de mudar individualmente, mudar dentro de nós mesmos, alterar dentro da nossa própria individualidade os abomináveis fatores que causam dor e miséria no mundo. Recordemos que a massa é uma soma de indivíduos. Se cada um muda, a massa mudará inevitavelmente.

É urgente se acabar com o egoísmo e cultivar o cristocentrismo. Somente assim poderemos tornar o mundo melhor. É indispensável eliminar a cobiça e a crueldade que cada um de nós leva dentro. Somente assim, mudando o indivíduo, mudará a sociedade porque esta é a extensão do indivíduo.

Há dor, há fome e há confusão, porém nada disto pode ser eliminado através dos absurdos procedimentos da violência. Aqueles que querem transformar o mundo à base de revoluções de sangue e aguardente, com golpes de estado e de fuzilamentos estão completamente equivocados; a violência gera mais violência e o ódio mais ódio. Precisamos de paz, se é que queremos resolver os problemas da humanidade.

As trevas não se desfazem com garrotaços ou com ateísmo, mas sim, trazendo-se luz. Também o erro não se desfaz com combates corpo a corpo e sim difundindo-se a verdade; não há necessidade de se atacar o erro. Tudo quanto a verdade avançar, fará com que o erro tenha de retroceder. Não há porque se resistir ao negativo e sim praticar o positivo incondicionalmente, ensinando suas vantagens pela prática. Atacando o erro, provocaremos o ódio dos que erram. O que precisamos fazer é difundir a luz da Revolução da Dialética para dissipar as trevas.

É urgente analisar os princípios fundamentais da dialética marxista e demonstrar ao mundo a tremenda realidade de que eles não resistem a uma análise de fundo e que são pura sofisticação barata.

Façamos luz se é que queremos vencer as trevas. Não derramemos sangue. Chegou a hora de sermos compreensivos.

Faz-se necessário estudarmos nosso próprio eu, se é que realmente amamos aos nossos semelhantes. É indispensável compreender que só acabando com os fatores do egoísmo e da crueldade – que cada um carrega dentro de si – conseguiremos fazer um mundo melhor, um mundo sem fome e sem medo.

A sociedade é o indivíduo. O mundo é o indivíduo. Se o indivíduo muda fundamentalmente, o mundo muda inevitavelmente.

A consciência está em grave perigo. Somente nos transformando radicalmente como indivíduos, conseguiremos nos salvar e salvar a humanidade.

A CONSCIÊNCIA

Consciência que dorme...

Que diferente serias se despertasses... Conhecerias as sete sendas da felicidade, brilharia por todas as partes a luz do teu amor, se regozijariam as aves no mistério de teus bosques, resplandeceria a luz do espírito e alegres, os elementais cantariam para ti versos em coro.

A ILUMINAÇÃO

Praticai na ordem os ensinamentos da Revolução da Dialética. Começai a vossa revolução integral a partir deste momento. Dedicai tempo a vós mesmos porque assim, tão vivos como estais, com esse tremendo eu dentro, sois um fracasso.

Quero que vos resolvais a morrer radicalmente em todos os níveis da mente.

Muitos se queixam de que não conseguem sair em astral à vontade. Quando alguém desperta a consciência, a saída em astral deixa de ser um problema. Os adormecidos não servem para nada!

Nesta obra da Revolução da Dialética entreguei a ciência que se necessita para se conseguir o despertar da consciência. Não cometais o erro de ler este livro como quem lê um jornal. Estudai-o profundamente durante muitos anos. Vivei-o e levai-o a prática.

Aqueles que se queixam de não conseguir a iluminação aconselho paciência e serenidade. A iluminação vem a nós quando dissolvemos o Eu Pluralizado, isto é, quando morremos de verdade nos 49 níveis do subconsciente.

Esses que andam cobiçando poderes ocultos, esses que usam o sexo-ioga como pretexto para seduzir mulheres, estão totalmente equivocados e caminham opostamente às metas e disciplinas que o gnosticismo universal estabelece.

Trabalhai nos três fatores da revolução da consciência de forma ordenada e perfeita.

Não cometais o erro de adulterar e de fornicar. Abandonai o borboleteamento. Aqueles que vivem borboleteando de flor em flor, de escola em escola, são na realidade candidatos seguros ao abismo e à Segunda Morte.

Abandonai a autojustificação e a autoconsideração. Convertei-vos em inimigos de vós mesmos, se é que de verdade quereis morrer radicalmente. Somente assim conseguireis a iluminação.

Parti do zero radical. Abandonai o orgulho místico, a mitomania, a tendência de vos considerar supertranscendentes. Todos vós sois somente animais intelectuais condenados à pena de viver.

Faz-se urgente e improrrogável que façais um inventário de vós mesmos para que consigais saber o que sois realmente.

Sejais humildes para alcançar a iluminação e, depois que a tenhais alcançado, sejais mais humildes ainda.

NESTA OBRA - A REVOLUÇÃO DA DIALÉTICA - ENTREGUEI A CIÊNCIA NECESSÁRIA PARA SE CONSEGUIR O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA. NÃO COMETAIS O ERRO DE LER ESTE LIVRO COMO QUEM LÊ UM JORNAL. ELE DEVE SER ESTUDADO PROFUNDAMENTE DURANTE MUITOS ANOS, VIVIDO E LEVADO À PRÁTICA.

SAMAEL AUN WEOR

Samael Aun Weor

Renúncia aos Direitos Autorais

"Hoje, meus queridos irmãos, e para sempre, renuncio, renunciei e seguirei renunciando aos direitos de autor. Tudo que desejo é que esses livros sejam vendidos de forma barata, ao alcance dos pobres, ao alcance de todos que sofrem e choram! Que o mais infeliz cidadão possa obter este livro com os poucos trocados que leva em seu bolso! Isso é tudo!"

(Samael Aun Weor, 1º Congresso Gnóstico Internacional, Guadalajara, México – 29/10/1976, [clique aqui para escutá-lo](#)).